

John Grisham



Calico Joe

Plano

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

John Grisham



Calico Joe

Reco

Um romance de JOHN GRISHAM

que vai muito além dos arremessos de beisebol.

Aba(s)

Corria o verão de 1973 quando Joe Castle se consagrou ídolo do beisebol nos Estados Unidos. Menino prodígio de Calico Rock, Arkansas.

Joe deslumbrou os torcedores dos Cubs ao fazer séries extraordinárias de *home runs*. Até mesmo Paul Tracey, filho de Warren Tracey, arremessador de um time adversário, ficou encantado com o talento do novato. Paul estava na arquibancada lotada no dia que seu pai enfrentou Calico Joe.

Hábil nas bolas rápidas e farrista fora dos campos, Warren lançou uma bola que mudaria a vida de todos de forma irreversível.

Nesse novo romance, John Grisham se aproveita da paixão nacional dos americanos para contar uma história sobre pais e filhos, perdão e redenção.

JOHN GRISHAM, que figura nas listas de *bestsellers* do mundo todo, é autor de mais de vinte romances, um título de não ficção e uma série de livros infantis.

A Rocco publica sua obra no Brasil.

A CÂMARA DE GÁS

A CASA PINTADA

A CONFISSÃO

A CONFRARIA

A FIRMA

A INTIMAÇÃO

CAMINHOS DA LEI

ESQUECER O NATAL

JOGANDO POR PIZZA

NAS ARQUIBANCADAS

O ADVOGADO

O CLIENTE

O CORRETOR

O DOSSIÊ PELICANO

O HOMEM QUE FAZIA CHOVER

O INOCENTE

O JÚRI

O NEGOCIADOR

O RECURSO

O REI DAS FRAUDES

O SÓCIO

O TESTAMENTO

O ÚLTIMO JURADO

OS LITIGANTES

TEMPO DE MATAR

Foto de capa: Ichiro / Getty images

Foto do autor: Jonas Karlsson

John Grisham

CALICO JOE

Uma questão de justiça

Tradução de

Antônio E. de Moura Filho

Rocco

Título original: CALICO JOE

Copyright © 2012 by Belfry Holdings, Inc.

Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 - 8- andar

20030-021 - Rio de Janeiro, RJ

Tel: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com. br

www. rocco. com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

revisão técnica

LEANDRO NUNES DA SILVA e

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BEISEBOL E SOFTBOL

preparação de originais: SÔNIA PEÇANHA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G888c Grisham, John, 1955-

Calico Joe: uma questão de justiça/John Grisham; tradução de Antônio E. de Moura Filho. - Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Tradução de: Calico Joe ISBN 978-85-325-2798-1

1. Ficção norte-americana. I. Moura Filho, Antônio E. de. II. Título.

12-6104 CDD-813

CDU-821.111(73)-3

Aquisição do livro e correção: **Nelson**

Digitalização e formatação: **Chuncho (LAVRo)**

1

Meu pai retirou o tumor do pâncreas semana passada, depois de uma operação de cinco horas que, segundo o cirurgião, foi mais difícil do que o previsto. Em seguida, veio a implacável notícia de que a maioria das pessoas em condições semelhantes não vivia mais que noventa dias. Sem saber da cirurgia, tampouco do tumor, eu não estava presente quando ele recebeu a sentença de morte. A comunicação não é prioridade para meu pai. Dez anos atrás, ele se divorciou de uma mulher e, quando fui saber, já tinha arrumado outra.

Sua atual esposa — a quinta, ou talvez a sexta — finalmente me ligou e, após se apresentar novamente, contou-me, sem nenhum rodeio, todos os detalhes sobre o tumor e suas implicações. Segundo Agnes, meu pai não passava bem e, por conseguinte, não queria falar. Respondi que ele nunca quis falar, independentemente do estado em que se encontrasse. Pediu-me que avisasse ao resto da família. Por pouco não perguntei “Pra quê?”, mas não quis criar caso com a coitada.

O resto da família é composto por minha irmã mais nova, Jill, e minha mãe. Jill mora em Seattle e, pelo que eu saiba, não fala com meu pai há pelo menos dez anos. É mãe de duas crianças pequenas que nunca conheceram e jamais conhecerão o avô. Minha mãe, depois de sobreviver a doze anos de casamento, deu a sorte de cair fora, levando nós dois, e algo me diz que a notícia não lhe causará o menor impacto.

Obviamente, não nos reunimos no Natal, tampouco trocamos presentes em frente à lareira.

Depois do telefonema de Agnes, sento-me à minha mesa de trabalho e imagino a vida sem Warren, meu pai. Passei a chamá-lo de Warren quando fui para a faculdade, pois ele era praticamente um estranho, muito mais uma pessoa qualquer do que propriamente um

pai. A maneira como passei a chamá-lo nunca o incomodou. Jamais ligou para isso e acho inclusive que, por ele, eu nem lhe dirigia a palavra. Eu, pelo menos, faço um sacrifício de vez em quando; ele, nem isso.

Alguns minutos se passam e acabo admitindo: a ausência de Warren não fará a menor diferença.

Ligo para Jill. Sua primeira dúvida, um tanto precipitada, é se irei ao funeral. Pergunta se acho que ela deveria tentar visitá-lo para dar um oi, despedir-se e fazer um teatro, passando a impressão de que está abalada, quando na verdade não dá a mínima. Ambos admitimos sentir a mesma coisa. Não temos um pinga de amor por Warren, pois ele nunca se preocupou conosco. Abandonou a família quando ainda éramos pequenos e, nos últimos trinta anos, agiu como se não existíssemos. Hoje, tendo nossas próprias famílias, achamos inconcebível que um pai seja imprestável para os próprios filhos.

— Não vou, não — finalmente declara. — Nem agora, nem depois. E você?

— Não sei. Vou pensar melhor.

Na verdade, sei que vou acabar indo. Apesar de ter cortado todos os laços, Warren ainda precisa resolver uma pendência fundamental antes de morrer.

Minha mãe mora em Tulsa com o segundo marido. Nos tempos de colégio, Warren era o grande destaque entre os atletas, e minha mãe, a rainha das paradas anuais da escola, a garota mais popular. O casamento dos dois sacudiu a pequena cidade onde moravam; porém, passados alguns anos ao lado de Warren, todo o frenesi acabou. Há décadas que não trocam uma palavra e, depois também, por que deveriam?

— Mãe, tenho más notícias — digo ao telefone, tentando dar à fala um tom um tanto pesaroso.

— O que foi? — ela dispara, provavelmente achando que se trata de um dos netos.

— Warren está doente. Câncer no pâncreas; tem menos de três meses de vida.

Uma pausa, um suspiro de alívio, e então:

— Gente, eu achava que ele já tivesse morrido.

É isso. Uma coisa que não vai se ver nesse funeral é um monte de parentes tristes.

— Sinto muito — diz da boca para fora. — Acho que você vai ter que encarar essa.

— Acho que sim.

— Não quero me incomodar com isso, Paul. Ligue só depois que tudo passar. Melhor ainda, nem ligue. Pouco me importa o que aconteça com Warren.

— Entendo, mãe.

Sei que ele a agrediu fisicamente algumas vezes, talvez muito mais do que eu tenha percebido. Além disso, era um cachaceiro, mulherengo, e o grande duro que dava na vida era como jogador profissional de beisebol. Arrogante, metido, acostumou-se, desde os 15 anos, a ter tudo o que queria, pois ele, Warren Tracey, conseguia furar um muro com uma bola de beisebol.

Mudamos de assunto e falamos das crianças e de quando ela planejava visitá-las novamente. Linda e inteligente que é, minha mãe refez a vida depois de Warren. Casou-se com um homem um pouco mais velho, executivo de uma petrolífera. Foi graças a ele que tivemos uma casa decente para viver. Ele ama minha mãe, e isso é o que importa.

Duvido que Warren algum dia a tenha amado.

2

No verão de 1973, os Estados Unidos, aos poucos, se refaziam do trauma da guerra no Vietnã. Spiro Agnew estava em apuros e acabaria renunciando. O caso Watergate já chocava a nação, mas era apenas a ponta do iceberg. Eu tinha 11 anos e uma vaga noção do que acontecia no mundo, mas gozava do enorme privilégio de não ser afetado por nenhuma dessas desgraças. Meu mundo era o beisebol, e quase nada mais importava. Meu pai era *pitcher*[1] dos Mets, e eu sofria e vibrava a cada partida. Eu também jogava como *pitcher* pelos Scrappers na Minor League de White Plains, e, por ser filho de quem era, sentia a imensa pressão das expectativas em relação a mim. Apesar dos momentos promissores, quase sempre deixei a desejar.

No início de julho, a disputa pelo campeonato da National League East perdeu o brilho. Todas as seis equipes — os Mets, os Pirates, os Cardinals, os Phillies, os Cubs e os Expos — registravam uma média em torno de 0,500 e mostravam pouco entusiasmo para fazer um *run*. No Oeste, os Reds e os Dodgers estavam se afastando. Na Liga Americana, os Oakland As, com atitude intimidadora, uniformes coloridos e cabelos longos, tentavam repetir o campeonato de 1972.

Junto com os amigos, eu acompanhava todos os jogos religiosamente. Conhecíamos cada jogador e cada estatística. Conferíamos todos os *box scores*, e depois imitávamos os lances das partidas nos terrenos baldios de White Plains. O clima lá em casa nem sempre era dos melhores, e eu encontrava no campo uma válvula de escape. O beisebol era meu melhor amigo e, em meados de julho de 1973, o esporte estava prestes a passar por um período eletrizante, sem precedentes.

A coisa começou timidamente com um tendão da perna distendido. O jogador do time de base dos Cubs em Wichita se

contundiu ao fazer a volta rumo ao *home*. No dia seguinte, Jim Hickman, o primeira-base dos Cubs, lesionou as costas. De uma hora para outra, foi preciso que alguém o substituísse, e então recorreu-se à equipe AA em Midland, Texas, onde convocou-se um tal de Joe Castle, na época com 21 anos de idade. Castle já trazia no currículo uma média de 0,395, vinte *home runs*, cinquenta RBIs (corridas impulsionadas), quarenta bases roubadas e um único erro na primeira base. Era o melhor jogador dos AA e já causava o maior *frisson*.

Dizem que Castle estava dormindo no apartamento muito simples que dividia com outros jogadores da Minor League quando ligaram de Chicago. Um auxiliar técnico o levou de carro ao aeroporto em Midland, onde pegou um avião para Houston. Esperou duas horas por um voo para a Filadélfia. Enquanto esperava, ligou para a família no Arkansas, contando a excelente notícia.

Ao chegar à Filadélfia, pegou um táxi até o Veterans Stadium. Lá rapidamente arranjaram-lhe um uniforme número 42 e o empurraram às pressas para dentro do campo. Os Cubs já estavam treinando. Estava visivelmente nervoso, empolgado, quase perplexo, e quando o gerente, Whitey Lockman, disse “Relaxa. Você vai começar na primeira base e será o sétimo a rebater”, Castle sentiu dificuldade para segurar o bastão, novinho em folha. Em sua primeira rodada de treinos na Major League, tentou rebater os dois primeiros arremessos e falhou.

Não voltaria a falhar por muito tempo.

No banco dos jogadores, antes da partida, Joe se reuniu com o veterano Don Kessinger, interbase dos Cubs e outro cara do Arkansas. Kessinger tinha sido um *All-American* no beisebol e no basquetebol no Ole Miss, e era comunicativo e calmo. Conseguiu tranquilizar o garoto. Seu único conselho foi:

— Vá lá e rebata!

O *center fielder* dos Cubs, Rick Monday, era outro veterano, natural de Batesville, Arkansas, bem próximo à casa de Joe, a alguns metros abaixo do rio White. Entre Kessinger e Monday, Joe conseguiu sobreviver à pior crise de nervosismo pré-partida que um jogador pudesse imaginar.

Era quinta-feira, 12 de julho, um dia que ficaria na memória do beisebol por muito tempo.

O *pitcher* dos Phillies era Benny Humphries, um canhoto violento nas bolas rápidas, que cedia *walks* tanto quanto fazia *strikeouts*. Ao se

dirigir para o *plate* no primeiro *inning*, Joe contraiu a mandíbula e mais uma vez disse a si mesmo para rebater o primeiro arremesso, onde quer que fosse. Humphries achou que deveria mostrar ao novato que na primeira divisão o buraco era mais embaixo e então mandou brasa, arremessando com toda força. Joe, do lado direito, previu uma bola rápida, acertou em cheio e rebateu; a bola foi parar vinte fileiras atrás no centro esquerdo do campo. Ele disparou para fazer a volta pelas bases, empolgado demais para qualquer corridinha de vitória. Antes mesmo de recuperar o fôlego, já estava no banco, sendo calorosamente parabenizado pelos colegas.

Ele não foi o primeiro jogador da Major League a fazer um *home run* no primeiro arremesso. Na verdade, foi o décimo primeiro. Quarenta e seis fizeram *home runs* na primeira oportunidade de rebatida, onze no primeiro arremesso. Contudo, seu nome foi parar nos registros. A temporada estava aberta, e Joe Castle ainda não tinha acabado.

No quinto *inning*, Humphries iniciou com uma bola rápida bem alta e forte, um *brushback* — um arremesso intimidador — que servia de aviso, mas Joe não entendeu a mensagem. Aumentou o placar para 3 a 1, então meteu o bastão na bola rápida, mandando-a para a linha esquerda do campo, onde praticamente raspou a parte interna do *foul pole*. O juiz da terceira base logo girou o dedo indicador direito sinalizando um *home run*. Joe, que dava a volta pela primeira base, de olho na bola, tomou um impulso e deu uma leve reduzida na velocidade ao se aproximar do *plate*. Agora, um recorde pertencia apenas a ele e a outro jogador. Em 1951, Bob Nieman, dos St. Louis Browns, fez um *home run* rebatendo nas duas primeiras vezes pela Major League.

* * *

Os Mets jogariam contra os Braves em Atlanta naquela noite, e a partida não foi televisionada. Eu estava no porão da casa de Tom Sabbatini, ouvindo Lindsey Nelson — o maravilhoso comentarista dos Mets que passava os mínimos detalhes das partidas — informar o que acabara de acontecer na Filadélfia. Lindsey delirou logo de cara:

— Ele marcou um recorde, pessoal! Lembrem-se dos milhares de jovens atletas do beisebol! Apenas dois fizeram *home runs* nas duas primeiras oportunidades de rebatida.

— Será que ele consegue fazer três vezes? — indagou Ralph Kiner, o rebatedor que entrou para o Hall da Fama e foi companheiro inseparável de Lindsey.

Os Cubs eliminaram Humphries no sexto *inning*, e os Phillies entraram com Tip Gallagher, um reserva que arremessava de direita. Quando Joe deixou o círculo de espera no início do sétimo *inning*, o jogo empatou em 4 a 4. A torcida dos Phillies, comumente barulhenta, emudeceu. Nada de aplausos, só curiosidade. Para a surpresa de todos, Joe rebateu de esquerda. Como não havia nenhum relatório de desempenho, os Phillies não sabiam que ele era um rebatedor ambidestro — um *switch-hitter*. Ninguém se preocupou em observá-lo durante os treinos. Devolveu uma bola curva baixa e bateu dois *fouls* com as duas bolas rápidas seguintes. Com dois *strikes*, se curvou levemente e segurou o bastão sete centímetros acima. Na temporada anterior, jogando pela Liga Texana, ele registrava o menor percentual de *strikeout* de qualquer rebatedor. Joe Castle era perigosíssimo com dois *strikes*.

Um *slider* saiu abaixo da zona de *strike*, então Gallagher mandou uma bola rápida. Joe encarou o arremesso e rebateu com toda força para a esquerda do centro, uma bola a meia altura que foi subindo até ultrapassar um metro e meio do muro. Enquanto dava a volta nas bases pela terceira vez consecutiva, Joe batia um recorde que parecia insuperável. Nenhum outro novato jamais marcara *home runs* em suas três primeiras rebatidas.

Joe Castle nasceu em Calico Rock, Arkansas, um pequeno e pitoresco vilarejo localizado na serra sobre o rio White, no extremo leste das montanhas Ozark. Era território dos Cardinais desde a época de Dizzy Dean, um jovem roceiro e líder da abominável Gangue Gashouse nos anos de 1930. Seu irmão Paul, vulgo Daffy, também jogava como *pitcher* na mesma equipe. Em 1934, no auge da fama da Gangue, Dizzy previu durante o treino de primavera que ele e Daffy conquistariam cinquenta vitórias. Chegaram a quarenta e nove — trinta para Dizzy e dezenove para Daffy. Vinte anos depois, Stan Musial, o maior entre todos os Cardinais, foi mais do que reverenciado: foi venerado. Com um rádio em todas as varandas, a cidade, assim como outras inúmeras no Meio-Oeste e no Extremo Sul, acompanhava os amados Cardinais apaixonadamente durante as longas e quentes noites de verão. A KMOX de St. Louis transmitia as partidas, e as vozes familiares de Harry Caray e Jack Buck se ouviam em todas as ruas e em todos os carros.

No dia 12 de julho, entretanto, toda a cidade de Calico Rock trocou de estação, passando para a WGN de Chicago; os amigos e parentes de Joe não desgrudavam do rádio. Não havia maior rivalidade na Liga Nacional do que a dos Cardinais e dos Cubs.

Embora muitos em Calico Rock achassem inacreditável que estivessem torcendo pelos odiados Cubs, era exatamente o que faziam naquele momento: torcendo e fervorosamente. Em questão de horas, tornaram-se torcedores dos Cubs. Após o primeiro *home run*, uma multidão logo se aglomerou na porta da drogaria Evans na Main Street. O segundo *home run* causou o maior alvoroço, e a multidão não parava de crescer. Quando os pais de Joe, os dois irmãos com as esposas e os filhos pequenos chegaram para participar da celebração, foram recebidos com abraços apertados e muita gritaria.

O terceiro *home run* levou toda a cidade à loucura. A celebração ocorria também pelas ruas e bares de Chicago.

Tão impressionante quanto as três primeiras rebatidas, a quarta daria a Joe a admiração eterna por parte dos puristas do beisebol. No início do nono *inning*, um empate de 6 a 6, dois *outs*, Don Kessinger posicionado na terceira base, um jogador destro chamado Ed Ramon, que tinha mão bem firme, na base de lançamento. Quando Joe se dirigiu ao *plate*, parte dos dezoito mil torcedores aplaudiu educadamente, fazendo, assim, um silêncio estranho no Veterans Stadium. O primeiro arremesso de Ramon foi uma bola rápida na parte de fora do *plate*. Joe aguardou, manobrou o bastão feito um cabo de vassoura e acertou a bola, mandando-a alguns centímetros para fora do círculo na primeira base. Foi uma *foul*, mas impressionou. Ernie Banks, o técnico de primeira base dos Cubs, não teve tempo para reagir. Se a bola o tivesse atingido, teria sido gravemente ferido. Willie Montanez, o primeira-base dos Phillies, foi para a esquerda, mas somente depois que a bola tinha batido contra a arquibancada e já rolava para dentro da direita do campo. Instintivamente, Montanez deu dois passos para trás. Joe percebeu e mudou os planos. O segundo arremesso foi um *changeup*, bem alto. Com o placar marcando 1 a 1, Ramon tentou mandar outra rápida. Assim que ele arremessou, Joe hesitou por uma fração de segundo e se mandou para a primeira base, acompanhando a bola com o bastão. Tocou levemente na bola e a mandou em direção ao defensor de segunda base, Denny Doyle, que estava tão perplexo quanto Ramon, Montanez e todos ali no estádio. Quando Doyle alcançou a bola, ou a bola alcançou Doyle, Joe já estava a três metros da primeira base e reduzia a velocidade ao longo da linha de jogo no campo direito. Kessinger marcou o *home* e por fim deu a corridinha da vitória. A multidão ficou parada, em silêncio, atordoadas. Os jogadores das duas equipes não acreditavam no que presenciavam. Em vez de aproveitar a chance de marcar quatro *home runs* em uma partida — uma façanha que o beisebol tinha visto apenas

nove vezes em cem anos —, o cara decidiu rebater com um *drag bunt* perfeito e fazer o *go-ahead run*.

A maioria das pessoas que acompanhavam a partida pelo rádio ali na Main Street em Calico Rock tinha visto um *drag bunt* idêntico, embora pouquíssimas vezes Joe Castle tivesse precisado de algo assim. Já tinham visto muitos outros lances milimetricamente calculados e *inside-the-park home runs*. O irmão mais velho de Joe, Charlie, que estava sentado em um banco na porta da drogaria, ensinara-lhe o *drag bunt* quando ele tinha 10 anos. Ensinara-o também a rebater com as duas mãos, a roubar as bases e a rebater para a *foul line* os arremessos que estavam próximos, mas que ele não queria. O irmão do meio, Red, o tinha treinado com milhares de bolas rasteiras e o ajudara a aperfeiçoar os passos na primeira base. Os dois irmãos ensinaram-no a brigar.

— Por que ele rebateria com um *bunt*? — alguém da multidão perguntou a Charlie.

— Pra fazer o *run* e ganhar. — Foi a resposta simples e direta que Charlie deu.

Os comentaristas dos Cubs, Vince Lloyd e Lou Boudreau, vasculharam o livro de recordes durante o jogo e estavam certos de terem levantado os dados precisos. Era a primeira vez que um jogador marcava três *home runs* na primeira partida da carreira. Quatro rebatidas consecutivas em uma primeira partida emparelhavam-se a um recorde da era moderna, embora outro estreante tivesse feito cinco em 1894.

Os Chicago venceram por 7 a 6 e, no final da partida, quase todos os torcedores dos Cubs estavam com o rádio ligado. Não queriam perder aquele evento histórico por nada neste mundo. Lou Boudreau prometeu aos ouvintes que logo transmitiriam uma entrevista com Joe.

A multidão em Calico Rock não parava de crescer. Estavam todos eufóricos e visivelmente orgulhosos. Meia hora após o término da partida, surgiu a voz de Lou Boudreau no rádio, dizendo:

— Estou aqui diretamente do vestiário da equipe visitante com Joe Castle que, como todos podem imaginar, está cercado de repórteres. Aqui está ele.

De repente, fez-se silêncio total na Main Street em Calico Rock;

ninguém se moveu ou falou.

— E aí, Joe! Nada mau para uma partida de estreia. No que está pensando agora?

— Bem, gostaria de mandar um abraço para meus parentes e amigos lá de Calico Rock. Queria muito que estivessem aqui. Nem acredito ainda no que aconteceu.

— Joe, o que passou por sua cabeça quando pisou no *home plate* no segundo *inning*?

— Eu estava prevendo uma bola rápida e me preparando para meter o bastão no primeiro arremesso. Acho que dei sorte, sei lá.

— Você é o primeiro jogador na história a fazer *home run* nas três primeiras rebatidas. Entrou para o livro dos recordes.

— Acho que sim. Estou muito feliz pela oportunidade. Ontem à noite, a esta hora, eu jogava em Midland, Texas. Ainda é difícil acreditar.

— De fato. Preciso fazer uma pergunta que certamente já fizeram: o que pensava no nono *inning*? Teve a chance de marcar quatro *home runs* em um jogo, mas ainda assim rebateu com *bunt*.

— Eu estava pensando em uma coisa: mandar o Don da terceira base para o *home* e conseguir o *go-ahead run*. Adoro jogar beisebol, mas não tem graça quando a gente perde.

— Bem, você está com a bola toda. Acha que consegue manter o nível no jogo de amanhã?

— Ainda não pensei no jogo de amanhã. Vou sair pra jantar com Don e outros colegas, e com certeza vamos falar sobre isso.

— Boa sorte.

— Muito obrigado!

Poucos em Calico Rock foram dormir antes de meia-noite.

Como prometido, minha mãe me acordou às seis para que eu assistisse aos noticiários da manhã transmitidos de Nova York. Estava louco para ver Joe Castle. O Canal 4 mostrou os melhores momentos das partidas da Liga Nacional. Os Mets ganharam em Atlanta, marcando mais de 0,500 em dois jogos. Daí apareceu Joe Castle

disparando pelas bases na Filadélfia uma, duas, três vezes. O *drag bunt*, entretanto, ganhou tanto espaço na mídia quanto os três *home runs*. O cara parecia voar.

Minha mãe foi pegar o *New York Times* lá na frente de casa. Na primeira página da seção de esportes havia uma foto em preto e branco de Joe Castle e uma matéria bem grande sobre sua estreia histórica. Peguei a tesoura e recortei a reportagem com a qual dei início ao primeiro de uma série de álbuns que eu viria a colecionar meticulosamente. Quando os Mets estavam na cidade e meu pai ficava em casa, eu acabava tendo de guardar os jornais por uns dias para recortar as matérias de beisebol.

Eu adorava quando os Mets viajavam. Meu pai ia com eles, e deixava a casa mais agradável. Afinal, ficávamos em paz. Sua presença mudava o clima completamente. Era um sujeito egocêntrico, implicante, incapaz de fazer uma gentileza para a família. Nunca conseguiu mostrar seu talento, o que era sempre culpa dos outros — do gerente, dos colegas de equipe, dos proprietários do clube, até dos juízes. Nas noites após os jogos, chegava em casa às tantas, embriagado. Era aí que os problemas começavam. Desde os 11 anos eu já desconfiava de que meus pais não fossem terminar juntos.

Ele raramente ligava para casa quando viajava com os Mets. Muitas vezes imaginei que seria muito legal se, depois de um jogo, meu pai conversasse comigo sobre beisebol. Eu acompanhava todos os jogos dos Mets — fosse pela TV ou pelo rádio — e tinha uma porção de perguntas para fazer, mas acho que ele estava ocupado demais, na gandaia com os colegas.

Para mim, era uma alegria enorme jogar beisebol quando meu pai não estava assistindo. Devido à agenda, ele raramente conseguia assistir aos meus jogos, o que era um alívio indescritível. Entretanto, quando ele comparecia, eu perdia por completo a vontade de jogar. A caminho do campo, ainda no carro, ele enchia o saco. Não, parava de dar sermão, irritava-se, gritando coisas desagradáveis para mim durante os jogos. O pior de tudo é que depois me repreendia até chegar em casa. Uma vez, enquanto saíamos do estádio, chegou a me dar um tabefe dentro do carro. Desde os 7 anos de idade, chorei após todos os jogos de que participei e a que meu pai assistiu.

3

Conheci Sara na Universidade de Oklahoma, quando cursávamos o penúltimo ano. Nós nos casamos um mês depois de nos formarmos. Warren foi convidado tanto para a formatura quanto para o casamento, mas não deu as caras em nenhum dos eventos, o que não foi surpresa para ninguém.

Temos três lindas filhas e moramos em Santa Fé, onde desenvolvo softwares para uma empresa aeroespacial. Antes de termos as meninas, Sara trabalhava como decoradora, mas resolveu se dedicar completamente à maternidade. Obviamente, recebi com enorme alegria todas as três filhinhas saudáveis com que fomos contemplados e não fiquei nem um pouco decepcionado por não ter tido um menino. Muito pelo contrário. A última coisa que eu desejava era ver meu filho brincando com uma bola de beisebol. A maioria de meus amigos tem um ou dois filhos homens e todos, de certa forma, ensinaram os meninos a jogar. Estou certo de que eu teria me sentido tentado a fazer o mesmo com um filho, de forma que para mim é um alívio ter tido só meninas.

Abandonei o beisebol aos 11 anos de idade e há trinta não assisto a um *inning* sequer.

Trabalho em uma dessas empresas de visão com toda sorte de benefícios e políticas flexíveis. Daria praticamente para eu trabalhar de casa, mas gosto do escritório, dos colegas e até mesmo dos chefes. É muito prazeroso ver um software tomar forma, evoluir e, por fim, chegar ao mercado.

Explico a meu chefe que preciso me afastar por alguns dias para fazer uma rápida viagem por motivos pessoais. Ele concorda. Conto meus planos a Sara, que entende perfeitamente. Ela conhece a história e acho que ambos sabíamos que essa viagem um dia seria inevitável.

Pego o carro e vou ao aeroporto de Santa Fé, onde compro uma

passagem de ida para Memphis.

Aos 35 anos, Warren convenceu um velho amigo na organização Orioles a lhe conceder um último teste para participar das partidas que antecipam a temporada oficial: o treino de primavera. Embora ainda arremessasse com firmeza, faltava-lhe controle; além disso, com o filme para lá de queimado, não era benquisto por time algum. Vacilou na primeira partida e, no dia seguinte, foi eliminado. Ligou para casa e avisou a minha mãe que permaneceria na Flórida, onde, segundo disse, um time da Minor League queria contratá-lo como treinador de *pitchers*. Eu sabia muito bem que era tudo mentira. Na época, já com 12 anos, eu tinha plena consciência de que meu pai era um mentiroso incorrigível. Alguns meses depois, ela pediu o divórcio e, ao final do ano letivo, mudamo-nos para a casa de seus pais em Hagerstown, Maryland.

Warren Tracey pendurou as chuteiras com um currículo de sessenta e quatro vitórias e oitenta e quatro derrotas, uma média de corridas merecidas — *earned runs average* (ERA) — de 5,85. Em dezesseis temporadas, jogou com os Pirates, Giants, Indians, Royals, Astros, Mets e passou mais tempo com as equipes da Minor League do que com as da Major League. Os três anos que passou com os Mets foi o maior tempo que ficou em uma equipe e foi rebaixado para equipes de base pelo menos umas quatro vezes. Eliminou 430 rebatedores por *strikeout* e cedeu 416 *walks*. A única fama que ganhou foi em 1972 por encabeçar a lista de *pitchers* que acertaram rebatedores propositalmente. Nenhum lugar prestava para Warren, e quando seu passe não estava sendo vendido, ele estava exigindo que o vendessem. Não teve uma carreira lá muito brilhante, mas quem entende de beisebol sabe que apenas um em dez jogadores que assinam um contrato com um time da Minor League consegue chegar à primeira divisão para um único jogo que seja. Quando eu era bem criança e ainda me deixava impressionar com qualquer coisa, orgulhava-me do fato de meu pai jogar na primeira divisão. Na minha rua, eu era o único moleque que podia se gabar de uma coisa dessas. Entretanto, à medida que fui crescendo, cada vez mais desejei que meu pai fosse um cara comum, do tipo que curtisse jogar um pouco no quintal e ensinasse o filho a jogar.

Quando estava nos Mets, ele partia todo ano, no início de janeiro, para o treino de primavera, muito antes do prazo que tinha para se apresentar. Dava uma porção de desculpas, mas a verdade era que ele queria se afastar de casa, jogar golfe todo dia, pegar um bronze, encher a cara e reencontrar as ex-namoradas. Para mim e Jill,

pouco importava a desculpa que ele dava. Para nós, sua ausência era um alívio.

Depois do ano em Hagerstown, minha mãe nos contou que ele tinha se casado novamente na Flórida, o que nos assustou, pois ele e a nova esposa podiam decidir formar uma família.

No trecho entre Dallas e Memphis, abro meu antigo álbum de Joe Castle. Nele, uma coleção de recortes de jornais, artigos de revistas, a edição da *Sports Illustrated* de 6 de agosto estampando Joe na capa e o item mais importante para mim naquele inesquecível verão de 1973: uma foto oito por dez em preto e branco de sua face jovial e sorridente. Na parte inferior da foto, ele escrevera bem legível: “Para Paul, com meus melhores votos de felicidades”, e logo a seguir, seu autógrafo. Eu tinha uma enorme coleção dessas fotos quando era garoto. Eu e a garotada mandávamos cartas para centenas de jogadores profissionais, pedindo fotos autografadas. Vez ou outra recebíamos uma resposta, e a chegada de uma foto pelo correio era motivo de festa. Meu pai recebia algumas dessas cartas, mas sentia-se importante demais para atender aos pedidos. Queixava-se o tempo inteiro dos fãs que pediam autógrafos.

Eu escondia meus álbuns do meu pai. Em sua opinião distorcida, ele era o único jogador de quem eu podia ser fã.

Depois que larguei o esporte, minha mãe discretamente guardou minhas tralhas de recordação no sótão. Devolveu-me as duas caixas de papelão cheias, imediatamente após minha formatura. A princípio tive vontade de queimá-las, mas Sara interveio, e as lembranças continuam sãs e salvas até hoje.

É a primeira vez que vou a Memphis em agosto e, quando saio do aeroporto, sinto dificuldade em respirar. Em questão de minutos, o ar quente e muito úmido ensopa de suor a minha camisa. Pego um ônibus até a Avis, alugo um carro, ligo o ar-condicionado e vou para o oeste, do outro lado do rio Mississippi, pegando a área agrícola de terrenos planos do delta do Arkansas.

Calico Rock fica a quatro horas daqui.

4

Na sexta-feira, dia 13 de julho de 1973, a página principal do caderno de esportes do *Chicago Tribune* trazia a manchete em negrito: “Quatro de Quatro”. Acompanhando, uma foto bem grande em preto e branco de Joe Castle e três diferentes matérias sobre sua histórica estreia. Toda a cidade só falava no “garoto”. Para uma tribo endurecida pelos anos de frustração, os torcedores dos Cubs desfrutavam de um raro momento de prazer.

Joe dormiu no hotel, ligou para os pais a cobrar e conversou por uma hora com eles e os irmãos. Em seguida, tomou um café da manhã tardio e bem demorado com Don Kessinger e Rick Monday. Matou mais um tempo ligando para os colegas de equipe em Midland. Os repórteres estavam no seu encalço, mas ele já tinha se cansado do assédio. Às 16 horas, Joe entrou no ônibus da equipe rumo ao Veterans Stadium, que ficava próximo dali. No vestiário, Whitey Lockman se aproximou e disse:

— Hoje você vai ser o terceiro rebatedor; vê se não faz merda. Duas horas antes do início da partida, Joe entrou no campo, alongou-se, fez um aquecimento e rebateu cem bolas rasteiras na primeira base. Parecia que o tempo tinha parado. Estava louco para começar logo a partida.

Quando Joe chegou ao *plate* com dois *outs* no início do primeiro *inning*, havia quarenta e cinco mil torcedores dos Phillies no estádio. Havia também milhares de torcedores dos Cubs grudados à TV e ao rádio. Com a contagem em duas bolas, ele mandou uma dupla no canto do campo direito. Cinco de cinco. No início do terceiro *inning*, com as bases lotadas, conseguiu uma rebatida simples para a direita e impulsionou duas corridas. Seis de seis. No quinto, com as bases vazias, dois *outs* e o *infield* afastado, ele bloqueou com um *bunt* de direita e mandou a bola para a terceira base. Enquanto Mike Schmidt agarrava sem luva, Joe já passava voando pela primeira base, e não

houve arremesso. Sete de sete. No sétimo *inning*, ele rebateu uma bola rápida que ricocheteou no placar no campo central esquerdo. Enquanto percorria as bases, já um pouco mais lento, os torcedores dos Phillies aplaudiram com discrição, mas por um longo tempo.

Oito de oito.

Com dois *outs* no início do nono *inning*, e os Cubs arrasando por 12 a 2, Joe rebateu de esquerda. Já tinha feito duas rebatidas simples, uma dupla e feito um *home run*, e muitos dos espectadores rezavam para ver e ouvir uma tripla. No rádio, Vince Lloyd e Lou Boudreau estavam abertamente suplicando por uma. Completar um ciclo em uma única partida — uma rebatida simples, seguida de uma dupla, uma tripla e um *home run* — era algo muito raro no beisebol. Em média, essa façanha acontecia três vezes por temporada, e já que Joe parecia disposto a quebrar todos os recordes, por que não rebater um ciclo inteiro? Só que, em vez disso, ele mandou dez *fouls* seguidas para se manter no *plate*, foi marcando a contagem e então fez um dos mais longos *home runs* da história do Veterans Stadium. Quando chegou à terceira base, Mike Schmidt disse:

— Nada mau, garoto!

Nove de nove, com cinco *home runs*.

As ruas da Zona Norte de Chicago foram tomadas por uma enorme euforia.

Após a partida dos Scrappers, nossa última na temporada regular, a equipe deu uma festinha no quintal de Tom Sabbatini. O pai dele acendeu a grelha para preparar cachorros-quentes e *cheeseburgers*. A maioria dos pais compareceu, inclusive minha mãe. Meu pai ia jogar naquela noite em Atlanta, mas não estávamos interessados naquele jogo. Sr. Sabbatini apareceu com um rádio extraordinário, e ouvimos a WCAU da Filadélfia. Naquela época era muito comum passar pelas estações em um rádio de transistor e escutar transmissões de jogos de Nova York, Filadélfia, Boston, até mesmo de Montreal e Baltimore. A noite, eu sempre passava horas no quarto acompanhando vários jogos.

Cada vez que Joe Castle pisava no *plate*, a festa parava e nós nos aproximávamos do rádio. Harry Kalas, o comentarista dos Phillies, ia se empolgando com o avanço da partida, embora seu time estivesse levando uma surra. Com cada rebatida de Joe e, sobretudo, com os dois *home runs*, gritamos e pulamos como se fôssemos torcedores inveterados dos Cubs. A certa altura, Harry disse:

— Acho que hoje uma porção de ouvintes, torcedores dos Cubs, estão nos acompanhando, sobretudo na cidadezinha de Calico Rock no Arkansas.

Quando Joe apareceu no nono *inning*, ficamos tão nervosos que chegamos a pular nas pontas dos pés. Após cada *foul*, respiramos fundo e então nos aproximamos mais do rádio. Harry disse:

— Dois *strikes* para Castle.

Ouvimos o estalo do bastão e Harry, com todo seu estilo pessoal de narrar um *home run*, descreveu o que acontecia:

— E aí vem o arremesso... um *drive*... e a bola dispara! No *upper deck*... território de Mike Schmidt... território de Greg Luzinski. Cinco de cinco... Nove de nove. É incrível, caros torcedores! Simplesmente incrível!

Aquele episódio ia ficar na história do beisebol e, apesar de termos apenas 11 anos e estarmos bem distantes do jogo, tínhamos a sensação de fazermos parte dele. Já tínhamos checado o cronograma e sabíamos que os Cubs só chegariam ao Shea Stadium no final de agosto. A galera já falava em comprar ingressos.

Após três jogos na Filadélfia e dez em outras cidades, os Cubs estavam indo para casa. Enquanto Harry Kalas se despedia dos ouvintes, disse:

— Mal consigo imaginar a recepção que Joe Castle vai ter amanhã à tarde no Wrigley Field. Eu adoraria estar lá.

Os Cubs partiram da Filadélfia à meia-noite e chegaram duas horas depois a O'Hare. Enquanto a equipe entrava em um ônibus na saída do aeroporto, Joe Castle sentiu o primeiro gosto da fama. Vários torcedores dos Cubs aguardavam atrás de uma grade para ver seu novo astro. Ele se aproximou, trocou alguns apertos de mãos, agradeceu ao pessoal pela presença ali àquela hora. Em seguida, voltou para o ônibus, onde os colegas o aguardavam, loucos para partir, mas ao mesmo tempo curtindo aquele momento. A direção reservou um hotel com nomes falsos, e Joe finalmente adormeceu às 3 horas da manhã.

Pouco depois, os pais e os dois irmãos deixaram Calico Rock e pegaram a estrada, uma longa jornada até Chicago. Os Cubs jogaram contra os Giants às 14 horas no sábado, e somente uma morte súbita

os afastaria do Wrigley.

A TV a cabo só apareceria três anos mais tarde, e os únicos jogos televisionados em rede nacional eram os da World Series, os All-Star Game e os NBC Game of the Week, na tarde de sábado, com Curt Gowdy e Tony Kubek. A partida de 14 de julho seria transmitida do Tiger Stadium em Detroit, onde os As se encontravam no momento. Ao amanhecer, a NBC, junto com o resto do mundo do beisebol, acordou para a irresistível história de Joe Castle e sua alucinante estreia na Filadélfia. De repente, o maior jogo do dia era o dos Cubs contra os Giants; de fato, nenhum outro jogo se equiparava em importância. Todos os apreciadores de beisebol nos Estados Unidos estavam loucos para ter notícias do Wrigley.

Chovia em Detroit; era uma chuva fina, mas chata. De madrugada, a NBC tomou a decisão controversa e inesquecível de transferir o Game of the Week para Chicago. Os Tigers e os As passaram algumas semanas reclamando, mas ninguém lhes deu ouvidos. Joe Castle era o astro da liga profissional de beisebol em julho de 1973, e a NBC jamais se arrependeu da decisão. Valeu a pena correr o risco; aquele jogo também entraria para a história.

Curt Gowdy e Tony Kubek acordaram em Detroit, pegaram um avião para Chicago, onde a NBC se ocupava da equipe de produção, tentando distribuir o maior número possível de câmeras no Wrigley. O canal pedia a Deus que fizesse sol. No meio da manhã, o tempo estava melhor em Detroit do que em Chicago; de fato, quando o jogo dos Tigers começou às 14 horas, não havia uma única nuvem no céu. Gowdy e Kubek admitiriam mais tarde que ficaram empolgadíssimos com a mudança de lugar em razão da efervescência no Wrigley Field.

Em 1957, Kubek, que já vinha jogando como *shortstop* para os Yankees, enfrentou um tal de Walt Dropo, mais conhecido como Moose, pois tinha 1,94m de altura e pesava 110 quilos. Em 1950, Dropo foi o Estreante do Ano da Liga Americana, mas as lesões logo descarrilariam uma carreira promissora. Nas onze temporadas seguintes, Moose Dropo jogou em diversas equipes da American League e rebateu 0,270 com 152 *home runs*, números consideráveis, mas nada que mereça estar escrito na história do esporte. Entretanto, em julho de 1952, enquanto jogava pelos Detroit contra os Yankees, ele aproveitou muitíssimo bem doze oportunidades consecutivas de rebatida, sem nenhum *walk*. Foi um feito e tanto, um recorde considerado por muitos especialistas como insuperável.

De repente, a carreira esquecida de Moose Drogo chamava a atenção. A edição de sábado do *Chicago Sun-Times* publicou uma antiga foto de Drogo ao lado de uma nova de Joe Castle; logo abaixo das fotos, em negrito, lia-se a pergunta: “Doze Consecutivos?” A seção de esportes do *Tribune* alardeava: “Nove de Nove!”

O Wrigley Field foi construído em 1914 e, após décadas de inúmeras obras de expansão, sua capacidade aumentou para 41 mil. Na temporada anterior, em 1972, os Cubs receberam uma média de 16.600 torcedores em cada partida jogada em casa. Até a chegada de Joe Castle, os Cubs de 1973 estavam recebendo uma média de 16.800 torcedores. Naquele sábado, às 10 horas, o povo se amontoava nas bilheterias do Wrigley. Formavam-se filas enormes que corriam a Addison Street. Festejava-se nos terraços dos prédios para além do campo esquerdo. O Wrigleyville estava vivo e, à medida que a manhã avançara, a agitação se intensificou. Todos tentavam desesperadamente comprar ingressos.

Um gerente de equipamentos dos Cubs tirou Joe do hotel e o enfiou por uma discreta porta de manutenção logo abaixo das arquibancadas do *right field*. Quando Joe deu o primeiro passo no gramado do Wrigley, já passava um pouco das 11 horas. Ele dormira menos de três horas, pois dormir era tarefa impossível. Os portões tinham sido abertos, e as arquibancadas lotaram rapidamente. Ninguém o reconheceu sem uniforme. Próximo do banco dos jogadores do local, ele se apresentou a vários dos funcionários que cuidavam do gramado e educadamente se recusou a dar entrevista a um repórter. No vestiário dos Cubs, admirou seu novo armário enquanto vestia o uniforme. Serviram um almoço leve, e Joe comia um sanduíche com Don Kessinger quando o treinador disse:

— Joe, seus pais estão aqui.

Em um corredor estreito do lado de fora do vestiário, Joe abraçou a mãe, o pai e os irmãos, Red e Charlie. Os cinco, deslumbrados, mal conseguiam acreditar no que viviam naquele momento. Joe talvez fosse o mais equilibrado.

— É só beisebol, pessoal — ele disse. — Mais cedo ou mais tarde eles vão me afastar.

Como era de esperar, Red deu um conselho:

— Não pare de rebater. Se estiver próximo, não arrisque.

Charlie acrescentou:

— Você vai ver o circo pegar fogo, irmão. Não vai mais rolar essa historinha de bola rápida. Não chegue perto!

— Tudo bem, tudo bem — aceitou Joe às gargalhadas e então levou a família para conhecer rapidamente o vestiário. Estavam todos encantados, vivendo uma aventura com a qual sonharam por muitos anos.

Os Giants entraram no Wrigley com cinco jogos de desvantagem para os Dodgers no Oeste. Willie Mays tinha partido. Na verdade, empurrava com a barriga o resto de sua carreira com os Mets, mas os Giants ainda contavam com Willie Mc-Covey e Bobby Bonds e registravam um histórico melhor que o dos Cubs no dia 14 de julho. Quem abriu o jogo para eles foi Ray Hiller, um canhoto com seis vitórias e sete derrotas.

Às 14 horas o Wrigley já contava com quarenta e um mil torcedores dos Cubs fazendo o maior barulho. Uma infinidade de outros torcedores assistia dos terraços, para além do muro do campo esquerdo. Quando chamaram o nome Joe Castle no finalzinho do primeiro *inning*, uma ovação ensurdecedora chacoalhou o velho estádio e abafou as vozes de Curt Gowdy e Tony Kubek.

Hiller era um *pitcher* cujos movimentos dificultavam a rebatida de seus arremessos, mas sua bola rápida raramente ultrapassava 115,2 quilômetros por hora. Arremessou duas bolas curvas inofensivas, e Joe segurou a vontade de devolvê-las violentamente. Seu segundo arremesso foi uma combinação de bola curva com um *knuckle* que rodopiou bem alto e para fora. Com a contagem 3 a 0, Joe recebeu o sinal para rebater. Hiller mandou um *slider* que não causou muito movimento, e Joe rebateu com sangue nos olhos. A princípio a bola voou bem alto e devagar, mas então pareceu ganhar velocidade. Logo não havia dúvida quanto à rebatida. A questão era: onde a bola ia parar? Gary Matthews, o defensor da esquerda, deu dois passos para trás e parou; deu uma volta, pôs as mãos na cintura e observou a trajetória. A bola acabou quicando na fachada do quinto andar de um prédio, a 144 metros do *home plate*. Talvez estivesse cansado de todos os trotes de *home run*, ou então aprendendo a desfrutar do momento. No entanto, qualquer que fosse o motivo, Joe deu a volta nas bases a um passo mais lento, mas sem provocar o arremessador.

— Nunca se exiba para o *pitcher* — Red e Charlie lhe ensinaram desde os 10 anos.

Nunca se tinha ouvido tamanho barulho no Wrigley Field. A

multidão de pé ovacionava chacoalhando o estádio, até que Joe saiu do banco, tocou na viseira do boné e agradeceu à torcida apaixonada. Ele então mandou um beijo para a mãe, que estava sentada na segunda fileira da área VIP.

Dez de dez, com seis *home runs*.

Foi o primeiro a rebater no final do terceiro *inning*, com o placar 1 a 1. No primeiro arremesso, fingiu fazer um bloqueio com um *bunt*, e todos os meios de campo dos Giants reagiram se contorcendo. Ed Goodson, na terceira base, e Chris Speier, na interbase, ficaram nos calcanhares antes do arremesso, esperando uma rebatida meteórica de um bastão. No fim, dispararam para a frente. Tito Fuentes fez o mesmo, enquanto McCovey cambaleava ao redor da primeira base. Depois que Hiller se recuperou do arremesso, ergueu-se em um disparo, como se estivesse aterrorizado por um *bunt*. Era evidente que os Giants tinham sido alertados quanto às habilidades de bloqueio que Joe possuía. Primeiro arremesso. Hiller manteve a bola rápida fora do centro do *home plate*, optando dessa vez por valorizar os *corners* e esperar que desse certo. Seu segundo arremesso foi uma bola rápida, 12 centímetros para fora. Joe esperou, esperou e então pegou a bola de jeito, em uma rebatida simples para o campo direito.

Onze de onze.

Por diversas razões — talvez pela emoção de assistir à história sendo escrita, ou quem sabe pelo efeito do céu límpido e ensolarado somado à cerveja gelada, ou ainda até mesmo pela empolgação que um estádio lotado sempre causava, ou provavelmente todas as alternativas anteriores —, o clima no Wrigley estava eletrizante. Àquela altura, Joe era aplaudido de pé ao pisar no círculo de espera. Mais uma vez, ao se dirigir ao *plate*, recebia aplausos mais calorosos ainda a cada rebatida.

Tocava no capacete, cumprimentando o público. Depois, mandava ver.

Sua décima segunda oportunidade no bastão foi no finalzinho do sexto *inning*, com os Cubs ganhando por 3 a 2. Quando os 41 mil torcedores se levantaram para aplaudir, não se sentaram mais. Na TV, Curt Gowdy admitiu sentir um frio na barriga. No rádio, Vince Lloyd descreveu a situação como o momento mais dramático que ele já presenciara. Lou Boudreau se calou.

Hiller abandonara por completo a ideia da bola rápida e sobrevivia arremessando curvas longas, *changeups* e uma violenta

combinação de *slider* e uma curva, conhecido como *slurve*. Joe bateu dois *fouls* logo de cara e ficou se odiando por rebater arremessos ruins. Ele mudou a postura, elevou um pouco a pegada no bastão e rebateu uma alta. O quarto arremesso foi uma bola curva, lenta e inclinada para baixo, dessas que cruzam o *plate* na altura dos joelhos ou 15 centímetros mais abaixo. Joe não pagou para ver: devolveu a bola, que bateu com toda força no *home plate* — uma bola em jogo. A danada ricocheteou para o alto na direção da terceira base. Goodson então partiu para cima e aguardou. Quando ele finalmente pegou a bola, Joe já tinha passado da primeira base para sua décima segunda rebatida consecutiva. Uma troca de posição com Moose Dropo.

Novamente, cumprimentou a multidão eufórica. Willie McCovey, um jogador extremamente competitivo, deu-lhe um tapa no traseiro com a luva e disse:

— Meus parabéns, garoto.

Joe só fez que sim com a cabeça e sorriu. Estava sonhando, em outro mundo. Poucos anos antes, sua coleção de figurinhas de beisebol incluía uma seleção dupla de “All-Star”, onde figurava tanto Willie McCovey como Willie Mays.

No início do oitavo *inning*, McCovey rebateu um *run duplo* fazendo a bola passar por cima das arquibancadas do campo direito. Provavelmente sumiria para sempre. Os Giants ganhavam de 5 a 3 quando chegou a vez de os Cubs rebaterem no final do *inning*.

O placar era uma coisa, mas a maioria dos torcedores não estava ali apenas para assistir a uma partida de beisebol. Tratava-se de um momento raro de comemoração. Os adorados Cubs não ganhavam um World Series desde 1908. Houve alguns momentos inesquecíveis, como em 1945, quando a equipe perdeu o campeonato em sete partidas para os Detroit. Só que ocorreram durante os “anos de guerra”, quando os bons jogadores serviam às Forças Armadas. Poucos entraram no Hall da Fama como Hack Wilson nos anos de 1920 e Ernie Banks nos anos de 1950 e 1960, mas, em geral, os torcedores dos Cubs estavam acostumados à decepção. Eram extremamente fiéis, mas estavam loucos para ver uma equipe ou um jogador que se destacasse.

A pressão da expectativa sobre a décima terceira rebatida de Joe era enorme, devido às doze primeiras, mas, para deixar o clima no estádio ainda mais tenso, o cara fizera um *runner* em cada base, dois *outs* e dois *run downs*. O público estava de pé, gritando, alguns torcedores inclusive rezavam. Hiller tinha sido substituído por um

destro chamado Bobby Lund, um *pitcher* reserva, já veterano, que arremessava com uma firmeza espantosa. Mais tarde, Joe admitiria que preferia rebater de esquerda, pois conseguia pegar as bolas rápidas um pouco mais depressa. Contentava-se sempre em rebater *fouls* e marcar os pontos cheios. Só que, nesse caso, a décima terceira e talvez a mais importante rebatida na carreira que parecia estar agora traçando, Joe decidiu mandar a paciência para o espaço. Rebateu o primeiro arremesso, uma bola rápida bem alta, e depois de observar a entrega de Lund, sentiu-se preparado. O segundo arremesso foi outra bola rápida, talvez três centímetros fora, mas próxima o bastante para fazer contato. Joe devolveu com toda a força para o centro direito uma bola que Tito Fuentes, na segunda base, saltou para tentar pegar, mas errou feio. A bola ficou três metros acima do chão até bater na grama, onde Bobby Bonds a jogou em um salto e disparou para o *home*. Com dois *outs*, os corredores perderam o contato, e a rebatida dupla de Joe esvaziou as bases.

Quando chegou à segunda base, Joe marcou o recorde que fora rotulado como “insuperável”. De pé na segunda base, Joe pôs as mãos nos joelhos, olhou para o chão de terra por alguns segundos, tentando acreditar naquele momento e saboreá-lo. O estádio veio abaixo; o barulho era ensurdecedor.

O receptor dos Giants, Dave Rader, estava com a bola e, quando a poeira baixou, pediu tempo. Vagarosamente, caminhou, passando pela base de lançamento, chegando à segunda base, onde passou a bola cerimoniosamente para Joe Castle.

A multidão gritou mais alto ainda, reagindo a tamanho espírito desportivo.

Joe retirou o capacete e agradeceu pela atitude lisonjeira. Os juízes não tinham a menor pressa para dar continuidade à partida. O que testemunhavam ali era histórico, e o esporte dispensa qualquer relógio. Finalmente, Joe caminhou para os assentos ao lado do banco de jogadores dos Cubs e atirou a bola para o pai. Então retornou à segunda base e colocou o capacete. Olhou bem para o campo central e rapidamente passou a mão no rosto para enxugar uma lágrima. Uma câmera captou a imagem; assim, Curt Gowdy e Tony Kubek fizeram questão de mostrar ao mundo que Joe Castle, parado, sozinho, na segunda base, e sozinho no livro dos recordes, agora uma lenda, era humano o bastante para expressar emoção.

5

Depois de uma hora nas estradas planas de pista dupla do Arkansas, estou morrendo de fome. Fora da cidade de Parkin, entro com o carro em uma área com o chão de cascalho — o estacionamento de uma churrascaria — e torço para que corra tudo bem. Para evitar que alguém puxe papo, levo comigo uma parte do álbum para ler durante o almoço. Enquanto como um sanduíche de pernil desfiado, acompanhado por uma cerveja, folheio os recortes que não vejo há décadas.

Logo que Joe chegou à primeira divisão, comecei a ir à biblioteca em White Plains para coletar matérias dos jornais de Chicago. Usava a enorme copiadora próxima à seção de periódicos. Pagava cinco centavos por cópia. As edições do *Sun-Times* e do *Tribune* publicadas no domingo, 15 de julho, traziam inúmeras reportagens e fotos da histórica partida do sábado. Joe deu várias entrevistas sobre o jogo e deixou claro que estava aproveitando ao máximo aquele momento. Entre muitas frases inesquecíveis, disse coisas do tipo “Bem, se os caras continuarem me escalando para a *lineup*, provavelmente vou chegar à marca de 0,750 pela temporada”, “Ah, com certeza ainda temos setenta e quatro jogos pela frente e um *home run* por partida não está fora de cogitação”, “Mais cedo ou mais tarde eles vão me tirar” e “O título? Já está no papo, cara. Estamos pensando no World Series. Quero jogar nos A’s”.

Apesar dos comentários, estava claro que ele gostava de brincar com a imprensa e muito do que disse não era para ser levado a sério. Os cronistas de beisebol de Chicago, famosos pela falta de receptividade, ficaram encantados e descreveram Joe como “metido sem ser arrogante” e “às vezes visivelmente deslumbrado pela própria façanha”. Os colegas de equipe, embora espantados, mantinham-se realistas. Um deles disse:

— Esse gás vai diminuir, mas vamos rezar para que leve algumas

semanas. Até agora vencemos quatro partidas seguidas, e isso é o que importa.

Whitey Lockman, ao ser indagado quanto à possível permanência de Joe na *lineup*, retrucou:

— Como assim? Endoidou?

As fotos tiradas após o jogo revelaram um garoto de rosto bem jovem, aparentando não mais que 21 anos, feliz da vida. Era bonito, olhos azuis e cabelo castanho-claro cacheado, visual que logo atrairia a mulherada em todos os cantos por onde passasse. Era solteiro e não tinha nenhuma mulher de grande importância na vida, segundo uma reportagem.

Estavam todos apaixonados por Joe Castle.

Eu tinha assistido ao Game of the Week com minha mãe na sala de TV. Depois fui ao encontro de Tom Sabbatini e Jamie Brooks em um terreno baldio, onde ficamos passando bola e falando sem parar sobre Joe. Cada hora um de nós tentava repetir os movimentos que ele realizara com o bastão na partida. Naquela esplêndida tarde de verão, não havia dúvida de que cada um de nós um dia faria algo tão extraordinário quanto Joe Castle. Jogaríamos beisebol profissionalmente, sem dúvida nenhuma; só não sabíamos em que time. Como era de esperar, nós três decidimos jogar pelos Cubs, juntos, e por muito tempo.

Eu estava jantando com minha mãe e Jill quando o telefone tocou. Era meu treinador, que começou explicando que a eleição dos melhores jogadores ocorrera pela manhã. Eu tinha sido escalado; o único jogador de 11 anos a entrar para o time. Era meu sonho, obviamente, mas achei demais. Fiquei tonto, mas muito feliz, e depois de contar, aos berros, a novidade para minha mãe e Jill, senti uma enorme vontade de contar para meu pai. Ele, porém, estava no estádio em Atlanta com os Mets para uma partida às sete da noite, e eu sabia que não ia ligar depois. Minha mãe sugeriu que eu esperasse até o finalzinho da manhã de domingo para ligar para o hotel onde ele estava.

Termino o sanduíche. Organizo os recortes, pago a conta e continuo a viagem. Logo deixo as plantações de arroz e feijão e entro pela região montanhosa. Passo pelas montanhas Ozark que, na

verdade, estão mais para morros do que montanhas propriamente. Em Batesville, terra natal de Rick Monday, cruzo o rio White e sigo para o norte, passando por Mountain View e entrando pela Ozark National Forest. É um belo percurso de carro ao longo da Rodovia 5, uma estrada curva e estreita, que provavelmente em outubro é digna de cartão-postal, mas estamos em agosto e a vegetação está marrom.

Pelo que sei, Joe Castle ainda mora em Calico Rock. Ao final de sua breve carreira, ele voltou para casa e se recolheu. Correram boatos a seu respeito, mas com o tempo, e sem o menor acesso, os jornalistas se esqueceram dele. Uma das últimas tentativas foi de um escritor da *Sports Illustrated* que foi até Calico Rock em 1977, mas todos na cidade fizeram um pacto, e quase nenhuma informação foi passada. O repórter não conseguiu encontrar Joe. Seu irmão Red solicitou que ele deixasse a cidade.

Quando chego a Calico Rock, digo a mim mesmo pela centésima vez que é tolice. Além do iminente fracasso dessa missão, ainda corro perigo.

É um vilarejo adorável que fica na serra acima do rio White. Cardumes de trutas amontoam-se perto da ponte; a pesca é importante ao longo do rio. Estaciono em frente às lojas na Main Street. Por um instante, imagino como aquilo ali deve ter sido trinta anos atrás, quando amigos e parentes de Joe se reuniam para ouvir Vince Lloyd e Lou Boudreau narrar os jogos durante aquele verão inesquecível. Sinto praticamente a mesma angústia que senti na ocasião do incidente que arrasou Joe.

Procuro um sujeito de nome Clarence Rook, dono do *Calico Rock Record*, o pequeno semanário que há meio século publica as notícias da cidade. O Sr. Rook trabalha no jornal praticamente desde o começo, e caso ele decida não cooperar, não tenho nenhum plano alternativo. O escritório fica na Main Street, três portas depois da drogaria Evans. Respiro fundo e entro. Uma jovem secretária de calça jeans me cumprimenta com um sorriso amável e um olá simpático.

— Gostaria de falar com o Sr. Clarence Rook — anuncio, repetindo a frase bem ensaiada.

— Ele está muito ocupado — ela diz, ainda sorrindo. — Posso ajudá-lo?

— Não, obrigado. Preciso mesmo falar com ele.

— Tudo bem. Qual é o seu nome?

— Paul Casey. Sou repórter do *Baseball Monthly*.

Essas mentiras não iriam durar muito, mas a verdade não funcionaria agora.

— Interessante. E o que o traz a Calico Rock?

— Estou escrevendo uma matéria — respondo, com plena consciência de que sou bastante vago.

— OK — ela diz, afastando-se. — Deixe-me ver o que ele está fazendo.

Ela desaparece pelos fundos. Ouço vozes. Nas paredes, milhares de cópias emolduradas de antigas edições, e logo encontro uma de julho de 1973. A manchete em negrito diz: “A estreia excepcional de Joe Castle nos Cubs”. Dou um passo à frente e começo a ler. A reportagem era assinada, como a maioria das matérias de capa, por Clarence Rook, e transbordava orgulho.

Tenho uma cópia dessa matéria em meu álbum.

— O Sr. Rook pode recebê-lo agora — ela anuncia, movendo a cabeça na direção de um corredor estreito. — É a primeira porta à direita.

— Obrigado — agradeço com um sorriso e dirijo-me aos fundos.

Clarence Rook é uma apoteose de cores: maçãs do rosto bem vermelhas, camisa branca, gravata-borboleta vermelha, suspensórios vermelhos. Aparenta ter uns 70 anos, barba espessa e grisalha e os cabelos brancos, bem cheios, semelhantes aos de Mark Twain. Encontro-o sentado a uma velha mesa de madeira, coberta de pilhas e mais pilhas de arquivos e papéis. Morde a ponta de um cachimbo que raramente tira da boca. De um lado da mesa, uma antiquíssima máquina de escrever Royal, provavelmente de 1950, ainda em uso.

— Olá, Sr. Casey! — saúda-me em voz alta e efusiva, ao mesmo tempo que estende a mão para me cumprimentar. — Clarence Rook.

Aperto-lhe a mão e digo:

— Muito prazer, senhor. Obrigado por me receber assim do nada.

— Não há de quê. Sente-se, por favor.

Ocupo então a única cadeira livre de tralhas dos mais diversos tipos.

— De onde você é? — pergunta-me com um sorriso que revela uma arcada dentária amarelada pelo tabaco.

— De Santa Fé.

— Ah, é uma região muito bonita. Alguns anos atrás eu e minha esposa pegamos o carro e fomos para o Oeste. Paramos em Santa Fé, onde visitamos o museu O'Keeffe. Que local espetacular! Eu moraria lá sem o menor problema.

— Pois é, nós adoramos a região, mas sua cidade também é muito agradável.

— De fato. Nasci no início da estrada em Mountain Home; acho que jamais sairei daqui.

— Há quanto tempo é dono do jornal? — pergunto tentando ganhar tempo com um bate-papo preliminar. Ele se mostra disposto a fazer o mesmo:

— Eu o comprei há vinte anos da Sra. Meeks, que foi a proprietária a vida inteira. Ela me contratou quando eu ainda era garoto. Jamais imaginei que passaria a vida publicando jornal, mas tenho adorado cada minuto. Mas, diga-me, você também escreve?

— Não, senhor. Não sou escritor, tampouco repórter.

O sorriso desaparece ao mesmo tempo que ele aperta os olhos tentando digerir a informação.

Continuo:

— E meu nome não é Paul Casey. É Paul Tracey.

De uma gaveta, ele retira um saquinho de tabaco, lentamente preenche o fornildo do cachimbo, soca vigorosamente e então risca um fósforo. Não tira os olhos de mim, e assim que termina de soprar uma pequena névoa de fumaça, pergunta:

— Já lhe disseram que você se parece com Warren Tracey?

— Sim.

— Tem algum parentesco?

— Sou filho dele.

Como esperado, a informação não é bem recebida. Nos últimos trinta anos, sempre hesito em dizer meu sobrenome. Normalmente não gera nenhuma reação, mas já passei por algumas situações desagradáveis que me deixaram bastante sem graça.

Por alguns instantes, ele dá uma tragada bem forte, olhando-me fixamente, e, por fim, comenta:

— Alguém pode lhe dar um tiro aqui por essas bandas.

— Não vim aqui para levar nenhum tiro, Sr. Rook.

— E para que veio, filho?

— Meu pai está com câncer no pâncreas. Restam-lhe poucos meses de vida.

Outra tragada, outra névoa.

— Sinto muito — diz, só por educação.

— Duvido que essa notícia cause alguma tristeza aqui em Calico Rock — afirmo.

Ele faz que sim com a cabeça e diz:

— Tem toda razão. A maioria do pessoal aqui por essas bandas teria prazer em ver Warren Tracey queimar na fogueira. Lentamente.

— Percebo que sim.

— Alguém mais sabe que você está aqui?

— Não. Apenas o senhor.

Ele respira fundo e olha para uma luminária de mesa, tentando organizar as ideias. Um relógio na parede marca 17:10.guardo um tanto nervoso. Das duas, uma: ou serei expulso da sala ou ele vai papear mais um pouco. Estou contando com a segunda hipótese, pois, afinal, ele é jornalista e naturalmente curioso.

— Por onde anda seu pai?

— Está na Flórida. Deixou a família quando eu tinha 12 anos e há muito que nosso contato é mínimo. Não somos e nunca fomos próximos.

— Foi ele quem o enviou?

— Não, senhor. Ele não sabe que estou aqui.

— Poderia então me dizer o que exatamente o traz aqui?

— Quero falar com Joe Castle, e minha esperança é que o senhor conheça a família muito bem.

De fato conheço. O bastante para lhe dizer que Joe não fala com estranhos e certamente não falará com o filho de Warren Tracey.

6

Domingo, 15 de julho de 1973. Mais uma vez, o Wrigley Field estava lotado com quarenta e um mil fanáticos. Outra multidão, estimada em 10 mil, juntou-se fora do estádio, para comprar ingressos, beber cerveja, ouvir o rádio. O que queriam mesmo era manter-se o mais próximo possível da história do beisebol que ali se escrevia. Além da empolgação, havia ainda a estreia de Juan Marichal nos Giants, pois suas partidas fora da cidade geralmente aumentavam o público pagante. Embora sua melhor fase já tivesse chegado ao fim, Marichal ainda conseguia vencer de qualquer equipe em qualquer dia. Com suas finalizações exuberantes, magnífico controle, táticas intimidantes e competi-vidade feroz, Marichal era um jogador multifacetado e sempre perigoso. Nos treze anos anteriores, arremessara em vários jogos no Wrigley, e as vitórias superavam as derrotas.

Não perdeu tempo para arrumar confusão. Quando Joe se preparou para rebater no final do primeiro *inning*, o primeiro arremesso de Marichal atingiu-lhe diretamente o ombro. Joe foi ao chão e por pouco não se machucou com gravidade. O estádio quase veio abaixo. Do banco de jogadores dos Cubs, vieram gritos, ameaças, muitos palavrões para a base de lançamento, onde Marichal esfregava a bola, sorria e ensaiava o próximo arremesso. Como iniciante em sua quarta partida, Joe sabia que não era a melhor hora para atacar a base de lançamento. Precisava conquistar esse direito, e não demoraria para que isso acontecesse. Mantenha a calma, o irmão Red o aconselhara. Logo, logo começarão a arremessar para atingi-lo.

O próximo arremesso foi uma bola rápida, e Joe, rebatendo de esquerda, devolveu para baixo, na direção da linha de jogo do campo direito, uma tacada violenta que congelou a defesa e deixou a multidão perplexa. Era claramente uma *foul*, mas a bola continuou a subir, subir, até parar lá em cima no *upper deck*. O arremesso tinha saído quinze centímetros e viajava a mais ou menos trinta e três metros por segundo. Joe facilmente tinha mandado a bola para fora

do campo. Marichal ficou de queixo caído. Willie McCovey a princípio deu um passo para trás, o que Joe percebeu. O terceiro arremesso foi uma bola rápida para dentro. Joe reagiu imediatamente, mandando taco. Marichal finalizava seu lance teatral e se encontrava em uma posição impossível de encarar um *bunt*. McCovey deu um salto que não funcionou. Em vão, Tito Fuentes correu para cobrir a primeira base. A bola rolou, ultrapassando a marcação da linha de base por doze metros, então quicou levemente para a esquerda. Quando McCovey a pegou, Joe Castle já tinha saído em disparada, passando pela primeira base, agora catorze de catorze.

McCovey não disse nada ao garoto. Quando a multidão se acalmou, Marichal pisou no diamante, olhou para Dave Rader atrás do *plate*, esticou-se e deu um baita salto, como sempre. Joe já estava no meio do caminho em direção à segunda base quando Marichal soltou a bola. O arremesso de Rade para Fuentes foi perfeito, mas não saiu a tempo. Após uma lenta deslizada para dentro da segunda base, Joe se ergueu, olhou para Marichal, encolheu os ombros, sorriu e esticou os braços, como se dissesse “Você mandou essa para me acertar, mas agora vai ver só o que é bom pra tosse”.

Dois arremessos mais tarde, roubando a terceira, marcou ponto em uma bola passada.

No final do quarto *inning*, ele mandou uma simples para o centro raso em sua décima quinta rebatida consecutiva. Marichal então o pegou inclinado e aproveitou para mandar em cima dele.

Como Joe calculara, eles acabaram por tirá-lo da partida. Em sua décima sexta oportunidade no bastão, no final no sétimo *inning*, Joe devolveu uma bola em direção ao centro, e por um segundo pareceu que a bola tinha sumido. No entanto, o *center fielder*, Garry Maddox, foi recuando, recuando, até chegar ao vão do campo, recuando um pouco mais até quase tocar o gramado. A cento e vinte e um metros do *home plate*, Maddox pegou a bola e deu fim àquilo.

Joe estava na segunda base, correndo, observando Maddox, e, quando oficializaram o *out*, ele se virou e se dirigiu para o banco. A multidão voltou a se manifestar, aplaudindo de pé. Joe saiu do campo bem devagar.

Após a partida, os Cubs anunciaram que mudariam a camisa de Joe. A de número 42 foi posta de lado, e pelo resto de sua breve carreira ele vestiu a camisa 15.

Na quinta-feira seguinte, os Mets iniciaram uma série de quatro jogos em casa contra os Cardinais, o que serviu para aumentar a vantagem para o jogo dos All-Star Game. Obviamente, eu conhecia a rotação dos *pitchers*. Meu pai estava escalado para jogar naquela noite, e eu queria estar no Shea Stadium.

Naquela tarde, antes de meu pai sair para jogar, conseguimos bater um papo rápido sobre beisebol. Como sempre, ele estava preocupado e sentindo aquele nervoso pré-partida que lhe era comum. Quase todos os dias, ele se mostrava apático e distante. Só que, às vésperas de qualquer jogo, essa distância era tamanha que eu chegava a questionar se ele conseguia de fato escutar minha voz. Estava com 34 anos e tentava desesperadamente fazer alguma coisa para reverter aquele quadro: afinal, sua carreira despencava a ladeira do fracasso. Pensando bem agora, com certeza ele tinha pavor de que a velhice o afastasse do esporte. Os anos se passavam e o grande Warren Tracey provava que não era assim tão grande no final das contas. Na rotação dos Mets, ele vinha em quarto, logo depois de Jon Matlack, Jerry Koosman e o incrível Tom Seaver. Quando as equipes iniciaram o recesso dos All-Star, ele registrava quatro vitórias e seis derrotas, e sua média de corridas merecidas estava excelente — 5,60. Os jornalistas esportivos de Nova York exigiam um novo quarto homem. Os Mets estavam dois jogos abaixo de 0,500 e, pelo visto, sem perspectiva de avanço.

— Parabéns por conseguir chegar à equipe All-Star — ele disse.

Estávamos no pátio, à sombra, tomando milk-shake. Ele tomava um de banana que ele mesmo preparara, precisamente seis horas antes de pisar na base de lançamento, uma de suas esquisitices. Todo jogador de beisebol, sobretudo um *pitcher*, é cheio de manias bizarras, ele certa vez me disse. Depois disso, comecei a observar melhor para ver se identificava alguma.

— Obrigado. Esta semana a gente tá treinando todo dia. O primeiro jogo vai rolar no sábado contra Rye, às 14 horas.

— Infelizmente não vai dar para eu ir.

Os Mets iam jogar no mesmo dia e horário, de maneira que nós dois ficaríamos felizes. Ele não compareceria à minha partida, nem eu à dele.

— Você vai jogar no sábado?

— Duvido muito. Estou duas posições atrás do Don Clements. Ele é o décimo segundo — respondi.

Ele não deu a mínima. Tomou um gole do milk-shake e lançou um olhar sobre o gramado, perdido em seu próprio mundo. Eu realmente não o culpava. Nos dias em que eu jogava, não conseguia pensar em mais nada. Eu não fazia ideia do nervosismo que devia tomar conta do cara ao se dirigir à base de lançamento no Shea Stadium, na presença de cinquenta mil torcedores.

— E esse tal de Joe Castle? — indaguei.

Ele bufou, expressando sua reprovação.

— Nada má a estreia dele, mas esses caras são todos fogo de palha. Depois de uma ou duas passagens pelas ligas, a gente já percebe a deles. Todo estreante tem um ponto fraco na rebatida. Mais cedo ou mais tarde, a gente descobre qual é.

Ele raramente falava bem dos outros jogadores, inclusive dos próprios colegas. Aos 11 anos de idade, eu estranhava essa atitude, mas, depois de alguns anos, eu viria a compreender que ele era tão inseguro quanto ao próprio talento que ficava difícil admirar o dos outros.

— Espera só até ele começar a encarar o *slider* mais firme — disse, concluindo a frase praticamente inaudível, à medida que seus pensamentos voavam para bem longe.

Eu não estava a fim de confrontá-lo, tampouco de criar caso. Só de estar ali, conversando sobre beisebol com meu pai, eu estava numa euforia só. “Nada má a estreia dele”? Como assim? Depois de sete partidas, Joe aproveitou bem vinte e quatro de trinta e uma oportunidades de rebatida, com nove *home runs* e nove bases roubadas.

— Pai, eu gostaria de vê-lo jogar hoje à noite. Pode deixar que vou de trem e ficarei na minha. Tom pode ir comigo.

Ele franziu o cenho e tomou outro gole.

Era de esperar que o filho de um jogador desfrutasse de vários privilégios, como entradas no campo durante as preliminares, acesso ao vestiário e, obviamente, ingressos. Só que com Warren Tracey a história era bem diferente. Ele não me queria por perto e sempre se queixava dos outros jogadores que deixavam os filhos darem as caras no banco antes do jogo. Achava extremamente antiprofissional. Considerava o campo como um terreno sagrado, e apenas quem estivesse uniformizado deveria ter permissão de pisar lá. Recusava-se, sem a menor cerimônia, a falar com qualquer repórter no campo antes

da partida, pois, em sua opinião, a imprensa deveria se limitar à área que lhe era reservada.

— Vamos ver — finalmente respondeu, como se estivesse fazendo um grande favor.

Minha mãe não me deixava andar de trem sozinho, de forma que convidei Tom Sabbatini.

— Creio que sua mãe não irá ao jogo.

Que sujeito mais volátil! Minha mãe comparecia a alguns jogos em cada temporada — o menor número possível. Sentávamos com os outros parentes dos jogadores dos Mets. Eu conhecia alguns filhos de jogadores, embora não fôssemos amigos, pois não havia ninguém de White Plains. Minha mãe se recusava a se socializar com as outras esposas e, só depois de muitos anos, ela explicou por quê. Meu pai vivia atrás de um rabo de saia — fora do estado, em nossa cidade, durante os treinos de primavera, a qualquer hora, em qualquer lugar. Para Warren, não tinha tempo quente. Minha mãe, não sei como, sabia de tudo. Como em toda equipe profissional de beisebol, havia jogadores que adoravam uma sacanagem, e outros que não entravam nessa. Desconheço os percentuais, e duvido de que algum estudo confiável tenha sido feito algum dia. Quem quer saber de fato? Segundo a explicação que ouvi de minha mãe anos mais tarde, todas as esposas conheciam a reputação dos mulherengos, e era quase certo que todas as esposas dos jogadores dos Mets sabiam que Warren Tracey não podia ver um rabo de saia. Ela se sentia humilhada ao assistir às partidas ali, junto aos familiares dos jogadores, comigo e Jill, tentando fazer de conta que éramos simplesmente mais uma família feliz.

Em julho de 1973, fazia doze anos que meus pais se suportavam em um casamento infeliz. Ambos buscavam secretamente uma saída.

* * *

Naquela noite, peguei o trem com Tom em direção à Grand Central e em seguida o metrô para o Shea Stadium. Nossos assentos eram perfeitos: a dez filas do campo, próximos ao banco dos Mets. Meu pai jogou bem, mandando firme em seis *innings* e cedendo apenas três rebatidas, mas os Mets perderam um *run* duplo no nono *inning*. No caminho de volta para casa, o metrô estava lotado de torcedores barulhentos dos Mets, alguns até bêbados. De vez em quando, durante essas jornadas, ou em volta do campo da Little League, ou até mesmo na escola, eu escutava alguém reclamar de Warren Tracey. Os

torcedores nova-iorquinos são fanáticos e bem-informados, de maneira que o que não lhes falta é opinião. (Uma vez eu estava no Shea quando vaiaram Tom Seaver.) Sempre que ouvia um comentário maldoso sobre meu pai, eu me contorcia e resistia à tentação de responder ao insulto. Entretanto, quase sempre as reclamações tinham fundamento.

Cheguei em casa, falei com minha mãe e corri para a cama. Não queria ser acordado quando ele chegasse, caso, de fato, voltasse. Os maiores porres que ele tomava eram nas noites dos jogos. Ele ficaria sem jogar três dias mesmo, então por que não chutar o pau da barraca e criar confusão?

7

No sábado seguinte, os All-Stars de White Plains perderam para os Rye na primeira rodada do torneio regional, e os Mets perderam para os Cardinais. Eu não joguei, tampouco meu pai. Obviamente, como lançador iniciante, ele jamais jogaria em sua folga, mas eu deveria ter jogado um ou dois *innings*. Durante a temporada regular, quando eu não estava lançando, vagava pelo *outfield*. Em dezoito jogos, marquei uma média de rebatidas de 0,412, a sexta mais alta da liga, e, no finalzinho da partida contra os Rye, precisamos de um rebatedor no *plate*. Nosso técnico, entretanto, não concordou.

Olhando para os suportes próximos ao quiosque de lanches, senti um repentino mal-estar. Eu seria o lançador inicial na partida contra os Eastchester na tarde de segunda-feira, e meu pai estaria por lá. Ele não conseguiu entrar na equipe da Liga Nacional dos All-Stars. Na verdade, nem chegou perto. Só que para ele os caras deveriam ter cogitado escalá-lo. A folga dos All-Stars durou três dias, com a partida seguinte marcada para a noite da terça-feira na cidade de Kansas.

Com um calendário que vai de primeiro de abril ao final de setembro, oitenta e um jogos em casa e oitenta e um fora, os jogadores das grandes ligas adoravam a folga dos All-Stars. Os que não eram escalados sempre iam correndo para casa ou curtiam umas férias curtas. No ano anterior, depois de ser mais uma vez ignorado, meu pai e um colega de equipe passaram a folga pescando trutas em Montana. Então se encontraram com a equipe em San Francisco quando os jogos recomeçaram. Naquele ano, fiquei atento para descobrir o que ia acontecer, mas infelizmente ninguém falou nada sobre pescaria.

Quando meu pai me via jogar, nunca se sentava na arquibancada com minha mãe ou com os outros espectadores. Não queria ser incomodado. Uma vez, um garotinho lhe pediu um autógrafo e ele passou uma semana reclamando do fato. Jogava pelos

Mets, o que o tornava famoso, e, por conta disso, não queria interagir com os pais “mortais”. Para fugir, ele buscava um lugar na grade, próximo ao nosso banco de reservas, e de lá, sozinho, resmungava e berrava suas dicas. Odiava todos os meus treinadores porque eles, é claro, não entendiam quase nada de beisebol. Os caras sempre tentavam trazê-lo para o grupo, em razão de quem ele era, mas a grosseria causava constrangimento. Diversas vezes me senti obrigado a pedir desculpas a um treinador.

O torneio se realizou em Scarsdale e, no carro, a caminho do estádio, ninguém deu um pio. Eu e Jill fomos no banco de trás; ela estava de cara amarrada, pois odiava beisebol. Meu pai estava azedo porque naquela manhã um jornalista do *Times* dissera que os Mets não tinham a menor chance de ganhar o título com Warren Tracey na rotação. Eu estava com os nervos à flor da pele e com uma baita dor de estômago. Minha mãe folheava uma revista como se estivesse tudo bem.

Quando cheguei à base de lançamento, mal conseguia segurar a bola. Meu primeiro lançamento foi uma bola rápida fraquinha que o rebatedor devolveu com toda força, mas foi direto em nossa interbase. Respirei e me senti melhor. Meu segundo lançamento foi uma bola rápida que o rebatedor devolveu para nossa primeira base. Dois lançamentos — dois *outs*. Devia ser mais fácil do que eu imaginava. O terceiro rebatedor era encenqueiro, e todos o conheciam. Chamava-se Luke Gozlo, um garotão de boca grande e um bastão enorme, que servia de apoio às suas palavras. Mais tarde ele viria a ser convocado pelos Red Sox e desapareceria nas ligas menores.

Meu treinador não cansava de dizer: “Não enfiem a bola no centro do *plate*. Um *walk* é melhor que um *home run*.” Eu estava suando a camisa para fazer um *walk* quando meu terceiro lançamento foi para dentro. Luke ergueu o pé, atacou a bola e, assim que ele a atingiu, senti um enjoo. Nosso *left fielder* ficou imóvel. O imbecil ficou parado com as mãos na cintura, olhando para a bola como se observasse um jato cruzar o campo. A bola caiu no estacionamento. Luke gritou e esbravejou enquanto dava a volta pela primeira e pela segunda base, fazendo um gesto de vitória lançando o punho cerrado no ar. Que cretino! Pisou no *home plate* e arrancou o capacete para que todos vissem seu sorriso de orelha a orelha.

Mandi três bolas rápidas com toda a força e eliminei o quarto rebatedor. Enquanto eu caminhava para fora do campo (jamais corra, meu pai insistira; o lançador nunca sai correndo do campo), meu pai acenava para mim. Meu treinador, entretanto, desconfiou de que

havia algum problema e veio ao meu encontro na linha de jogo. Pôs o braço ao redor do meu ombro, sugeriu que eu me acalmasse e me acompanhou até os bancos dos jogadores, onde fiquei livre dos pitacos e dicas de meu pai.

Luke Gozlo ocupou o *plate* no início do quarto *inning* com as bases vazias e sem nenhum *out*. Para chamar minha atenção, meu pai gritou:

— Paul!

Contudo, fingi não ouvi-lo. Meu primeiro arremesso foi uma bola rápida que Luke golpeou, mas não acertou, e, enquanto nossos torcedores gritavam entusiasmados, ouvi meu pai dizer:

— Derrube esse cara, Paul!

Olhei para meu treinador, que também ouvira o conselho, e ele fez que não com a cabeça. Não!

Eu tinha atingido alguns rebatedores, mas sempre acidentalmente. No ano anterior, tinha mandado uma bola rápida que bateu e quicou no capacete de Kirk Barnes. Fez um barulho horrível. Ele gritou por uma hora, e nós dois quase desistimos de jogar. Eu não queria me envolver com Luke Gozlo. Era um encrênqueiro, do tipo que me esperaria no estacionamento depois do jogo para sair no braço.

Cedi quatro *walks* nos arremessos seguintes, que não passaram nem perto da cabeça dele, e tampouco da zona de *strike*. Com o placar marcando 2 a 2 no quarto rebatedor, mandei uma bola curva, um erro imperdoável. Ele devolveu com toda a força e, quando a bola passou da grade, Luke começou a gritar e mostrar a bunda novamente, enquanto dava a volta pelas bases. Naquele momento, fiquei com raiva por não tê-lo acertado na cabeça.

Fiz *strikeout* nos dois lances seguintes e cedi dois *walks*. Então dei sorte com uma aérea bem longa, direto no campo direito. Enquanto dirigia-me ao banco dos jogadores, olhei rapidamente para meu pai. Ele fazia um gesto negativo com a cabeça, franzia o cenho, resmungava, com os braços cruzados, muito irritado. Pensei em não voltar para casa com ele. Talvez conseguisse carona com um treinador ou um colega. Quem sabe até eu conseguisse ir morar com os Sabbatini e levar uma vida normal.

Com a equipe perdendo por 5 a 2 e com um pé na eliminação, nosso treinador decidiu trocar o *pitcher*. Eu queria continuar jogando,

mas, por outro lado, sentia um alívio por estar fora da partida, escondido no banco dos jogadores.

Os Eastchester venceram por 11 a 2, e nossa temporada chegou ao fim.

Minha carreira também. Eu jamais voltaria a vestir um uniforme de beisebol.

No caminho de casa, meu pai esperou talvez uns dois minutos até não mais conseguir se conter:

— Que jogo patético!

Minha mãe, pronta para explodir, retrucou:

— Não começa, Warren. Nem vem que não tem. Cale a boca e dirija.

Não deu para ver a cara dele, mas sei que ficou vermelha. Eu sabia que sua primeira reação seria parar o carro, esbofeteá-la e partir para cima de mim no banco de trás. Os motoristas que passassem presenciariam mais uma briga pós-partida da família Tracey no acostamento.

Na verdade, entretanto, ele só batia em minha mãe quando estava bêbado. Embora isso não fosse justificativa, fiquei aliviado por ele não estar embriagado à medida que os segundos foram passando lentamente.

Jogo patético? Àquela altura da carreira ele vencera sessenta e uma partidas e perdera oitenta. E aí, isso não é patético? E o que dizer da partida patética contra os Dodgers em maio, quando ele abriu mão de seis *runs* no primeiro *inning*, foi substituído deixando todas as bases lotadas de adversários e apenas um *out*? E quanto ao jogo patético três semanas antes em Pittsburgh, quando ele, depois de fazer cinco *runs* durante o sétimo *inning*, pôs tudo a perder antes mesmo de os Mets conseguirem aquecer um *reliever*? Era melhor eu ficar calado, para não ser pior. Eu conhecia suas estatísticas melhor que ele, mas, se eu abrisse a boca, sabia que ia levar um soco.

Consegui segurar a língua. Ele também, de forma que todos sobrevivemos até chegar em casa. Ao desligar o carro, ele disse:

— Vamos lá pro quintal, Paul. Preciso te mostrar uma coisa.

Lancei um olhar de socorro para minha mãe que, entretanto, apressava-se para sair do carro.

A sessão no quintal logo esquentou e acabamos partindo para a violência. Ao terminar, jurei nunca mais jogar enquanto ele estivesse vivo.

8

Joe chegou em casa na madrugada de segunda-feira. As luzes estavam acesas; os pais o aguardavam. Enquanto estacionava no acostamento, notou o pôster bem grande, afixado próximo à caixa de correio. Era uma réplica das costas de uma camisa dos Cubs estampando, bem ao centro e em negrito, o número 15. Ele olhou em volta — havia um pôster daquele a cada centímetro da Church Street. Mais tarde, percebeu que em todo gramado na frente das casas em Calico Rock havia um também, e ainda nas vitrines de todas as lojas, nas janelas das empresas, bancos e cafés.

A família de sua mãe era do sul da Louisiana, e Joe crescera à base da culinária *cajun*. Seu prato favorito era feijão-vermelho com arroz e linguiça *andouille*, que ele devorou às três horas daquela madrugada.

Charlie Castle era oito anos mais velho que Joe. Casado e pai de duas crianças pequenas, Charlie morava em uma casa nova na periferia. Os parentes e muitos amigos reuniram-se lá na quinta-feira para comer cachorro-quente e sorvete. O real motivo, entretanto, era verem Joe, tocá-lo, se certificarem de que ele era real e, de alguma forma, expressarem com dignidade o imenso orgulho que sentiam. Ele não fez nenhuma oposição. Em casa, longe de Chicago, distante de qualquer lugar, na verdade, os últimos 12 dias foram surreais. Por vezes, ele parecia tão perplexo quanto seus admiradores. Deu autógrafos, posou para fotos, até beijou alguns bebês. Na saleta, a TV passava o All-Star Game, mas todos estavam lá fora.

Joe era só deles, mas apenas por um instante. O mundo todo o queria. O sucesso o aguardava, e Joe logo retornaria ao palco central.

Assisti ao All-Star Game em casa com minha mãe. Os Sabbatini me convidaram para ver na casa deles, mas eu estava com o olho roxo

e não quis sair de casa. Meus pais estavam em pé de guerra, e meu pai acabou fugindo para a cidade, onde sem dúvida iria para um bar e arranjaria mais encrenca. Antes de sair, desculpou-se por me bater, mas o pedido de desculpas não significou absolutamente nada. Eu odiava aquele sujeito. Acho que minha mãe o odiava também. Jill já tinha desistido dele fazia um bom tempo.

A partida foi em Kansas City e acabou se tornando uma celebração de Willie Mays. O maior destaque entre os astros da Major League de todos os tempos. Em uma série extraordinária de vinte e quatro jogos, ele rebateu em vinte e três, inclusive três *home runs*, três triplas, duas duplas, e um *highlight reel* repleto de ótimas defesas. Ele agora estava com 42 anos, sentado no banco dos Mets, planejando se aposentar no final da temporada.

Além de mim, eu não sabia de outro garoto que tivesse conhecido pessoalmente Willie Mays. No início da temporada, os Mets realizaram o seu anual dia da família no Shea Stadium. A maioria das esposas e filhos dos jogadores compareceu e posou para fotos. Não faltaram sorvete, autógrafos, visitas ao estádio e ao vestiário, e uma porção de brindes e lembrancinhas. Relutante, meu pai havia permitido que eu participasse daquele evento maravilhoso. Tirei fotos com Willie Mays, Tom Seaver, Rusty Staub e com a maioria do pessoal dos Mets. Minha mãe ampliou as fotos para oito por dez, que foram devidamente arquivadas em meus álbuns. Eu tinha uns bem grossos dedicados a Tom Seaver e Willie Mays, os dois únicos Mets a fazerem parte do time de astros.

Enquanto eu assistia ao jogo, fiquei imaginando o que eles realmente achavam de Warren Tracey. Obviamente eram colegas de equipe, mas eu duvidava de que gostassem muito de meu pai. Por mais que eu me esforçasse para deixá-lo à vontade, ele raramente falava sobre os outros Mets. Ele dava uma corrida com dois arremessadores reservas — os *relievers* — da área de aquecimento e eventualmente contava uma história engraçada sobre algum acontecimento na sede do clube ou em outro estado — histórias devidamente selecionadas. O gerente dele, Yogi Berra, era quase sempre motivo de piada, mas os grandes astros — Tom Seaver, Willie Mays, Jerry Koosman, Rusty Staub — eram intocáveis. Analisando melhor agora, acho que ele tinha inveja do sucesso deles.

Para a Liga Americana, os torcedores tinham escolhido astros do calibre de Brooks Robinson, Reggie Jackson e Rod Carew. Catfish Hunter começou na base de lançamento. Na Liga Nacional, os Reds tinham três *pitchers* titulares: Pete Rose, Joe Morgan e Johnny Bench.

Os Cubs, dois: Ron Santo e Billy Williams. Cinquenta e quatro jogadores — um número recorde — participaram do jogo, e eu tinha os cartões de beisebol da Topps de cada um deles. Eu sabia a idade, cidade natal, estatura, peso e todas as estatísticas de cada um. Não decorei tan-tos dados assim de propósito. Simplesmente os absorvi. O esporte era meu mundo; os jogadores, meus ídolos.

Só que, por causa do esporte, eu tinha me dado mal e acabei machucado. Estava com o lado direito do rosto todo inchado e não conseguia abrir o olho. Minha felicidade era enorme por meu pai não estar participando do All-Star Game, pois eu não conseguiria aguentar. Ele nunca chegou nem perto disso, embora naquela cabeça conturbada e ego inflado ele achasse que os caras não o tratavam da maneira que ele merecia. Graças a Deus ele não ficou em casa. Que alívio!

Minha mãe se sentou ali perto, lendo um livro de bolso. Não prestava a menor atenção ao jogo, mas permaneceu perto de mim. Depois que ele saiu furioso e as coisas se acalmaram, ela me disse que ele nunca mais iria me bater. Aquilo para mim significava que ela estava prestes a deixá-lo ou ele a nós. Bem, de qualquer forma haveria alguma espécie de ruptura. Sussurrei isso para Jill, e ficamos felizes da vida. Depois baixou a dúvida: onde iríamos morar? O que aconteceria com ele? Como minha mãe sobreviveria sem a renda de meu pai? À medida que os cenários foram se desdobrando, nossas dúvidas foram aumentando e nos preocupando. Creio que toda criança deseje que os pais fiquem juntos, mas, com o passar do dia, acabei sem saber escolher entre as incertezas de um divórcio e a ideia prazerosa da vida sem meu pai. Eu tendia em favor dessa última.

Quando Ron Santo caminhou ao *plate* no segundo *inning*, Curt Gowdy e Tony Kubek mal conseguiam esperar para começar a contar a história de Joe Castle. Fazia apenas dez dias que eles estiveram no Wrigley, onde presenciaram aquele evento histórico e capitularam, enquanto Sato preparava-se para arremessar contra Catfish Hunter. Depois de onze partidas, Joe tivera quarenta oportunidades no bastão, rebatera vinte e nove bolas, fizera doze *home runs* e roubara catorze bases. Seu desempenho fora excepcional em todos os jogos e, o mais importante, das nove partidas os Cubs ganharam nove e estavam em primeiro lugar na National League East. Os ingressos no Wrigley Field esgotaram não apenas em todos os seis jogos de que Joe participou, mas em todos os jogos realizados após o feriado do Dia do Trabalho.

Kubek fez a mesma especulação que corria à solta. Os experts do beisebol, inclusive meu pai, previam que os *pitchers* logo perceberiam o estilo de Joe e descobririam seus pontos fracos. Sua média de 0,725

era ridícula e certa de decair à medida que ele fosse passando pela liga.

Gowdy não tinha certeza.

— Não percebi nenhum ponto fraco nas rebatidas dele — comentou.

— Nem eu — Kubek imediatamente concordou.

— Ele só fez dois *strikeouts*.

— Excelente equilíbrio; ele se mantém estável e mostra uma incrível velocidade de rebatida.

Ron Santo, coitado, ficou ofuscado pelo colega novato que, naquele momento, indiferente ao jogo, saboreava o sorvete de morango caseiro preparado por sua tia Rachel em Calico Rock, Arkansas.

Quando os jogos se reiniciaram no dia 26 de julho, os Cubs abriram uma série de quatro partidas em Cincinnati contra os Big Red Machine, a equipe de maior destaque nos anos de 1970. Com uma *lineup* que incluía Pete Rose, Johnny Bench, Joe Morgan e Tony Perez, os Reds quase perderam a World Series de 1972 para os As em sete jogos. Só que, em 1975 e 1976, venceram todos.

Estavam dois jogos à frente dos Dodgers na National League West. Como sempre, uma enorme multidão compareceu, a maioria curiosa para ver se o bastão de Joe Castle tinha esfriado durante o intervalo dos All-Star.

Esfriado nada! Joe rebateu um *home run* de uma corrida em sua primeira oportunidade no bastão e por pouco não conseguiu outro no quarto *inning*. Marcou três de quatro no primeiro jogo, dois de cinco no segundo, dois de quatro no terceiro e um de três no quarto. As equipes racharam a série, e os Reds venceriam noventa e nove partidas e conquistariam a National League West. Para a série, Joe marcou oito de dezesseis, e sua média caiu para 0,661.

Mais um recorde surgiu. Em 1941, um novato dos Reds chamado Chuck Aleno fez uma estreia fenomenal, rebatendo com firmeza em seus primeiros dezessete jogos, um recorde da modernidade que permaneceu intacto até 1973. Aleno esfriou consideravelmente e deixou o beisebol três anos depois, após participar de apenas 118 jogos e rebater 0,209. Os especialistas, é claro, ainda previam tal

derrocada para Joe Castle.

O décimo sexto jogo de Joe foi em Pittsburgh, e ele mandou ver no início do primeiro *inning* com uma rebatida tripla. Os Cubs estavam se saindo bem fora de casa e o público aplaudiu educadamente. Os torcedores dos Pirates estavam mal acostumados com tipos como Roberto Clemente, Willie Stargell e Al Oliver, e conheciam o beisebol que eles jogavam. O que testemunhavam ali era histórico e, embora quisessem vencer, torciam também por aquele cara novo no pedaço. No segundo jogo, foram catorze *innings*. Joe rebateu cinco de sete. Alcançou o recorde de Aleno com um *home run* em seu décimo sétimo jogo, vindo a quebrá-lo com duas duplas em seu décimo oitavo.

Quando os Cubs saíram de Pittsburgh para participarem de uma série de três jogos em Montreal, Joe jogara dezenove partidas, rebatera com excelência em todas elas, e trazia em seu registro uma média espetacular de 0,601, com catorze *home runs* e dezessete bases roubadas. Os recordes ainda caíam; o beisebol jamais presenciara uma estreia tão eletrizante de um jogador.

Os Cubs tornaram-se a equipe mais popular do beisebol e venceram os Pirates na East em seis jogos.

O rosto sorridente de Joe Castle estampava a capa da edição do dia 6 de agosto da *Sports Illustrated*. A foto foi tirada da cintura para cima. Com as duas mãos, segurava firmemente um bastão da largura de seus ombros, os bíceps contraídos, demonstrando poder. A manchete em negrito, sobre sua cabeça, dizia: “Joe de Calico”. E logo abaixo do peito: “O Fenômeno”.

O autor do artigo passou um tempo em Calico Rock. Entrevistou a família de Joe, bem como os amigos, treinadores e colegas de equipe. A matéria foi minuciosa, justa, equilibrada e ofereceu as primeiras informações mais detalhadas sobre o histórico de Joe. Uma fonte valiosa foi Clarence Rook, editor de esportes do *Calico Rock Record* e historiador não oficial de beisebol para Izard County, Arkansas.

9

Sr. Clarence Rook solicita que eu me retire das dependências do jornal na Main Street, ao que obedeco. Dirijo-me a uma sorveteria quase ao lado do prédio, onde compro duas bolas de baunilha; aproveito para prestar atenção às fofocas dos moradores da cidade que andam lentamente pela calçada. Uma hora depois, pego o carro e rumo na direção oeste a três quadras dali, um pouco mais acima da serra. Meu destino é a casa número 130 na South Street, onde o Sr. Rook mora há quarenta e um anos. Ele me aguarda, parado na varanda frontal, já em traje informal.

É uma antiga casa vitoriana, isolada, ladeada por varandas largas, cobertas e extensas, janelas altas em arco, espigões pintados, todos em diferentes cores, com destaque a um amarelo bem claro. O pequeno gramado e os canteiros são tão bonitos e coloridos quanto a casa.

— Sua casa é linda — elogio enquanto atravesso o portão de vai e vem acoplado a uma cerca branca.

— Foi herdada pela minha esposa. Era da família dela. Seja bem-vindo.

Está vestindo uma camisa branca de linho com a parte traseira que vai praticamente até os joelhos, uma calça branca bufante formando um bolo ao redor dos tornozelos à mostra e um par de alpercatas arranhadas, bastante gastas. Com a mão direita, segura um copo longo e delgado com um canudo, e com a esquerda sinaliza para o lado, dizendo:

— Venha. Fay está lá atrás.

Eu o acompanho, e nossos passos fazem as tábuas rangerem; passamos sob os giros incessantes dos ventiladores de teto. A varanda é repleta de móveis brancos de vime — cadeiras de balanço,

banquinhos, mesinhas, um balanço bem comprido, cheio de almofadas.

Fay é sua esposa, uma senhora baixa e ativa, cabelos brancos e óculos grandes, redondos, de armação laranja. Ela me recebe com enorme satisfação, segurando-me a mão com as suas, dando a impressão de que há muitos anos não recebem visitas.

— É de Santa Fé? — indaga. — Adoro Santa Fé, cidade natal da mulher mais fascinante que infelizmente não conheci.

— Quem é?

— Georgia O'Keeffe, ora essa.

— Fay é artista. — Sr. Rook explica, embora esteja ficando óbvio para mim.

A essa altura, já estamos nos fundos, bem acima do rio White, ao longe, e, sem que eu perceba, entramos no estúdio de uma pintora profissional. Pilhas de cavaletes, prateleiras de tintas, todas cuidadosamente organizadas, caixas de pincéis de todos os tamanhos e formatos. Algumas amostras de seu trabalho revelam uma fascinação impressionista por flores e paisagens.

— Gostaria de beber alguma coisa? — oferece Sr. Rook, entrando em um pequeno bar.

— Ah, sim, claro.

— A bebida da casa é gim de limão — avisa, enquanto, em um copo com gelo, serve uma mistura amarela que se encontra em uma jarra. Nunca ouvi falar em gim de limão, mas, pelo visto, é o que há para se beber e ponto final.

— Misericórdia, essa coisa é um horror — critica Sra. Rook, revirando os olhos, como se o velho menino tivesse algum problema. Ele empurra o copo para mim e diz:

— Na verdade, não é gim de limão. Aliás, já me disseram que gim de limão é gim de verdade aromatizado com limão, o que parece horrível. Isso aqui é mais uma limonada com um pouquinho de Gordon's para dar um saborzinho. Saúde!

Tocamos os copos em um brinde. Provo a bebida. Nada mau! Caminhamos lentamente para a lateral da casa e encontramos um local para nos sentarmos em meio ao vime. A Sra. Rook é um estudo em cores brilhantes. O cabelo branco tem uma mecha roxa sobre a

orelha esquerda. As unhas dos pés estão pintadas de rosa. O vestido de algodão, que não amassa, é uma colagem de vermelhos e azuis.

— Fique para o jantar — ela me convida. — Preparamos tudo com o que cultivamos na horta. Tudo fresco. Sem carne. Algum problema para você?

Não há como recusar e, além do mais, já notei que encontrar-se um restaurante bom em Calico Rock pode não ser tarefa das mais fáceis. Hotel, então, ainda não vi nenhum.

— Se vocês fazem questão — digo, o que parece deixá-la empolgada.

— Vou colher uma abóbora — anuncia, levantando-se em um pulo e saindo às pressas.

Continuamos a beber e conversamos sobre o calor e a umidade, mas logo encontramos um jeito de retornarmos ao que importa de fato. Ele começa:

— Paul, é preciso entender que os Castle protegem muito Joe. Veja bem: é muitíssimo improvável que você esbarre com ele na rua, pois Joe quase nunca é visto na cidade. Ainda assim, caso isso acontecesse e você tentasse cumprimentá-lo, ele simplesmente se afastaria e continuaria andando. Não consigo imaginar Joe de papo com um estranho. Isso não acontece mesmo. Durante todos esses anos, um ou outro jornalista apareceu tentando escrever uma reportagem. Algumas até chegaram a ser publicadas há muito tempo, mas disseram coisas desagradáveis.

— Tipo o quê?

— Que Joe tem sequelas cerebrais, que Joe está inválido, que Joe é amargo e coisas do gênero. A família desconfia muito de qualquer um que apareça querendo falar sobre Joe. É por isso que eles nunca o deixariam conversar com você.

— Eu conseguiria falar com os irmãos dele?

— Não faço ideia. Você é quem sabe, mas eu não aconselharia. Red e Charlie são simpáticos, mas podem ser bem grosseiros. E quando se trata do irmão caçula, os caras viram o demônio num estalar de dedos. Andam armados, como muita gente aqui por estas bandas. Rifles de caça e o diabo a quatro.

O gim de limão começa a fazer efeito, e me dá vontade de mudar de assunto e falar sobre qualquer coisa que não envolva armas.

Tomo um gole bem grande e Sr. Rook também. Por um instante, tudo o que se ouve são as pás giratórias dos ventiladores de teto. Finalmente, pergunto:

— O senhor o viu jogar em Wrigley?

Ele esboça um sorriso nostálgico, de orelha a orelha, e faz que sim com a cabeça.

— Duas vezes. Fui de carro para Chicago com Fay no início de agosto daquele verão. A matéria da *Sports Illustrated* acabara de ser publicada, e o mundo estava alucinado com Joe Castle.

— Como conseguiram os ingressos?

— Cambistas. O que não faltava aqui era gente desesperada para ir a Chicago assistir a um jogo, mas a notícia era de que não havia mais ingressos. Joe sempre ganhava uma porção deles. Saía até briga para se conseguir um. Lembro-me de uma manhã, quando eu estava tomando um café no centro da cidade. O Sr. Herbert Mangrum entrou. Tinha uma vida estável e acabara de pegar um avião para Pittsburgh para assistir aos Cubs. Contou que teve de desembolsar 300 dólares para um cambista por dois ingressos em Pittsburgh. Herb era um falastrão, adorava exagerar na dose, e não parou de dizer que tinha visto Joe em Pittsburgh.

— Então vocês foram para Chicago sem nenhum ingresso?

— Isso mesmo, mas eu tinha um contato. Demos sorte e assistimos a dois jogos. Falei com Joe depois do primeiro. Não se falava em outra coisa senão no garoto que fazia um sucesso estrondoso. Estávamos muito orgulhosos.

— Que jogos foram esses?

— Os de 9 e 10 de agosto contra os Braves.

— O senhor perdeu a melhor parte. Ele foi expulso no dia seguinte.

Sr. Rook lambe os lábios, inclina a cabeça e me lança um olhar estranho.

— Você está por dentro do assunto mesmo, não é?

— Sim, senhor, estou.

— Poderia, por favor, parar com essa história de “senhor” e

“senhora”? Meu nome é Clarence, e minha esposa se chama Fay.

— Está bem, Clarence. O que quer saber sobre a meteórica, bem-sucedida, mas trágica carreira de Joe Castle?

— Quantas partidas ele jogou? — Clarence pergunta, sabendo a resposta.

— Trinta e oito, e sei do placar de todas elas. Se não fosse pela expulsão no dia 11 de agosto, um dia depois de você tê-lo visto em campo, ele teria jogado quarenta e três.

Clarence sorri, faz que sim com a cabeça, toma um gole bem prolongado e diz:

— Está errado, Paul. Ele teria participado de três mil jogos caso não tivesse levado a bolada na cabeça — corrige, pondo o copo sobre a mesa. Em seguida, levanta-se e anuncia: — Já volto.

Retorna com uma caixa de papelão que ele põe no chão próximo ao sofá. De lá, retira quatro classificadores bem grossos de três furos, todos combinando e perfeitamente organizados. Coloca-os sobre a mesa de vime e diz:

— Este aqui é o livro que nunca escrevi: a história de Joe Castle. Muitos anos atrás, comecei o primeiro capítulo, depois deixei de lado. Não é o único projeto abandonado; na verdade, há muitos deles, e creio que o mundo só tenha a lucrar com minha mania de protelar.

— Caramba, como pode um editor de jornal protelar? Sua vida não gira em torno de prazos?

— Alguns prazos, com certeza, mas como passamos o dia com os olhos grudados no calendário, acabamos por colocar de lado nossos outros projetos.

— Então, por que não escreveu esse livro?

— Com toda sinceridade, foi por causa da família. Conversei com Red uma vez, e a ideia não o agradou. Esta cidade é pequena demais para se fazerem inimigos e, se a família não estava disposta a colaborar, então não valia a pena escrever o livro.

Ele folheia o segundo classificador, buscando a marcação referente a 11 de agosto de 1973.

— Sente-se aqui mais perto — convida, dando uma batidinha no espaço perto dele. Aproximo-me para olhar, louco para ver sua

pesquisa.

— Esta é uma de minhas reportagens preferidas — diz, apontando para um artigo no *Tribune* cobrindo a expulsão de Joe por atacar a base de lançamento. Havia uma foto bem grande de uma briga. Continua:

— No início de agosto daquele verão, os *pitchers* estavam arremessando cada vez mais para atingir Joe. Faz parte do ritual de qualquer iniciante, sobretudo quando o sujeito está em uma fase muito boa. Só que os Cubs tinham Ferguson Jenkins e Rick Reuschel, dois baita jogadores que lançavam com bastante força e eram famosos por protegerem seus rebatedores. Rolavam uns boatos de que Jenkins, Reuschel e outros *pitchers* dos Cubs espalharam que, se Joe fosse atingido, o revide seria imediato. Só que Joe acabou sem precisar de ajuda nenhuma. Os Braves tinham um defensor esquerdo temporário chamado Dutch Patton, um grandalhão, corpulento, de mais ou menos 1,90m de altura, e logo de primeira Joe mandou uma rebatida dupla, correu e roubou a terceira base. Ainda estávamos em Chicago, mas não conseguimos ingressos para a partida. Daí assistimos pela TV. No terceiro *inning*, Patton arremessou em direção à cabeça de Joe e quase o derrubou. Os jogadores dos Cubs que estavam no banco ficaram furiosos, e os torcedores, doidos por um tumulto. Joe gritou algo para Patton, que respondeu gritando outra coisa. O juiz intercedeu. O clima ficou tenso. Joe voltou para o retângulo do treinador, armou a rebatida, e Patton se preparou para lançar. Assim que soltou a bola, Joe largou o bastão e disparou na direção da base de lançamento. A agilidade e a rapidez de Joe surpreenderam a todos, inclusive Patton e o receptor, Johnny Oates. Já assisti ao vídeo umas cem vezes, e o que aconteceu foi assustador. Patton conseguiu atirar a luva para Joe, que desviou e lhe mandou uma direita bem no meio da boca. Um gancho de esquerda no nariz o derrubou e, feito uma britadeira, Joe o atacou com mais cinco golpes no rosto, cada um deles fazendo esguichar sangue. Patton saiu do campo de maca, ficou apagado por seis horas e durante um mês não jogou. Johnny Oates finalmente conseguiu afastar Joe, e àquela altura já havia uns quarenta jogadores dentro do campo trocando socos. A briga durou uns dez minutos e resultou em umas sete ou oito expulsões. Joe levou uma suspensão por cinco jogos, e os Cubs perderam os cinco.

Enquanto ele conta a história, presto bastante atenção, mas vou folheando o classificador. Tenho uma cópia da matéria publicada no *Tribune*, juntamente com a foto, mas meu pequeno álbum sobre Joe Castle não é nada comparado à riquíssima coleção diante de meus olhos. Conheço a história do revide de Joe contra Dutch Patton, e

Clarence não perdeu um detalhe sequer.

— O que achei muito engraçado foi que eu já tinha visto Joe aprontar a mesma coisa — conta.

— Quando? — indago enquanto ele faz uma pausa e aguarda minha pergunta.

— Quando ele tinha dezessete anos, em uma partida na escola contra os Heber Springs. Choveram olheiros por aqui, todos para ver Joe. Na primeira rebatida, ele lançou a bola sobre as luzes no campo direito. Na segunda, o *pitcher* arremessou em sua cabeça. Joe manteve a calma e esperou. Quando se ataca a base de lançamento, o maior perigo é ser interceptado por trás por um receptor. Os três irmãos Castle compreendiam bem esse lance do jogo, que é um tanto básico. Joe esperou até o lançamento. Então disparou em direção à base de lançamento. A coisa foi bem feia. Eram todos muito jovens. Por isso, os bancos não se esvaziaram rápido como acontece num jogo de primeira divisão... — Clarence baixa a voz como se não quisesse concluir a história.

— Ele machucou o lançador?

— Digamos apenas que o rapaz ficou alguns dias sem lançar, talvez até algumas semanas, talvez para sempre, não sei. Só sei de uma coisa: ele nunca mais quis saber de mandar nenhuma bolada intencional na cabeça dos outros. Joe não era brigão; pelo contrário, era um garoto muito bacana. Só não gostava que o atacassem com a bola.

— Quem apartou a briga?

— Os juízes. Nenhum jogador da outra equipe quis se aproximar.

Continuo passando as páginas e me deparo com a capa da *Sports Illustrated*.

— Aposto como isto aqui deixou a cidade pra lá de entusiasmada.

— Ah, sim, não que faltasse entusiasmo naquele verão. Todos da cidade queriam falar com o repórter. Deixe-me encher seu copo novamente, Paul.

Ele se dirige aos fundos, levando os dois copos. Vou atrás e dou uma espiada na cozinha, onde Fay fatia uma berinjela. Uma vez servidas as bebidas, Clarence põe mais fumo no cachimbo e acende.

Segurando mais uma dose de gim de limão, descemos as escadas dos fundos e olhamos para o rio White.

— Qual a origem do apelido? — indago.

Clarence dá uma risadinha e toma um gole.

— Coisa da *Sports Illustrated*, creio eu. Foi a primeira vez que ouvi o termo Calico Joe, mas o nome pegou. Os cronistas de Chicago começaram a usar o apelido e adotaram de vez. Cinquenta anos antes, havia o Shoeless Joe, então acho que Calico Joe foi irresistível.

— É um apelido perfeito!

— É. Ou foi.

Observamos dois homens de barco lançarem as linhas e serem levados pela correnteza.

— O que Joe faz por aqui? — indago.

— Cuida do campo de beisebol dele.

— Dele?

— Isso mesmo. O Joe Castle Field, lá na escola. Apara o gramado todos os dias de manhã. Passa o ancinho na sujeira, arranca o mato, passa o giz, varre as áreas dos jogadores e faz serviços de manutenção do campo cinco dias por semana. No inverno, remove a neve das arquibancadas. Quando chove, senta-se no banco de jogadores ao lado da terceira base e fica olhando as poças se formarem ao redor do campo. Quando a chuva para, espalha cuidadosamente a terra para que da próxima vez não se formem poças novamente. Neste período do ano, depois do término dos jogos de verão, ele pinta as duas áreas de jogadores e a cabine de imprensa. O campo é dele afinal.

— Posso vê-lo amanhã?

— Mais uma vez, não sou responsável pela guarda e proteção dele. Faça o que bem entender.

— Mas você acha que ele falaria comigo?

— Já expliquei, Paul. Joe não fala com estranhos.

— Falaria com meu pai se eu o trouxesse aqui?

Clarence tosse e me olha intensamente, como se eu tivesse

ofendido sua esposa.

— Perdeu o juízo?

— Talvez. Ele está morrendo, Clarence, e antes que se vá, eu gostaria que os dois homens trocassem umas palavras.

— Que tipo de palavras?

— Não sei muito bem, mas eu gostaria que meu pai se desculpasse.

— Já conversou sobre isso com seu pai?

— Ainda não, mas, antes de mais nada, preciso saber se Joe vai concordar em encontrá-lo.

Duvido muito, Paul. E seria um erro imperdoável Warren Tracey dar as caras por aqui em Calico Rock. Poderia causar uma encrenca dos diabos.

10

Levou uma semana para o arroxeadado no olho desaparecer. Passei a maior parte do tempo no quarto, lendo e checando no espelho. Meu pai apareceu duas vezes, meio sem graça, tentando fazer as pazes, mas eu não estava nem um pouco a fim. Quando um filho leva uma bofetada do próprio pai, a dor dura muito mais do que os hematomas. Felizmente, os Mets partiram em uma longa viagem. Foi quando consegui dar uma escapada do quarto e tentei aproveitar o último mês das férias de verão.

Em 8 de agosto, os Mets ganharam dos Astros em Houston. Meu pai jogou sete *innings*, perdeu apenas três rebatidas, cedeu só dois *walks* e venceu seu quinto jogo da temporada. Escutei o jogo na saleta e, como sempre, registrei cada arremesso e jogada na minha tabela oficial dos Mets. Eu sabia que era sua melhor partida em muitos anos e, como Lindsey Nelson e Ralph Kiner falaram bem do meu pai, não pude deixar de sentir uma ponta de orgulho, embora a contragosto. Eu estava me deitando quando ele ligou para casa querendo conversar sobre o jogo. Passamos meia hora ao telefone. Ele então contou os destaques e pacientemente respondeu às minhas perguntas. Quando finalmente nos despedimos, tive dificuldade para dormir, tamanha a animação. Quatro dias depois, vencendo pela segunda vez consecutiva em uma partida contra os Padres, Warren Tracey realizou um feito raríssimo para seus padrões: arremessou os nove *innings* e cedeu apenas quatro rebatidas. Como estava na Costa Oeste, ele não me ligou depois do jogo. No dia seguinte, telefonou do hotel no final da manhã e conversamos por quase uma hora.

Apesar de satisfeita com minha felicidade, minha mãe ficou desconfiada com o súbito interesse de meu pai em mim. Meus hematomas sumiram, e as cicatrizes emocionais aos poucos desapareciam, ou pelo menos era o que eu achava.

Nos jornais de Nova York, ainda se travava uma acirrada batalha

sobre Warren Tracey: se deveriam mandá-lo para o banco ou rebaixá-lo. Suas duas vitórias consecutivas acalmaram seus críticos, mas pouco serviram para incentivar qualquer tipo de apoio. Os Mets voltavam à cena, embora parecesse que nenhuma equipe conseguiria vencer os Cubs. Joe Castle ainda estampava as manchetes dos jornais de Chicago e de onde quer que estivesse jogando.

Fiz os cálculos várias vezes e, caso não houvesse nenhuma mudança brusca nas rotações, nas *lineups*, se não houvesse contusões ou imprevistos devido ao mau tempo, os Cubs chegariam ao Shea Stadium na sexta, 24 de agosto. Joe Castle faria sua estreia em Nova York, e meu pai estaria na base de lançamento. Os Cubs estariam em primeiro lugar no Leste, e os Mets, muito provavelmente, em segundo. Sempre que eu pensava nessa possibilidade, o que acontecia pelo menos dez vezes por dia, sentia um frio na barriga, um embrulho no estômago. Eu não conseguia engolir nem água. Warren Tracey contra Joe Castle. O que eu sentia por meu pai era irremediavelmente confuso e ambíguo. Na maioria das vezes, eu o desprezava, mas ele era meu pai, um jogador de beisebol profissional lançando para os New York Mets! Quantos garotos de 11 anos podiam dizer o mesmo? Morávamos na mesma casa. Tínhamos os mesmos ancestrais, nome, endereço. Seu sucesso ou fracasso tinha um impacto direto sobre mim. Eu adorava seus pais, embora raramente os visse. Ele era meu pai, ora bolas! Eu queria que ele ganhasse.

No entanto, o mundo do beisebol girava em torno de Joe Castle. Onde quer que ele jogasse, esgotavam-se os ingressos e faltavam lugares até mesmo nos treinos antes dos jogos. Os repórteres o perseguiram feito loucos, tanto que ele se escondia. Quando viajavam, os torcedores se reuniam nos hotéis onde os Cubs se hospedavam, esperando conseguir um autógrafo ou pelo menos vê-lo. As jovens enviavam todos os tipos de propostas, inclusive de casamento. Seus companheiros de equipe e treinadores armavam altos esquemas para garantir sua privacidade. Fora do campo, reinavam a loucura e o rebuliço geral, mas dentro do diamante, entre as linhas de giz, Joe Castle continuava a jogar feito um garotinho em um terreno baldio. Corria atrás de bolas rebatidas para fora do campo, lançava-se contra as arquibancadas, transformava rebatidas simples, meia-boca, em duplas, bloqueava com dois *strikes*, rompia violentamente *double plays*, corria de volta à base, tocando-a com apenas um dos pés. Em seguida, saía em disparada para a base seguinte depois que um *outfielder* pegava uma bola aérea. Geralmente, era o jogador que saía com o uniforme mais sujo ao final das partidas. Durante todo o jogo, seu bastão não parava, mandando bola para todos os cantos do campo.

A ideia de Joe rebater contra meu pai era assustadora, mas à medida que o mês de agosto avançava, com aqueles dias quentes e longos, eu não conseguia pensar em mais nada. Meus amigos não largavam do meu pé, todos atrás de ingressos, que se esgotaram nos quatro jogos contra os Cubs. Nova York era a próxima parada.

Em 17 de agosto, liberaram Joe da suspensão por esmurrar Dutch Patton. Numa tarde, com sua veia dramática, ele voltou ao Wrigley Field, onde encontrou uma multidão eufórica, louca para assistir ao jogo contra os Dodgers. Mandou uma rebatida simples no primeiro *inning*, uma dupla no quarto, uma tripla no sétimo e, quando se dirigiu ao *plate* no final do nono, precisava apenas de um *home run* para completar o ciclo. Os Cubs precisavam de um *home run* para ganhar o jogo. Rebatendo de direita, Joe enfiou um *blooper* abaixo da linha do campo direito e, enquanto a bola rolava lentamente para o muro, teve início a corrida. Ron Santo marcou facilmente da segunda base, com a corrida de empate, e, quando Joe disparou para a terceira base, ignorou o sinal do treinador e não parou. O cara não reduziu a velocidade. O *shortstop* entrou na corrida, olhou para a terceira base, onde Joe rebateria uma tripla fácil. Ele então hesitou ao vê-lo acelerando para o *home*. O lançamento foi perfeito, e o receptor, Joe Ferguson, agarrou a bola e bloqueou o *plate*. Ferguson tinha 1,92m, pesava 100 quilos. Joe tinha a mesma altura, 93 quilos. Em uma decisão tomada em fração de segundo, ambos se recusaram a parar. Joe baixou a cabeça, soltou os pés e chocou-se contra Ferguson. A violência da colisão fez com que os jogadores rodopiassem na terra. Joe teria saído por um metro, mas a bola estava solta e rolava pela grama.

Foi seu primeiro *inside-the-park home run*. Por um milagre, nenhum dos dois se machucou no choque em campo. Só sentiram certa dificuldade em caminhar depois de se levantarem.

Depois de trinta e um jogos, ele rebateu sessenta e duas bolas em 119 oportunidades, com dezoito *home runs* e vinte e cinco bases roubadas. Cometera um erro a princípio e tinha marcado apenas seis *strikeouts*. Sua média de rebatidas de 0,521 era de longe a mais alta da Major League, embora o número de oportunidades que tivera até então não fosse suficiente para qualificá-lo no ranking oficial. Como se esperava, sua média caía lentamente.

Ty Cobb, o maior rebatedor de todos os tempos, teve uma média de 0,367 em toda a carreira. Ted Williams, 0,344. Joe DiMaggio, 0,325. Ainda não aparecera ninguém para comparar Joe Castle aos

grandes, mas nenhum novato havia atingido a marca de 0,521, após 119 oportunidades de rebatida.

Em 20 de agosto, os Mets jogaram em casa contra os Cardinais, e meu pai era o primeiro da rotação. Depois de vencer duas seguidas, ele tinha perdido uma partida para os Dodgers num jogo definido por apenas uma corrida de diferença. Levou uma surra dos Giants, mas evitou admitir a derrota. Registrava seis e sete e sentia-se seguro com o próprio desempenho. Depois de tomar seu milk-shake de banana, perguntou-me se eu gostaria de ir para o Shea Stadium com ele. Isso, naturalmente, significava que eu teria acesso ao vestiário, ao banco dos jogadores e ao campo, horas antes do início da partida. Aceitei o convite na hora. Ele prometeu me levar para casa após o jogo, o que, naturalmente, significava que ele não se enfiaria num bar para encher a cara. A tensão lá em casa havia diminuído um pouco. Meus pais estavam se tratando com civilidade, pelo menos na nossa frente. Para duas crianças confusas, aquilo só servia para confundir ainda mais.

Eu estava no banco dos jogadores dos Mets, assistindo ao treino dos Cardinais, imerso nas imagens e nos sons, deleitando-me com o mais raro dos momentos, quando Willie Mays passou e perguntou:

— Ei, garoto, o que o traz aqui?

— Meu pai vai jogar. Ele é *pitcher* — respondi, completamente apavorado.

— Tracey?

— Sim, senhor.

E, então, Willie Mays sentou-se ao meu lado no banco como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Esqueci seu nome.

— Paul Tracey.

— É bom ver você de novo, Paul.

Tentei dizer algo, mas congelei.

— Seu pai tem arremessado bem ultimamente. Se eu não me engano, ele me disse que você também joga como *pitcher*.

— Sim, senhor, mas nossa temporada acabou. Ano que vem faço 12 anos.

Lou Brock estava no campo para os Cardinals, mandando bolas violentas por todos os lados. Nós o vimos rebater umas doze, então Willie falou com outro jogador que passou por nós. Terminado o bate-papo, voltou-se novamente para mim e disse:

— Sabe, eu nunca quis lançar. O *pitcher* depende de muitos outros jogadores para ter sucesso. O cara pode estar jogando muito bem, mas aí, do nada, alguém dá um vacilo e pronto! Lá se foi a vitória. Entende?

— Sim, senhor — concordaria com qualquer coisa que Sr. Mays tivesse a dizer.

— Ou então o cara marca vinte *strikeouts*, abre mão de duas rebatidas e perde o jogo, entende, Paul?

— Sim, senhor.

— E depois também tem uma coisa: marcar *strikes* nunca foi meu forte, o que dificulta muito quando se está tentando arremessar.

— Volta e meia passo por isso — comentei, fazendo Willie Mays cair na gargalhada. Deu-me um tapinha no joelho e disse:

— Boa sorte, Paul.

— Obrigado, Sr. Mays.

Ele se levantou em um pulo e gritou com um dos jogadores dos Cardinais. Olhei para meu joelho por um longo tempo e jurei nunca mais lavar aquele jeans. Passados alguns minutos, Wayne Garrett e Ed Kranepool sentaram-se ali perto e começaram a assistir ao treino. Eu me aproximei um pouco para conseguir escutar a conversa.

— Soube o que o Castle aprontou hoje? — Garrett perguntou mascando um chiclete.

— Não — respondeu Kranepool.

— Quatro de quatro, com duas duplas, em cima de Don Sutton.

— De Sutton? — indagou Kranepool incrédulo.

— Pois é. Pensei que o garoto estivesse perdendo o gás.

— Acho que não. Esse final de semana aqui promete. Você tem algum ingresso sobrando?

— Está brincando?

Sentei-me sozinho na oitava fileira a partir do campo, próximo ao banco dos Mets. Meu pai perdeu um *home run* para Joe Torre no primeiro *inning*. Só que logo retornou à forma e começou a jogar bem. Perdeu o gás no início do sétimo *inning*, com os Mets ganhando por 5 a 2. Quando Yogi Berra o puxou, o público o presenteou com uma ovação ensurdecadora. Eu estava de pé, batendo palmas e gritando feito um louco. Ele se virou para mim e me cumprimentou com um toque na viseira do boné. Naquele momento percebi o quanto eu queria adorá-lo.

Ele marcou sete e sete. A próxima partida seria contra os Cubs.

11

Depois de dois gins de limão, já estou torto e paro por aqui. Clarence parece imune ao álcool. Quando parte para a terceira dose, recuso e peço um copo de água. Fay está atarefada, cozinhando e pondo a mesa na varanda dos fundos. O sol está se pondo, e os últimos raios reluzem nas águas do White atrás de nós. Clarence e eu nos sentamos sob um bordo próximo à horta e conversamos sobre os Castle, os rapazes, mais especificamente.

O avô, Vick Castle, assinou contrato com os Cleveland Indians em 1906. Cinco anos depois, já estava jogando pelas grandes ligas, mas a boa fase durou menos que um mês. Jogou dez partidas e foi rebaixado. Ao final da temporada, venderam seu passe; em seguida, quebrou o pé, e sua carreira acabou. Retornou para Izard County e tocou uma madeireira até morrer, aos 44 anos. Bobby, seu filho único — e pai de Joe —, assinou com os Pittsburghs em 1938. Em 1941, destacou-se na liga internacional de estrelas por seus rebates e corridas impulsionadas. Era para ele começar na terceira base pelos Pirates em 1942, mas a guerra atrapalhou. Ele se alistou na Marinha e foi enviado para o Pacífico, onde perdeu metade da perna em um campo minado.

O filho mais velho, Charlie, interrompeu os estudos para jogar com os Washington Senators; rodou pelas pequenas ligas por seis anos e então pendurou as chuteiras. Red, o irmão do meio, assinou contrato com os Phillies em 1966, mas não conseguiu sequer chegar perto de uma grande liga. Desistiu, entrou para o corpo de fuzileiros navais e prestou serviço voluntário no Vietnã.

Clarence narra a história com prazer e não precisa de anotações. Sua capacidade de se lembrar dos fatos é impressionante, embora me falte uma base mais sólida que me permita confiar na sua precisão. Algo naqueles olhos brilhantes e naquelas sobrancelhas grossas me leva a crer que sua versão é repleta de floreios, mas não importa. Ele

adora conversar, contar histórias, e seu tema preferido é, obviamente, a família Castle. Sinto um prazer enorme de estar aqui e uma grande felicidade em escutar.

— Mesmo quando Charlie e Red estavam na ativa — continua —, todos falavam sobre Joe. Quando ele tinha uns 10 anos mais ou menos, um pinga de gente, fez quatro home runs em uma partida contra os Mountain Home. Foi a primeira vez que ele saiu no jornal. Pesquisei os arquivos e achei a matéria. Em 1973, uma porção de gente me procurou querendo toda sorte de informações sobre Joe Castle. Passei metade do verão vasculhando edições antigas. Aos 12 anos, ele levou nossa liga de estrelas, os All-Stars, ao terceiro lugar em Little Rock. Publiquei uma matéria de capa bem grande sobre a equipe, com uma foto enorme e tudo o mais. Quando ele tinha 13 anos, parou de jogar com a molecada e passou todo o verão com uma equipe de adultos. Joe ocupava a primeira base, e Red, a segunda; vinham respectivamente em terceiro e quarto na *lineup*, e devem ter jogado umas cem partidas. Foi quando percebemos que ele era especial. Os olheiros começaram a aparecer quando ele tinha 15 anos. Charlie e Red jogavam na equipe de base, mas só se falava em Joe. Eu estava cobrindo uma partida decisiva em maio de 1968 em Searcy. Foi quando ele rebateu uma bola que atingiu um ônibus escolar em um estacionamento a 128 metros do *home plate*. Dá pra imaginar? Um moleque de 16 anos rebatendo um *home run* a 128 metros com um bastão que não era de alumínio, mas de madeira! Os olheiros babaram, balançando a cabeça sem acreditar no que viram. Foi incrível.

— Clarence, o jantar está pronto! — Fay grita do pórtico.

Não perdemos tempo. O sanduíche de pernil desfiado que comi no almoço, há oito horas, já era. Diretamente sob um ventilador de teto, Fay pôs uma linda mesa, pequena e redonda, com flores frescas e um vasinho ao centro. Há uma enorme tigela com salada de tomate, pepino e cebola, e outra com abóbora e berinjela grelhadas sobre arroz integral. Ela gesticula na direção da comida e comenta:

— Duas horas atrás, nada disso ainda tinha sido colhido.

Passamos as tigelas e começamos a comer. Sinto-me compelido a pelo menos discutir um pouco sobre seus trabalhos artísticos, mas desisto da ideia. Uma visita dessas jamais se repetirá. Quero mais é falar e ouvir sobre Joe Castle. Depois de conversar um pouco sobre minha esposa, minhas filhas e meu trabalho, dou um jeito de retomar o papo original:

— Como foi em 1970, quando a escalação estava prestes a ser anunciada? — indago.

Clarence mastiga, engole, bebe um pouco de água e diz:

— Foi loucura total. Achávamos que ele seria o número um; pelo menos era o que os olheiros passaram dois anos dizendo.

— A cidade toda achava que ia ficar rico — Fay acrescenta.

— Naquela época, os novatos mais talentosos já começavam ganhando 100 mil dólares. Caso não tenha notado, esta cidade é pequena. O pessoal discutia abertamente o que Joe podia vir a fazer com tanto dinheiro. Então algo estranho aconteceu. No final de maio, Calico Rock jogava as finais do torneio estadual em Jonesboro. Joe jogou mal em duas partidas. Em dez anos, o desempenho dele nunca tinha sido ruim, mas daí, pá! Duas atuações ruins seguidas. Alguns olheiros ficaram assustados, acho eu. Os Cubs o pegaram na segunda rodada, ofereceram-lhe 50 mil dólares e ele se foi.

— O que aconteceu com o dinheiro?

— Ele doou 5 mil dólares para a igreja — conta Fay —, e 5 mil dólares para a escola, certo, Clarence?

— Parece que sim. Outros 5 mil dólares foram usados para reformar o estádio da Minor League, onde ele tinha jogado diversas partidas. Parece que ele quitou a hipoteca da casa dos pais, que não era lá muito alta.

— Não comprou nenhum Corvette zerinho? — pergunto.

— Ah, não. Ele pagou 2 mil dólares pela picape Ford de Hank Thatcher. Hank tinha acabado de morrer, e a viúva estava vendendo alguns de seus pertences. Ela não queria a picape, daí Joe a comprou.

Lembro a mim mesmo, novamente, por que não quero morar em uma cidade pequena. Intimidades como aquelas jamais seriam discutidas, talvez sequer conhecidas em uma cidade grande.

Não me lembro quando foi a última vez que comi legumes tão frescos quanto os de Fay. Sara sempre prepara comida saudável, mas nunca comi abóbora e berinjela assim.

— Que delícia! — elogio pela segunda ou terceira vez.

— Obrigada! — responde Fay, toda afável.

Percebo que ela come muito pouco. Clarence bebe água enquanto come, mas ainda mantém o gim de limão ali perto. Dois barcos pesqueiros navegam tranquilamente no rio, indo em direção às docas sob a ponte ao longe. Passamos a conversar sobre a irmã de Fay, que está com câncer em estágio terminal no Missouri. Ela quer que eles a visitem no fim de semana. O papo sobre câncer acaba descambiando para meu pai.

— Quando ele descobriu? — indaga Fay.

— Semana passada. É terminal também; restam-lhe apenas alguns meses, talvez semanas.

— Lamento.

— Já foi vê-lo? — pergunta Clarence.

— Ainda não. Vou lá amanhã. Como eu disse, não somos muito próximos; na verdade, não somos nada próximos. Nunca fomos. Ele nos deixou depois que a carreira dele acabou e logo se casou novamente. Não é uma pessoa bacana, Clarence; não é o tipo do cara com quem você gostaria de andar.

— Acredito. Li uma matéria sobre ele anos atrás. Depois do beisebol, ele se aventurou no golfe, mas acabou não dando em nada. Parece que virou corretor de imóveis em Orlando, mas não teve sucesso. Ainda jurava de pés juntos que não atirou a bola para acertar em Joe, mas o autor da matéria deu um tom meio de descrença. Acho que ninguém acredita.

— E não deve acreditar mesmo.

— Por quê?

Limpo a boca com um guardanapo de linho.

— Porque ele quis acertar o Joe. Eu sei disso. Há trinta anos ele nega, mas sei a verdade.

Fazemos uma longa pausa enquanto reviramos lentamente a comida no prato e ouvimos o giro do ventilador acima. Finalmente, Clarence ergue o gim de limão e toma um gole. Lambe, estala os lábios e diz:

— Você não faz ideia da nossa empolgação, do que significou para a cidade e, sobretudo, para a família. Depois de gerar tantos jogadores de qualidade, a família Castle via finalmente um dos seus conseguindo se dar bem.

— Eu queria muito poder me desculpar.

— Não pode. Além do mais, isso foi há trinta anos.

— É muito tempo — observa Fay, enquanto olha para o rio lá embaixo.

Talvez muito tempo, de fato, mas era algo que jamais seria esquecido.

— Acho que você não estava lá — observa Clarence.

Na verdade, estava sim. Dia 24 de agosto de 1973. No Shea Stadium.

12

Meu pai estava de mau humor quando saiu de casa, sozinho. Mandeí algumas indiretas, vendo se colava a ideia de irmos ao estádio juntos, mas ele estava com a cabeça no mundo da lua. Os jornais de Nova York faziam um enorme alarde sobre o jogo, e um cronista, o crítico mais ácido de meu pai, descreveu o confronto como “um contraste entre a juventude e a velhice. O senil Warren Tracey, de 34 anos, *versus* Joe Castle, o mais jovem astro da história do beisebol desde a chegada de Mickey Mande, em 1951”.

Jill estava acampando nas Catskills. Consegui, à custa de muita bajulação, convencer minha mãe a pegar um trem logo cedo para a cidade. Eu queria assistir ao treino e, o mais importante, ver de perto e ao vivo, pela primeira vez, Joe Castle. Saltamos do metrô às 16:30, duas horas e meia antes do início do jogo. O clima no exterior do Shea Stadium era contagiante. Fiquei surpreso com o número de torcedores dos Cubs, a maioria vestindo camisas brancas com o número 15 nas costas. Alguns estavam em família, bem-comportados; muitos, entretanto, estavam em grupos, rondando a área. Eram rapazes que se juntavam feito gangue de rua, gritando, bebendo cerveja, criando arruaça. E arruaça foi o que criaram. Os torcedores da equipe de Nova York estão longe de ser tímidos e raramente recuam de um desafio. Vi a polícia apartar três brigas antes de passarmos pelas catracas.

— Nossa, que coisa repugnante! — exclamou minha mãe. Seria sua última ida ao estádio.

O Shea Stadium comportava cinquenta e cinco mil pessoas e já estava com dois terços de sua capacidade tomados quando nos acomodamos em nossos lugares. Os Cubs estavam treinando, e havia uma multidão ao redor da grade no *home plate*. Ron Santo, Billy Williams, Jose Cardenal e Rick Monday estavam em um grupo e, enquanto se revezavam, passei os olhos pelo *outfield*, até que o vi. Quando ele se virou para pegar uma bola aérea, vi o nome Castle nas

costas da camisa azul-real do rebatedor. Ele pegou a bola perto da linha de jogo do *right field*, e milhares de jovens gritaram, pedindo autógrafo. Ele sorriu, acenou e correu de volta para um grupo de jogadores dos Cubs, parados no centro direito, provavelmente falando sobre as mulheres nas arquibancadas do *outfield*.

Eu já tinha lido muitas descrições de Joe Castle. No colégio, alguns olheiros não confiavam muito em sua estrutura, segundo eles, franzina demais. Ele pesava 77 quilos aos 18 anos, o que preocupava alguns especialistas. No entanto, falava-se que seu pai tinha dito: “Nem barba na cara tem! Deixem o menino crescer.” E ele tinha razão. Nas equipes de base, Joe havia encorpado, graças à própria genética combinada ao treino longo e exaustivo na sala de musculação. Tinha ombros largos e uma cintura de oitenta e três centímetros. A calça apertada que Joe usava para jogar provocou uma avalanche de cartas picantes enviadas pelo público feminino de todos os cantos do país, segundo um artigo no *Tribune*.

Ele parecia deslizar pelo *outfield* em meio aos baques dos bastões e às bolas voando por toda a parte. Avistei meu pai no banco dos Mets, sentado sozinho, fazendo seu ritual pré-jogo. Faltava ainda muito tempo para que entrasse na área de aquecimento e começasse a se alongar. Estranho, porém, que estivesse no banco. Normalmente, a duas horas do jogo, ele estava no vestiário numa sessão de massagem. Faltando noventa minutos, ele vestia o uniforme. Faltando setenta e cinco minutos para o início, deixava o vestiário, atravessava o banco de reservas e se dirigia à área de aquecimento, de cabeça baixa, recusando-se a olhar para o banco de reservas adversário. Quanto mais eu pensava nisso, mais estranho parecia. Os jogadores de beisebol e, sobretudo, os *pitchers*, são fanáticos pelos rituais. Meu pai tinha sido escalado como o terceiro e o primeiro em suas últimas seis partidas. Isso porque quatro dias antes mostrara talvez seu melhor desempenho nos últimos cinco anos. Por que mudaria as coisas assim?

Minha mãe me deu o livreto com a programação e informações sobre as equipes para guardar de lembrança. Depois comprou um sorvete, e aproveitei para conversar com os torcedores ali em volta. Joe acabou voltando para o banco dos Cubs, que ficava de frente para onde estávamos sentados. Ele pegou os bastões, pôs o capacete e começou a se alongar. Para fugir das arquibancadas, ficou perto da grade do campo. Chegada sua vez, entrou com tudo, rebateu algumas de leve para os *infielders*, depois começou a mandar bola para todos os cantos. Um bando se aproximou do campo. Fotógrafos se acotovelavam para conseguir um bom ângulo e disparavam as câmeras sem parar. Em sua segunda rodada, Joe ganhou mais gás, e as

bolas começaram a ir cada vez mais para o fundo. Esvaziou as bases em sua terceira rodada, de ambos os lados do *plate*. Rebateu cinco bombas direto para as arquibancadas, onde centenas de jovens corriam atrás das bolas que levariam como lembrança. Os torcedores dos Cubs gritavam a cada tacada, e se eu não estivesse enfiado no meio da torcida dos Mets, teria vibrado também. Além disso, meu pai era o *pitcher* adversário, e não parecia adequado.

Quando Joe se dirigiu à base de lançamento no início do primeiro *inning*, a torcida o recebeu com o maior estardalhaço. Não havia um assento vazio no estádio, e, por mais de uma hora, os torcedores dos Cubs e dos Mets gritaram freneticamente. Quando Rick Monday mandou para a interbase no primeiro lançamento, o estádio rugiu novamente. Dois arremessos depois, Glenn Beckert disparou à direita do campo, e Warren Tracey estava cruzando.

O locutor disse:

— Agora, rebatendo e ocupando a primeira base, número 15, Joe Castle.

Respirei fundo e comecei a roer as unhas. Ora eu queria assistir, ora fechar os olhos e apenas ouvir. Minha mãe bateu no meu joelho. Invejei sua apatia. Naquele momento crucial da minha vida, da vida de seu marido, da vida dos inúmeros torcedores dos Mets e dos Cubs em todo o país, naquele momento maravilhoso, eletrizante da história do beisebol, minha mãe pouco se importava com o que viesse a acontecer.

Como era de esperar, o primeiro arremesso foi alto e firme. Joe, rebatendo de esquerda, abaixou-se, mas não caiu, tampouco encarou meu pai. Foi apenas um *brushback*. Bem-vindo a Nova York. O segundo arremesso, considerado pelo juiz como um *strike*, pareceu baixo, mas Joe não reagiu. O terceiro arremesso foi uma bola rápida que ele rebateu na direção das arquibancadas, perto de onde estávamos. O quarto foi baixo e para o interior do campo. O quinto foi um *changeup* que enganou Joe, mas ele conseguiu rebatê-lo para fora da linha de jogo.

Eu prendia a respiração a cada lançamento. Rezava por um *strikeout* e por um *home run*. Por que não poderia ter os dois? Um *strikeout* agora para o meu pai, um *home run* mais tarde para Joe, que tal? No beisebol, sempre há outra chance, certo? Entre um arremesso e outro, eu considerava essas ideias, com o coração quase vindo à boca.

O sexto arremesso foi uma curva que bateu no chão. Três bolas, dois *strikes*. Billy Williams no círculo de espera. O Shea Stadium fervilhava. Os Cubs com dez jogos na liderança. Os Mets, dez jogos a menos, mas vencendo. Meu pai *versus* meu herói.

Joe bateu oito *fouls* nos arremessos seguintes, transformando o confronto em um duelo dramático, sem que nenhum jogador recuasse um centímetro sequer. Warren Tracey não ia lhe ceder um *walk* nem por um decreto. Joe Castle, por sua vez, não ia bater um *strikeout* nem sob tortura. O décimo quinto arremesso foi uma bola rápida que pareceu baixa, mas no último segundo Joe mandou uma tacada, pegou a bola e lançou-a para o centro direito do campo, onde ela parou a dez metros depois do muro. Por alguma razão, quando percebi que a bola tinha ido, olhei para a base de lançamento e vi meu pai. Não tirava os olhos de Joe, que nesse momento passava pela primeira base. Quando a bola passou da grade, Joe ergueu rapidamente o antebraço com o punho cerrado em sinal de vitória, como se dissesse “E isso aí!”. Não houve nada de arrogante no gesto, nada que tivesse como objetivo provocar o *pitcher*.

Só que, conhecendo bem meu pai, eu sabia que aquilo acabaria mal.

Foi o vigésimo primeiro *home run* de Joe em trinta e oito jogos e seria o último.

Estava dando empate em 1 a 1 quando Joe dirigiu-se ao *plate* no início do terceiro *inning*, com dois *outs* e nenhum *on*. O primeiro arremesso foi uma bola rápida para fora. Logo de cara previ o que aconteceria em seguida. O segundo arremesso foi exatamente como o primeiro, vigoroso e trinta centímetros fora do *plate*. Minha vontade foi levantar e gritar “Cuidado, Joe!”, mas não consegui nem me mexer. Meu pai estava na base de lançamento, e quando ele olhou para Jerry Grote, meu coração gelou. Eu não conseguia nem respirar. Só disse à minha mãe:

— Ele vai acertar Joe.

A bolada intencional — a *beanball* — foi direto no capacete de Joe. Por um segundo, um longo e torturante segundo que os torcedores e jornalistas passariam as próximas décadas discutindo, debatendo e analisando, Joe não se mexeu.

Não viu a bola. Por uma razão que ninguém, especialmente Joe, jamais conseguiria compreender ou explicar, ou recriar, ou reencenar,

ele simplesmente perdeu a bola de vista. Joe costumava dizer que preferia rebater de esquerda por achar que o olho direito captava os arremessos com maior rapidez. Naquele ínfimo e decisivo espaço de tempo, no entanto, sua visão falhou. Pode ter sido algo além do muro do campo central. Pode ter sido uma ligeira mudança na iluminação. Ele pode ter perdido a bola de vista enquanto ela cruzava entre a camisa branca de meu pai e o *home plate*. Ele pode ter se distraído com os movimentos de Felix Millan, o segunda-base. Ninguém jamais saberia, pois nem mesmo o próprio Joe viria um dia a se lembrar.

O som do choque entre uma bola de beisebol, feita em couro, e um capacete de plástico rígido é inconfundível. Durante minhas partidas, eu tinha escutado aquele som várias vezes. Cheguei, inclusive, a acertar acidentalmente dois rebatedores. Eu ouvira aquele som no Shea um mês antes, quando Bud Harrelson levou uma bolada intencional. Também no verão anterior, em um jogo entre equipes de base, a que assisti com Tom Sabbatini e seu pai. Não é um estrondo forte, a coisa parece mais o choque entre um objeto oco e uma superfície dura. O barulho assusta, mas normalmente se espera que o capacete evite uma lesão grave.

Não foi o som do arremesso contra Joe. O que ouvimos foi o baque assustador da bola rachando a carne e os ossos. Para os torcedores sentados mais próximos ao campo, aquele som nunca sairia da cabeça.

Até hoje, ainda ouço o baque.

A bola tocou o canto do olho direito de Joe, arrancando-lhe o capacete, fazendo-o tombar de costas. Joe se apoiou no chão com as mãos para trás, e ainda parou por um segundo antes de desmaiar.

Do ocorrido sobrou um emaranhado de imagens. A multidão ficou atordoada. Muitos suspiraram e outros tantos exclamaram:

— Ai, meu Deus!

O árbitro do *home plate* acenava, pedindo socorro. Jerry Grote ficou de pé, próximo a Joe, totalmente impotente. O banco dos Cubs enlouqueceu; vários jogadores saíram, gritando e xingando Warren Tracey. Os torcedores dos Cubs vaiaram a plenos pulmões. Os torcedores dos Mets emudeceram. Meu pai caminhou lentamente até um ponto atrás da base de lançamento, tirou a luva, colocou as mãos na cintura e olhou para o *home plate*. Senti muito ódio dele.

Enquanto os treinadores rodeavam Joe, nós esperávamos. Fechei os olhos e rezei para que ele se levantasse, para que ele se refizesse,

para que corresse rumo à primeira base, para que então, em algum momento, disparasse em direção à base de lançamento e arrebentasse a cara do meu pai, assim como fez com a de Dutch Patton. Minha mãe, sem crer no que via, olhou para o campo e em seguida para mim. Eu estava com os olhos marejados.

Minutos se passaram, e Joe nada de se levantar. Dava para ver as chuteiras e o uniforme dos joelhos para baixo. Houve um instante em que parecia que ele contraía os calcanhares, como se estivesse tendo uma convulsão. Os torcedores dos

Cubs começaram a jogar lixo, e os seguranças correram para o campo. Jerry Grote passou pela base de lançamento e ficou ao lado de seu *pitcher*. Observei meu pai atentamente e, em certo momento, testemunhei algo que não me surpreendeu. Enquanto Joe estava estirado no chão, inconsciente, gravemente ferido, contorcendo-se, vi meu pai sorrir.

Um portão se abriu no campo direito, de onde surgiu uma ambulância que parou próximo ao *home plate*. Surgiu uma maca e, de repente, os médicos, socorristas e treinadores ficaram muito agitados. Qualquer que fosse o estado de Joe, o quadro só se agravava.

Rapidamente carregaram Joe para a ambulância, que desapareceu em segundos. Todos os cinquenta e cinco mil torcedores se levantaram e aplaudiram, mas Joe não ouviu nada.

Durante o intervalo, os Cubs tiveram tempo para reavaliar suas opções. Warren Tracey tinha mandado três fortes arremessos seguidos para realizar a última eliminação no fim do segundo *inning*. Assim, ele só voltaria a jogar no quinto. Com Ferguson Jenkins lançando para os Cubs, ninguém no mundo do beisebol duvidava, por um segundo sequer, de que uma bolada intencional já estava preparada para meu pai. A retaliação seria rápida e, para a felicidade pelo menos dos Cubs, brutal e dolorosa. No entanto, Yogi Berra talvez resolvesse substituir Tracey por um *pitcher* de reserva, evitando assim a vingança. Os Cubs também poderiam retaliar no final do terceiro *inning*, derrubando um ou dois rebatedores dos Mets. Era provável que aquilo resultasse em uma briga violenta. Era exatamente o que os Cubs desejaram quando viram seu grande astro deixar o campo de maca, indo direto para uma ambulância. O problema com uma briga era que o alvo estaria enfiado lá no banco. O que os Cubs queriam era a cabeça de Warren Tracey, e o gerente, Whitey Lockman, encontrou a solução perfeita. Para substituir Joe na base, Lockman escalou um jogador *part-time* chamado Razor Ruffin, um jovem negro, marrento. Ruffin morou numa comunidade carente de Memphis, de onde só conseguiu sair por

jogar futebol e beisebol no estado de Michigan. Era forte e corpulento, corria feito uma lebre, mas, pelo que os Cubs percebiam, arremessava mal de esquerda. Ele entrou em campo e se alongou, sem a menor pressa, na primeira base.

A bolada intencional em Joe Castle atrasou o jogo em trinta minutos. Depois que ele foi retirado de campo, o árbitro deixou Warren Tracey se aquecer. A tensão paralisou o estádio. Os torcedores dos Mets estavam inquietos, e os dos Cubs, esgotados de tanto gritar e vaiar. Billy Williams deu um passo para o *plate* e armou a tacada de esquerda. Williams, que mais tarde entraria para o Hall da Fama, era um cara descontraído. Só que naquele momento qualquer arremesso que passasse perto de sua cabeça causaria encrenca. Razor Ruffin assumiu a liderança, mas ficou perto da base. Entrou em campo para brigar, não para roubar bases. Os dois primeiros arremessos de Tracey caíram muito para fora. Perdera o ritmo e, em vez de arremessar, jogou como se estivesse se aquecendo. Com a contagem em duas bolas e dois *strikes*, Williams bateu uma bola alta e fraca para o campo central, uma terceira eliminação fácil. Estava na cara que Don Hahn pegaria a bola. Foi então que Razor Ruffin disparou para a base de lançamento. Enquanto Warren Tracey observava a bola aérea, Ruffin golpeou-lhe a parte traseira dos joelhos, derrubando-o no meio do percurso em direção à terceira base. Ruffin, em seguida, pulou sobre ele com os punhos cerrados e começou a mandar socos. Os Cubs, que obviamente sabiam do plano, partiram para cima, escondendo assim Tracey e Jerry Grote. O resto da equipe ficou alguns passos atrás, mas em poucos segundos o beisebol estava prestes a registrar um dos incidentes mais horrorosos de sua história. O que se seguiu foi uma sequência de socos e bofetadas entre rapazes tentando acertar antigas contas. Só se via jogador caindo no gramado. Eram quarenta e oito atletas corpulentos trocando chutes e socos, querendo se matar uns aos outros. Debaixo daquele monte de jogadores, Razor Ruffin e Warren Tracey se estrangulavam e se acotovelavam, tentando quebrar ossos e tirar sangue um do outro. Apesar dos esforços, os árbitros não conseguiram apartar a briga entre as equipes. O campo foi tomado por seguranças. Em casos assim, os próprios treinadores tentam afastar seus jogadores, mas a coisa foi feia demais. À medida que a briga avançava, os torcedores iam à loucura. Parecia que o Shea Stadium estava à beira de um motim. A confusão reinou até que alguns veteranos de ambos os times — Ron Santo, Rusty Staub, Billy Williams e Tom Seaver — conseguiram retirar os companheiros de equipe daquele tumulto. Quando se desfez o monte, Warren Tracey levantou-se com um salto, com o nariz sangrando e apontando o dedo para um dos Cubs. Os árbitros o empurraram para fora, e dois de seus colegas de equipe o arrastaram para o banco de reservas. Ele xingou, gritou e

sangrou até sumir de cena.

A ordem foi finalmente restabelecida. Ambos os gerentes foram expulsos, juntamente com Tracey, Ruffin e seis de seus companheiros de equipe.

Quando o jogo recomeçou, eu estava atordoado demais para pensar com clareza. Acabara de presenciar duas cenas terríveis: Joe Castle levando uma bolada intencional e meu pai sendo atacado por uma equipe inteira. Minha mãe também estava abalada.

— Quero ir embora agora — sussurrou.

— Eu também — respondi.

Pegamos o trem de volta para casa sem proferir uma palavra sequer. Fui para o quarto e me deitei. Não liguei a TV, embora eu estivesse louco para ter notícias de Joe. Estava determinado a não adormecer, pois queria saber se meu pai ia voltar para casa naquela noite. Eu duvidava muito disso, e com razão. Pouco antes da meia-noite, o telefone tocou e minha mãe atendeu. Uma voz masculina ameaçou matar Warren Tracey e pôr fogo em nossa casa. Minha mãe chamou a polícia. Às duas da manhã, estávamos conversando com um policial, sentados à mesa da cozinha.

Foi a primeira de muitas ameaças por telefone. Passamos os meses seguintes apavorados e meu pai, claro, raramente estava em casa para nos proteger.

Aos 11 anos de idade, senti vontade de mudar meu nome.

13

Fugindo do ataque dos mosquitos, saímos da varanda. Fay serve morangos com creme e um tipo esquisito de chá de ervas na biblioteca entulhada. Do chão até o teto, as paredes estão cobertas de livros, isso sem falar nas pilhas arrumadas ao redor da velha escrivaninha. Na verdade, há livros pela casa toda, a maioria empoeirada e espremida em prateleiras deformadas, mais parecendo um sebo. Os Rook leem muito, são bem articulados, chegados a uma boa conversa. Já falei o bastante e agora quero ouvir.

— Estávamos ouvindo o jogo na varanda, certo, Fay? — Clarence pergunta.

— É, lá na frente. Nunca vou esquecer.

À medida que a noite avança, percebo que Fay entende do esporte quase tanto quanto Clarence.

— Muito triste — ela completa.

Parecia que Vince Lloyd e Lou Boudreau sabiam de cara que Joe não ia levantar. Lou foi logo chamando aquilo de bolada intencional, uma vingança por Joe ter feito *home run* logo de primeira. Enquanto mofávamos ali esperando, eles resolveram transmitir algum tipo de pesquisa para passar o tempo. Warren Tracey tinha sido o melhor rebatedor da Liga Nacional em 1972 e igualou o número de pontos em 1973. Lou o chamou de “predador”, entre outras coisas. Ambos concordaram que Joe pareceu congelar imediatamente após o arremesso. Pelo tom da conversa, dava para perceber que o clima estava bem tenso.

— Joe já falou a esse respeito por aqui? — pergunto. — Não oficialmente, mas, sei lá, com os amigos ou com os primos?

— Não que eu saiba — responde Clarence. — Alguns anos depois, um repórter de Little Rock... Fay, ele era do *Democrat* ou do

Gazette, lembra?

— Acho que era do *Gazette*. Está em um dos cadernos.

— Bom, só sei que esse cara apareceu e conseguiu uma entrevista com Charlie e Red. Arrancou o que pôde deles sobre o estado de Joe e tudo o mais. Também perguntou sobre a bolada, e eles disseram que Joe simplesmente não se lembra de nada. É a única vez que me recordo de a família ter comentado sobre o assunto. Deve ter sido há uns vinte anos.

— Houve algum dano cerebral? — pergunto.

Clarence e Fay se entreolham e fica óbvio que há coisas que não podem ser comentadas na minha presença.

— Creio que não... — responde ele finalmente — mas não está cem por cento.

— Clarence é um dos poucos aqui da cidade com quem ele fala. Não chega a conversar, mas ele sempre gostou de Clarence e, pelo menos, não ignora sua presença.

— Acho que só mesmo a mãe sabe o que se passa dentro da cabeça dele — diz Clarence.

— E ele mora com ela?

— Sim, a uns três quarteirões daqui.

São quase 22 horas. Fay está pronta para se deitar. Recolhe a louça, diz onde devo dormir e dá boa-noite. Assim que ela se retira, Clarence diz:

— Preciso de um digestivo... quer também?

Pelo que percebo, Clarence está completamente sóbrio. Durante o jantar, não tomou todo o gim de limão e não dá nenhum sinal de embriaguez. Pode-se dizer o mesmo quanto a mim — a última gota de álcool que ingeri (e o último gole de gim de limão em toda a minha vida) foi há duas horas. Meu relógio biológico está funcionando de acordo com o horário da região serrana, uma hora atrasado em relação ao Arkansas. Por isso, não estou com sono. Além disso, quero ouvir Clarence.

— O que sugere?

Ele já está de pé e sai da sala se arrastando.

— Aguardente de pêssego de Ozark — responde e desaparece em seguida.

E um líquido claro, de uma leve tonalidade âmbar. Ele despeja a bebida de um pote de aparência sinistra dentro de dois copos minúsculos. Então se senta e tocamos os copos.

— Saúde! Agora, cuidado. O primeiro gole tem que ser bem devagar — avisa.

E é o que faço. Nem um maçarico teria queimado tanto meus lábios e minha língua. Tento não fazer cara feia e consigo engolir, as chamas incandescendo o esôfago até chegarem ao meu estômago, que por essa não esperava. Ele me observa atentamente, esperando alguma reação engraçada, mas seguro firme.

— Nada mau, hein?

— O que é isso? Gasolina?

— É um produto local feito por uma das nossas melhores destilarias.

— Clandestina, suponho.

— Completamente! Mais ilegal impossível — responde, tomando outro gole.

— Pensei que uísque falsificado causasse cegueira e problema no fígado.

— Pode até causar mesmo, mas é preciso conhecer a procedência. Este aqui é coisa boa, um dos melhores: leve, gostoso, quase inofensivo.

Inofensivo? Estou com os dedos dos pés queimando! Filho de pai alcoólatra e violento, nunca me senti atraído por bebida. Agora então, depois de uma noite de gim de limão e uísque falsificado, percebo o quanto fui sensato.

— O segundo gole é mais fácil, e o terceiro é o melhor.

Tomo um gole ainda menor, e a ardência diminui. Talvez porque o primeiro gole tenha anestesiado o organismo por dentro.

Diga uma coisa, Paul, como você sabia que seu pai ia acertar Joe? — pergunta ele, pegando o cachimbo e a bolsinha de fumo.

— É uma longa história — digo, com a língua meio grossa e toda

enrolada.

Ele sorri e estica os braços.

— Temos a noite toda. Normalmente, leio até meia-noite e só levanto às oito.

Tomo um terceiro gole e sinto de longe um sabor de pêssago.

— Ele era das antigas. Se um rebatedor faz um *home run*, é ele que vence o duelo. A recompensa é óbvia; é só o que ele ganha. Ficar se exibindo, seja lá de que maneira, é um desrespeito ao arremessador. Ficar no *home plate* admirando o *drive*; ficar girando o bastão; passear pelas bases para chamar a atenção; qualquer demonstração de prazer pessoal ou emoção é pecado. Não, senhor. O rebatedor ganha, passa correndo pelas bases e chega ao banco de reservas. Do contrário, ele paga. Se um rebatedor faz alguma coisa para se exibir, o *pitcher* tem o direito de bater nele. Assim rezava a velha cartilha que meu pai seguia à risca.

— Hoje talvez essa regra não funcione — diz Clarence, soltando uma bafurada.

— Estou por fora, Clarence. Há trinta anos não assisto a nenhum jogo.

— Então, Joe fez alguma coisa na intenção de se exibir para Warren Tracey? Você estava lá. Vince Lloyd e Lou Boudreau disseram várias vezes que Joe não fez nada de errado.

— Bem, de acordo com o pronunciamento oficial dos colegas de Warren, a resposta é não. Não, porque ele logo passou a dizer que foi um acidente, que não arremessou em cima de Joe, que foi apenas um arremesso forte demais. Acho que, assim que se verificou que a lesão em Joe era séria, Warren mudou o discurso e começou a mentir.

— Ao que parece, você tem certeza disso mesmo.

— Quando eu tinha uns 5 ou 6 anos, resolvi que seria um arremessador, porque meu pai era arremessador. Eu tinha talento e fui me aprimorando à medida que crescia. Pouco treinei no quintal, porque ele raramente estava em casa, mas, como morávamos juntos, acho que parte de sua experiência passou para mim. Uma vez, arremessei a bola e um garoto fez o *home run*. E que *home run*! Ele começou a dançar e gritar, passando pelas bases. Meu pai estava lá, o que era uma raridade, e quando o garoto voltou, meu pai gritou: “Acerte esse cara, Paul!” Eu tinha 11 anos e não queria acertar

ninguém. Não acertei a cabeça do garoto com a bola. Meu pai ficou furioso. Depois do jogo, tivemos uma violenta discussão. No quintal, ele me encheu de tapas e disse que eu jamais seria um arremessador, porque era covarde, que tinha medo de acertar os batedores. Ele era insuportável, Clarence.

Outro gole, outra baforada.

— E você vai vê-lo amanhã?

— Isso mesmo. Pela primeira vez, depois de muitos anos.

— E acha que vai conseguir convencê-lo a vir aqui, a Calico Rock?

— Não sei, mas vou tentar.

— É pouco provável, pelos dois lados.

— Tenho uma ideia. Talvez não funcione, mas vou tentar.

Ele se serve de mais uísque falsificado. Depois de alguns minutos, começo a cochilar.

— Esse troço derruba? — pergunto.

— Sem dúvida! Você vai dormir feito um neném.

— Vou nessa. Obrigado.

Deito na cama do quarto de hóspedes, sob o gemido e a brisa do ventilador de teto, a três quarteirões da pequena casa onde Joe Castle mora com a mãe. A última vez que o vi, ele estava em cima de uma maca, sendo retirado do campo e levado, às pressas, para um hospital em Nova York. Ali, ele deixava para sempre o brilho de suas jogadas, o sonho dos torcedores e a carreira promissora que jamais aconteceria.

Quando me despeço, Fay está envolvida com o trabalho no cavalete. Agradeço pela hospitalidade e ela diz que o quarto de hóspedes está sempre à disposição. Sigo Clarence em direção à Main Street, onde estacionamos e dirigimo-nos à drogaria Evans. Quando entramos, ele diz:

— Talvez você queira se apresentar como Paul Casey por questão de segurança.

Sem problema. Já usei esse pseudônimo muito mais vezes do

que ele imagina.

O café está lotado de clientes matutinos — todos homens. Clarence cumprimenta alguns deles, à medida que nos encaminhamos para uma mesa nos fundos. Consigo evitar de me apresentar. E claro que Clarence só é vegetariano em casa, já que é Fay que se encarrega do menu. Longe dela, pede ovos com bacon. Faço o mesmo. Enquanto esperamos, tomamos café e ouvimos as conversas animadas ao nosso redor. A uma mesa comprida, perto da janela da frente, um grupo de aposentados discute a guerra no Iraque. Emitem um monte de opiniões, sem se preocuparem com quem possa estar ali ouvindo.

— Acho que é uma cidade bem conservadora, politicamente falando — digo a Clarence.

— Ah, é, e durante o período eleitoral fica dividida. A população de Izard County é maciçamente composta por brancos, mas ainda há muitos democratas, da linha de Roosevelt. São os chamados “Democratas do Fio”.

— Essa é nova!

— Eletricidade rural, trazida para cá durante o New Deal.

— Por que há tantos brancos na cidade?

— É histórico. Não havia muita atividade rural aqui; por isso, não havia escravos. Não havia motivo para os negros se estabelecerem por aqui. Acho que hoje em dia preferem ir para outras bandas, mas nunca tivemos nenhum problema com a Klan, se é nisso que está pensando.

— Não, não foi o que me ocorreu.

A parede acima do caixa está coberta de fotos de times — Minor League, *softball*, basquete colegial — algumas atuais, outras desgastadas pelo tempo. No centro, emoldurada, está a edição da *Sports Illustrated* de 6 de agosto de 1973. Calico Joe, o Fenômeno. Olho para o quadro e sorrio.

— Eu me lembro quando a revista chegou pelo correio — comento.

— Todo mundo se lembra. Provavelmente, foi o dia mais importante na história da cidade.

— O pessoal ainda fala de Joe por aqui?

— Raramente. Já se vão trinta anos, não é? Não me lembro da última vez que se falou dele.

O bacon com ovos é servido. Os ex-combatentes ali perto. Comemos rápido e pago a conta, em dinheiro — nada de cartão de crédito. Não quero que ninguém veja meu nome. Clarence resolve que vamos no carro dele — um Buick meio marrom, meio vinho — porque um carro estranho, com placa de outro estado, pode levantar suspeitas. Não é de estranhar que o Buick cheire a fumo de cachimbo. Não há ar-condicionado e fazemos o curto percurso com as janelas abertas.

A escola fica a mais ou menos um quilômetro e meio da Main Street, numa parte mais nova da cidade. Sei que Calico Rock é pequena demais para ter um time de futebol. Por isso, ao ver as luzes, sei que o campo de beisebol está perto. Lá longe, no meio do campo, um homem está manejando um aparador de gramado.

— É ele — diz Clarence.

As aulas do outono ainda não começaram e os estacionamentos estão vazios. Estacionamos perto de uma antiga arena de rodeios, atravessamos a rua e nos aproximamos da rede de proteção do *home plate* por detrás da arquibancada. Subimos até a última fileira e ficamos debaixo da pequena cabine da imprensa. É bonito o campo. A grama é bem verde, viçosa. O resto está seco, murchando sob o sol de agosto, mas a grama do Joe Castle Field é farta, bem cuidada e irrigada. As linhas entre as bases e a terra do *infield* estão meticulosamente tratadas. A base de lançamento parece esculpida à mão. Um vão de uns três metros de largura coberto de calcário circunda todo o gramado, sem que se veja um mato sequer. Logo atrás do alambrado, no centro esquerdo, está o imenso placar com o nome JOE CASTLE FIELD escrito na parte de cima e LAR DOS PIRATES na de baixo.

Joe está sobre um aparador de grama que parece uma aranha vermelha, com várias plataformas de corte e inúmeras lâminas, equipamento de respeito, obviamente construído para gramados. Está de boné preto, com a aba puxada para baixo, e óculos. Como era de esperar, engordou ao longo dos anos.

— Ele vem todos os dias? — pergunto.

— Cinco vezes por semana.

— Estamos em meados de agosto. Não vai haver outro jogo de beisebol até o quê, março?

— Meados de março, se não estiver nevando.

— Então por que ele corta a grama e prepara o campo todos os dias?

— Porque quer. É a função dele.

— É assalariado?

— Ah, sim. Joe voltou para a cidade pouco antes do Natal de 1973. Passou dois meses num hospital em Nova York. Depois os Cubs o mandaram para outro hospital em Chicago, onde passou várias semanas. Red e Charlie o trouxeram a tempo de passar o Natal. Ele falava que ia continuar a jogar, mas sabíamos a verdade. Logo depois de primeiro de janeiro, teve o derrame, e dos graves. Estava em casa sozinho e, por demorar a chegar ao hospital em Mountain Home, teve sequelas. O lado esquerdo está parcialmente paralisado. Você vai perceber, quando ele andar.

— Ele sabe que estamos aqui?

— Sabe. Viu quando estacionamos, caminhamos até aqui e nos sentamos. Sabe que estamos falando dele. É provável que nem se aproxime para não ter que nos cumprimentar. Até o fim do dia, Red ou Charlie, provavelmente Charlie, vai me ligar e perguntar o que vim fazer aqui e quem estava comigo. Vou dizer que você é meu sobrinho do Texas, técnico de beisebol numa escola, que quis visitar nosso campo.

— Ok. Voltemos ao assunto. Por que Joe está sendo pago para cuidar do campo?

— Depois do derrame, obviamente ele ficou inválido e precisava de emprego. Então a Secretaria de Educação o contratou como zelador, em tempo integral, com plano de saúde e direito a aposentadoria. É o que Joe vem fazendo há trinta anos. Cuida do campo, faz uma coisa aqui e ali no ginásio e, quando há jogo de beisebol, fica na cabine de imprensa operando o placar.

— Ótima ideia!

— Um toma conta do outro aqui em Calico Rock, Paul. Principalmente do Joe.

Joe termina uma longa aparada, da linha de campo direita até a esquerda, e depois faz a volta para a próxima aparada. O aparador está perto do vão do *outfield*. Se as lâminas estão realmente aparando o gramado, não dá para saber. A parte ainda não aparada parece tão

intocada quanto a faixa que ele acabou de cortar.

— No que está pensando? — pergunta Clarence, acendendo o cachimbo de novo.

— No que poderia ter acontecido. Onde estaria Joe agora, se não houvesse a lesão. Será que teria sido um astro do beisebol?

— Você vai pirar! Fiz isso durante anos e depois percebi que era perda de tempo. A história de Joe Castle não passa de uma grande tragédia. É difícil de aceitar, mas, depois de um tempo, acostuma-se com a ideia, e a vida segue.

— Acha que é uma boa ideia essa de Warren Tracey vir aqui para ver Joe?

Uma longa baforada, uma enorme nuvem de fumaça. A temperatura já deve estar perto dos 32 graus e eu me pergunto que graça alguém pode achar em fumar num calor deste.

— Sabe, Paul, nós dois sentados aqui, acho impossível que seu pai apareça do nada, cumprimente Joe e os dois conversem sobre o passado.

— É. Concorde.

— Você acha mesmo que consegue convencê-lo a vir?

— Vou tentar, Clarence. Acho que consigo.

— Como?

— Fazendo chantagem.

Joe faz a volta para a última passada na grama do *outfield*. Ele ainda não olhou em nossa direção.

— Não sei se estou a fim de me meter nisso — diz Clarence.

— Não está não.

Observamos e ouvimos o som do aparador. Finalmente, Clarence diz:

— Na minha humilde opinião, seria demais para Joe se Warren Tracey apertasse sua mão e lhe pedisse desculpas. Os dois nunca conversaram, nunca tinham se encontrado até aquela noite. A princípio, parece uma boa ideia. Mas como é que você vai conseguir essa proeza?

— Não vai ser fácil, Clarence! Mas preciso da sua ajuda. Quero que você converse com os irmãos dele e explique a situação. Do contrário, será perda de tempo para mim.

Joe para na zona de *foul*, fora da linha do campo esquerdo e desliga o aparador. Deixa a perna direita pender, prepara-se e, num pulo, desce. Pega uma bengala e, com passos curtos, vai em direção a um depósito. Manca de forma visível, arrastando o pé esquerdo e dando passos incertos com o direito. Afunda os ombros, à medida que caminha lentamente.

— Coitado do cara! — exclamo, morrendo de vontade de chorar.

Aquele garoto bonito que voava do *home plate* até a primeira base em menos de quatro segundos, que roubou a segunda e a terceira sete vezes seguidas em trinta e oito jogos, que transformou rebatidas simples em duplas eletrizantes, aquele atleta magnífico que emanava excelência a cada jogada foi reduzido a um zelador aleijado que apara uma grama que não precisa ser aparada. Imagine só, cara... quando Joe, aos 30 anos, deveria estar no auge da carreira, estava ali fazendo exatamente o que faz agora.

— E muito triste — acrescenta Clarence. Joe entra no depósito e desaparece. — Acho que não vamos vê-lo novamente. É melhor irmos.

Ao voltarmos à Main Street, Clarence concorda em procurar Red e Charlie e falar sobre a ideia do encontro. Repito o óbvio: Warren não vai viver muito. Não há tempo a perder.

Paramos no *Calico Rock Record*, onde tomo uma xícara de café. É difícil dizer adeus. Foi bom esse tempo que passamos juntos e, sinceramente, espero voltar logo. Só não sei se algum dia isso vai acontecer.

Quatro horas depois, estou em Memphis. O avião passa por Atlanta a caminho de Tampa, onde alugo outro carro e sigo para o Leste, em direção a Winter Haven.

14

Muito tempo depois de o policial ir embora, eu e minha mãe nos sentamos no escritório e assistimos a uns westerns. As portas estavam trancadas e as persianas, fechadas; todas as luzes da casa estavam acesas; o policial garantiu que vigiaria nossa rua; mesmo assim, estávamos com medo. Talvez devêssemos ter considerado a ligação como um trote de algum torcedor possesso dos Cubs que tinha descoberto o nosso telefone no catálogo, mas pareceu muito mais sério que isso. Nunca tínhamos sido ameaçados daquele jeito e, dada a comoção que o ocorrido naquela noite causou, foi impossível ignorar e ir dormir.

Durante o intervalo comercial, minha mãe perguntou:

— Como você sabia que ele ia acertar Joe Castle?

Ela estava numa extremidade do sofá, e eu na outra, ambos ainda com a mesma roupa.

— Porque é assim que ele joga beisebol.

— Por que ainda permitem essa coisa de bolada intencional?

— Não sei. Nunca ouvi uma razão que me convencesse.

— Esporte idiota!

Não discuti. Também tínhamos medo de que Warren chegasse em casa bêbado e arrumasse confusão. Fora expulso do campo com o nariz sangrando, de forma que não saiu muito machucado da briga. Se não chegasse em casa até as 3 horas, era sinal de que não voltaria. Provavelmente, estava num bar, exibindo os hematomas, gabando-se de suas habilidades como o rei da bolada intencional e, claro, proclamando-se responsável pela vitória dos Mets.

Cochilei, mas, às 6 horas, minha mãe me cutucou dizendo:

— Veja o noticiário.

O Canal 4 de fora de Manhattan ia ao ar às 6 horas com notícias, previsão do tempo e esportes. Não perderam tempo e trataram logo de cobrir o ocorrido. “Noite violenta no Shea”, irrompeu o repórter, enquanto exibiam-se as imagens. Gravada por uma câmera próxima ao banco de reservas dos Mets, a filmagem mostrava a bolada intencional e Joe caindo no chão. Mais uma vez em câmera lenta e de novo, enquanto o repórter descrevia o fato em detalhes. Informou que Joe encontrava-se em estado grave no Mount Sinai Hospital em Manhattan.

Pelo menos, ele estava vivo.

Em seguida, foi a briga e, assim como em tempo real, parecia que não acabava nunca. Tendo sido testemunha ocular, eu já tinha visto o bastante. O episódio todo tinha me deixado péssimo, deprimido e, como percebi mais tarde, acabaria por me causar nojo do esporte.

Quando o sol nasceu, fui até a frente de casa e peguei o *New York Times*. Olhei para os dois lados da rua para me certificar de que não havia ninguém; naquela hora, não me dei conta de que eu ainda passaria muitos meses em estado de tensão.

Enquanto tomava café, minha mãe folheava o Caderno A. Eu, é claro, li cada palavra sobre o jogo e todas as matérias relacionadas. A primeira página do caderno de esportes tinha duas fotos gigantescas. A primeira mostrava Joe no chão, segundos depois de ser atingido e antes de os treinadores rodearem-no. A segunda exibia um belo arremesso de Razor Ruffin chapotando meu pai com uma bolada quase mortal. Depois do jogo, nem Ruffin, nem Warren Tracey, nem Yogi Berra, nem Whitey Lockman ou qualquer outro jogador, nem mesmo o técnico fizeram qualquer comentário. No entanto, praticamente não restavam dúvidas de que a briga estava longe de acabar. Os dois times se enfrentaram mais uma vez às 2 horas daquela mesma tarde. Os médicos do Mount Sinai pouco informavam, mas sabia-se que Joe estava inconsciente e que seu estado era grave.

O telefone tocou e ficamos os dois paralisados olhando para ele. Como eu estava mais perto, levantei o fone devagar.

— Alô.

Uma voz desesperada gritou:

— Warren Tracey é um homem morto!

Minha mãe desconectou imediatamente os telefones.

Os jornais de Chicago estavam furiosos. “Nocauteado!”, gritava a manchete do *Sun-Times* sobre a foto de Joe caído no chão, com o capacete ao lado. A manchete do *Tribune*, um pouco mais contida, dizia “Mets conseguem parar Castle”.

Na manhã de sábado, o presidente da Liga Profissional de Beisebol, Bowie Kuhn, se reuniu com os executivos da entidade em Nova York. Depois de assistir ao teipe e de conversar com testemunhas, ele suspendeu Razor Ruffin e Whitey

Lockman por dez partidas, Warren Tracey por cinco e outros oito jogadores por três partidas cada. A entidade emitiu uma nota comum desejando o pronto restabelecimento de Joe Castle.

Os ingressos do Shea mais uma vez se esgotaram para o jogo de sábado, com muito mais torcedores dos Cubs procurando confusão. Jogaram uma bomba de fumaça perto do *home plate* logo depois do primeiro arremesso de Tom Seaver. O jogo atrasou quinze minutos, tempo necessário para que a fumaça se dissipasse. Os torcedores dos Mets viaavam, os dos Cubs xingavam. O clima no campo estava tenso. A segurança foi reforçada e, enfileirados ombro a ombro, policiais fardados cercavam o vão do campo. Joe, o terceiro rebatedor na ocasião, tinha sido atingido no terceiro arremesso no terceiro *inning*; numa coordenação perfeita, uma onda de bombas foi lançada no campo assim que Tom Seaver fez o terceiro arremesso para Burt Hooton, o *pitcher* titular dos Cubs, no início do terceiro *inning*. Teve início então uma série de brigas quando os torcedores dos Mets atacaram os rivais que lançaram as bombas. Torcedores foram detidos. Pelo sistema de som, o locutor avisava que o jogo ia ser suspenso por meia hora. A situação, que já não era nada boa, ficou pior.

Tentei assistir ao jogo, mas não consegui. Quis sair de casa e me esconder na casa dos Sabbatini por algumas horas ou dias, mas como deixaria minha mãe sozinha? Então, resolvi ficar no quarto, ligando e desligando o rádio para passar o tempo.

Quando os Mets voltavam para a cidade e meu pai estava em casa, eu costumava esperar uns dias antes de recortar os artigos dos cadernos de esportes e colar nos meus álbuns. Só que eu estava entediado, ele não estava em casa e, francamente, eu não estava nem aí para o que ele pensava. Sentado à mesa da cozinha, recortei

cuidadosamente as matérias do *Times*. Depois, fui até o meu armário, onde eu guardava um monte de álbuns, uns com recortes de jornal, outros de fotos e também coleções de *cards*. Guardava com organização meticulosa e, até onde eu saiba, ninguém além de mim jamais os tocara. Por causa da avalanche de matérias e fotos de Joe Castle e sua estreia histórica, eu havia reorganizado tudo o que tinha num álbum só sobre ele. Além de Joe, os únicos jogadores a merecerem a honraria eram Tom Seaver, Willie Mays, Hank Aaron e Catfish Hunter. Os outros álbuns continham uma coleção de itens históricos, artigos e fotos dedicados a times inteiros — os Mets de 1973, os Mets de 1972, a Furiosa Máquina Vermelha, os Oakland As de 1972 e por aí vai. Dois anos antes, eu começara a organizar um álbum dedicado a meu pai, mas a escassez de materiais era tamanha que tive de descontinuar a coleção.

Meu álbum sobre Joe Castle sumiu. Procurei em cada canto do meu armário e do meu quarto. Quando tive a certeza de que não estava lá, deitei na cama e fiquei olhando para o teto. Jill estava acampando e, além disso, ela não tocara em nada relativo a beisebol. Tampouco minha mãe.

No porão de nossa casa havia um banheiro bem pequeno, um cômodo menor ainda, onde ficavam as máquinas de lavar e de secar, e uma sala de jogos espaçosa onde havia uma TV e uma mesa de sinuca. A porta da sala de jogos dava para o quintal. Chegando em casa a qualquer hora da manhã, meu pai se enfiava sorrateiramente na sala de jogos e desmaiava no sofá estreito. Às vezes, dormia lá quando brigava com a minha mãe. Às vezes, era lá que eles brigavam, longe de mim e de Jill. Nos dias em que jogava, ele passava horas lá embaixo, sozinho, com a persiana arriada e as luzes apagadas, perdido em seu mundinho. Tomava a sala de jogos para si, como seu próprio território privado, o que não nos incomodava nem um pouco. Por nós, ele podia ficar com o cômodo inteiro, contanto que permanecesse longe, o que já era uma alegria.

Desci a escada devagar, acendendo as luzes. Na sala de jogos, encontrei o álbum sobre uma mesinha ao lado do sofá. Estava aberto numa foto de oito por dez com uma dedicatória para mim: “A Paul Tracey, meus votos de felicidades, Joe Castle.”

Perto do álbum havia um copo laranja dos Mets, que pertencia a meu pai, o único copo onde ele tomava seu milkshake de banana, precisamente seis horas antes do primeiro arremesso. Uma vez ele teve um ataque e quebrou a louça toda da cozinha porque não achou o maldito copo.

Gelei quando percebi o que eu tinha descoberto. Era como se eu tivesse entrado na cena de um crime e, depois de descobrir a verdade, tivesse tido uma reação retardada. Sozinho, na penumbra, o criminoso em segredo arquitetou a ação e, sem querer, deixou a prova do crime.

Saí dali e fui procurar minha mãe.

Estávamos os dois desnorteados, mortos de medo, desgastados emocionalmente. Por isso, resolvemos ir embora. Fizemos as malas correndo, trancamos a casa e pegamos o carro rumo a Hagerstown, Maryland, para passar uns dias com os pais dela. Que Warren ficasse com a casa, as ameaças de morte e todas as tralhas que ele tanto merecia. Na época, não percebi e não sei se posso dizer o mesmo sobre minha mãe, mas aquele era o primeiro passo importante para a separação.

Naquele sábado, os Mets ganharam o segundo jogo da série, e isso sem fazer esforço. Dois *pitchers* foram expulsos por acertarem os rebatedores, e os dois times estavam doidos por outra briga. Porém, com tantos jogadores suspensos, vencer uma partida se tornou mais importante do que ganhar uma guerra de boladas intencionais.

O beisebol esperava que Joe acordasse, se recuperasse logo, colocasse gelo nas lesões, voltasse ao estádio e continuasse a fascinar e marcar pontos, mas desde sábado de manhã ele continuava em coma.

Os Mets venceram no domingo e, na segunda, completaram uma série de quatro jogos. Os Cubs tinham chegado a Nova York cheios de marra, fazendo arruaça com uma vantagem de dez jogos, e saíram da cidade desnorteados, já sentindo a pressão de mais uma derrota de final de temporada. Tinham ganho vinte e oito dos trinta e oito jogos em que Joe jogou, mas era evidente que, sem ele, eram uma equipe completamente diferente.

No dia 30 de agosto, Warren Tracey encabeçou a rotação no Shea contra os Pirates. Cedeu uma rebatida simples para o primeiro batedor, e fez dois *walks* nos dois seguintes. Com as bases lotadas, atingiu Willie Stargell na costela. Não foi intencional, mas Stargell não gostou nada de levar uma bolada, ainda mais de um arremessador que, na época, era o *bad boy* mais malfalado no beisebol. Enquanto caminhava lentamente em direção à primeira base, ele disse alguma coisa para meu pai, e o clima esquentou. Os juízes, em alerta máximo, pularam para dentro de campo para acalmar os ânimos. O próximo arremesso de Warren foi uma bola rápida em direção ao meio do campo. Richie Hebner rebateu a mais de 120 metros, fazendo um

grand slam. Até que Yogi o tirasse do jogo, o placar já marcava 7 a 0 para os Pirates sem nenhum *out*.

Quatro dias depois, em 3 de setembro, Dia do Trabalho, meu pai se dirigiu à base de lançamento no Busch Stadium em St. Louis, ao som ensurdecido de vaias e assovios. Ele jogou durante dois *innings*, fez quatro *walks*, nenhum *strikeout*, não deu bolada em ninguém, cedeu cinco corridas e não tardou a sair de rotação por conta própria. Os cronistas esportivos de Nova York clamavam para que ele fosse substituído.

Com Joe Castle ainda em coma em um hospital de Nova York, Warren Tracey era odiado aonde quer que fosse. Seu nome estava sujo. Seu arremesso era um desastre. Seus companheiros de equipe venciam, mas também estavam cansados da comoção que ele gerava, impactando na concentração de todos. Era óbvio que ele não valia os problemas que estava causando.

15

Depois do segundo ou terceiro casamento, Warren passou a se casar por interesse financeiro, sem se importar com beleza e atração sexual. Uma das últimas esposas, Florence, morreu de insolação e lhe deixou uma bela casa e um dinheirinho no banco. Ele não é rico, mas leva uma vida confortável ao ponto de se dar ao luxo de não trabalhar e de passar os dias no clube jogando *gin rummy*, golfe e bebendo. Quando ele estava com uns 55 anos, há uns dez anos, a esposa na época, Karen, acho, convenceu-o a parar de beber e de fumar. A bem da verdade, ele até que parou mesmo, mas os danos ao organismo já tinham sido causados. Pobre Karen! Ela logo descobriu que ele era uma pessoa muito mais agradável quando bêbado do que quando sóbrio. Divorciaram-se e, como nunca ficava muito tempo sozinho, Warren logo se casou com Agnes, a atual esposa.

Moram num daqueles condomínios fechados, típicos da Flórida, com fileiras de casas baixas de design moderno encravadas em alamedas, com laguinhas e cercadas de verde. Todos os moradores já passaram dos 60 anos e têm um carrinho de golfe.

Por falar em golfe: assim que a carreira no beisebol acabou, Warren entrou de cabeça no que ele esperava que pudesse vir a ser uma nova atividade profissional itinerante. Associou-se a um profissional de algum local perto de Sarasota e passou a treinar e jogar diariamente, horas a fio. Estava com 35 anos e tudo contava contra, mas ele se sentia como se não tivesse nada a perder. Classificou-se para o Citrus Circuit, um torneio de orçamento modesto no sul da Flórida, algo equivalente a um Classe B, uma segunda divisão do beisebol. Venceu o segundo torneio, ganhando apenas uma pequena nota no *Miami Herald*. Alguém viu, espalhou a notícia e esboçou-se um esquema. No torneio seguinte, quando Warren estava prestes a dar a primeira tacada, um grupo de Cubs marrentos começou a xingar e a caçoar dele. Ele se afastou, disse alguma coisa e aguardou que alguém da organização do evento interviesse. O problema é que esses torneios

não possuem um grande esquema de segurança, e os vândalos se recusaram a deixar o local. Quando, na primeira tacada, a bola foi parar num pequeno lago, os torcedores dos Cubs vibraram. Acompanharam cada tacada de Warren durante os primeiros nove buracos. Ele ficou arrasado.

O poder de concentração de um jogador de golfe é muito vulnerável — dê uma olhada no severo estatuto que rege o comportamento do torcedor durante um torneio organizado pela PGA. Acontece que Warren nem passava perto da PGA, e o Citrus Circuit não podia fazer quase nada para filtrar os poucos torcedores que apareciam. Perseguiam Warren Tracey e, sempre que ele dava uma tacada, espreitavam-no. Num torneio, ele fez os três primeiros buracos em silêncio e, ao se aproximar da *tee box* no número quatro, ouviu uma porção de insultos vindos de um bando de rapazes enfurecidos. Sua pontuação melhorava e sua pressão sanguínea aumentava. Ao fazer um 88 no segundo tempo do quinto torneio, desistiu.

É evidente que há muitos torcedores dos Cubs na Flórida e, com o passar dos anos, Warren teve uma série de bate-bocas com eles. Também brigou em bares, lojas e aeroportos e, por um longo tempo, pagou tudo em dinheiro, evitando usar cartão de crédito. Certa vez, ao comprar um apartamento, dois caras, torcedores dos Cubs, passaram-lhe a perna em 40 mil dólares. O sobrenome Tracey, que não é comum, passou a ser um problema para Warren durante anos depois da bolada intencional.

O guarda, um senhor bem idoso, concede-me a entrada pelo portão. É começo de noite, casais andam de bicicleta e, pelas pistas próximas à rua sinuosa, fazem caminhadas para se exercitar. O campo de golfe está vazio. Está todo verde e bem tratado.

Segundo descobri, a casa está avaliada em 650 mil dólares e foi comprada por Warren e Agnes há cinco anos. Não estou bem certo, mas deve ser sua décima quinta residência na Flórida nos últimos trinta anos. Acho que nada satisfaz Warren; cansa rápido das esposas e das casas.

Há quatro anos não o vejo. Eu e Sara fizemos a viagem obrigatória à Disney World com as meninas e, por algum motivo, pensei que seria importante para elas pelo menos conhecerem o avô paterno. Que desastre! Ele não nos queria em sua casa e tampouco que conhecêssemos Agnes. Encontramo-nos em uma das lanchonetes da rede Wink's Waffles, próxima ao condomínio. Fez de tudo para

parecer civilizado. Era a primeira vez que via minhas filhas e, na condição de avô, seu comportamento foi patético. Era um estranho para as meninas, para Sara e para mim também. A situação não poderia ter sido mais constrangedora.

Os pais de Sara moram em Pueblo, Colorado, e vamos visitá-los várias vezes ao ano. Adoram as netas e esforçam-se bastante para se fazerem presentes em suas vidas. Por isso, elas sabem perfeitamente bem como um avô deve ser. Em contrapartida, o encontro com Warren foi absolutamente frustrante. Ele não sabia o nome delas ao certo, não se mostrou minimamente interessado em bater papo e não demonstrou o menor tipo de afeto, pois faltavam-lhe vontade e habilidade para tal. Passados trinta minutos ali na lanchonete, ele olhou para o relógio, o que todos perceberam.

Prometi a Sara que nunca mais ia expô-las a outro constrangimento com meu pai. Eu sabia que elas tinham aprovado a minha decisão. Já em casa, as meninas disseram à mãe que tinham pena de mim. Não conseguiam compreender como um cara bacana como eu poderia ter um pai horrível daqueles.

Estacionada na via de paralelepípedos, está um Mercedes que deve ter pelo menos uns quinze anos. Toco a campainha. Agnes finalmente atende. É nosso primeiro encontro cara a cara. Será breve. Nem eu nem ela queremos passar dez segundos juntos. Ela é a última vítima de uma longa e triste lista de mulheres vulneráveis e desesperadas que, por conta da solidão ou por outro motivo incompreensível, se sujeitaram a casar com Warren Tracey. Enquanto a sigo pelo vestíbulo, fico imaginando quantos maridos ela já deve ter tido, mas, na verdade, não estou nem aí.

Warren está na sala vendo TV; no sofá, perto dele, está um cachorrinho de raça. Ele se levanta rápido, esboça um sorriso e estende a mão. Enquanto o cumprimento, fico impressionado por sua aparência. Está pálido, letárgico, mas, para um homem à beira da morte, até que exhibe um aspecto saudável. Tira o som da TV, mas não a desliga. Nada que faça, por mais grosseiro que seja, chega a me surpreender. Sento-me numa cadeira. Agnes senta-se no sofá, ao lado do cachorro. Num minuto, eu me livro dela.

Passamos um tempo falando sobre a cirurgia dele. Finjo interesse. Em seguida, falamos sobre a quimioterapia com início marcado para daqui a uma semana.

— Vou vencer essa coisa, Paul — diz, entregando um texto bem ensaiado, mas sem nenhuma convicção.

Parece achar mesmo que estou interessado. Parece acreditar que vim do Novo México até a Flórida porque estou mesmo preocupado com ele. Não tenho a menor dúvida de que, se fosse eu a estar hospitalizado ou à beira da morte, Warren Tracey ia arrumar uma desculpa para não aparecer. Por que será então que ele acha que estou interessado em sua quimioterapia?

Por quê? Com o passar dos anos, descobri a resposta. Ele é especial. Jogou beisebol. Embora não tenha chegado ao Hall da Fama, certamente fez parte da elite que chegou lá. Viveu sempre confinado em seu mundinho narcisista, onde sempre foi melhor que os outros.

Vou dando corda e deixando-o falar. Quanto tempo a quimioterapia vai durar? O que os médicos dizem? Conheço um cara cujo tio viveu quinze anos com câncer no pâncreas. Qual a possibilidade de uma cirurgia?

Ele não pergunta pela minha mulher, pelas minhas filhas, pela filha dele ou pelos filhos dela. Como sempre, o assunto é só Warren.

Agnes, de estatura baixa e um pouco acima do peso, é visivelmente da mesma idade que Warren; limita-se a ficar ali sentada no sofá, fazendo carinho no cachorro e sorrindo para Warren com cara de idiota, como se ele estivesse contando a história mais engraçada e original do mundo. Percebo, depois de uns dez minutos, que Agnes se diverte com pouco. Fico me perguntando se passa pela cabeça dela que, em todo lugar civilizado, espera-se que ela, na qualidade de anfitriã, me ofereça alguma bebida.

Olho para ela e digo:

— Agnes, preciso conversar uns assuntos com Warren em particular. Sabe, assunto de família. Será que poderíamos ter uns minutinhos a sós?

Ela não gosta nem um pouco, mas Warren sorri e meneia a cabeça em direção à porta. Ela sai aborrecida da sala e fecha a porta. Estico-me, pego o controle, desligo a TV, reacomodo-me na poltrona e digo:

— Adivinha quem eu vi hoje de manhã?

— Como é que vou saber?

— Você se acha, não é?

— Eu não me acho, eu sou mesmo!

— Vi Joe Castle. Ontem à tarde, estava em Calico Rock. Pernoitei lá. Hoje de manhã, vi Joe.

— Suponho que estivesse só de passagem por lá.

— De jeito nenhum. Fui até lá com o propósito de vê-lo.

Ele arria os ombros e o clima fica meio pesado. Olho fixamente para ele, mas algo no chão atrai seu olhar. Passa um minuto e depois outro. Ele finalmente solta um grunhido e pergunta:

— Está querendo dizer alguma coisa?

Eu me aproximo e me sento à beira da mesinha de centro. A sessenta centímetros de distância, vejo que não tenho o menor apreço por aquele moribundo. Há muito mais mágoa do que dó, mas prometi que não ia tocar no passado.

— Quero que você vá ver Joe, Warren. Agora, antes que seja tarde demais, antes que você se vá, que ele se vá. Não haverá outra oportunidade. Vá, sente-se com ele, estenda a mão, conte a verdade, peça desculpas, pelo menos tente pôr um ponto final nessa história.

Warren franze o cenho como se estivesse sentindo muita dor. Ele olha para mim de boca aberta aparentando surpresa e, por um momento, não consegue dizer uma palavra.

— Falo sério, Warren. Há trinta anos você mente sobre o que aconteceu, mas nós dois aqui sabemos a verdade. Pelo menos uma vez nessa sua vida infeliz, admita que está errado, peça desculpas. Você nunca o procurou. Você nunca encarou a verdade, ao contrário. Você mentiu tanto que passou a acreditar nas próprias mentiras. Pare de mentir, diga a verdade a Joe, peça desculpas a ele.

— É muita coragem vir aqui para falar esse monte de merda! — rosna.

— Tenho muito mais coragem do que você, seu velho! Se você tivesse força de caráter, iria lá vê-lo. Vou com você. Vamos até lá juntos. Depois que tudo acabar, vai se sentir melhor consigo mesmo.

— Nossa, como você é sábio!

— Nesse aspecto, pelo menos, sou mesmo.

O rosto pálido ficou vermelho de raiva, mas ele se controla. Mais um minuto se passa.

— O que disse a ele? — perguntou.

— Nada. Não conversamos. Eu o vi de longe. Ele manca e se locomove com a ajuda de uma bengala graças a você.

— Não tive a intenção de acertá-lo.

Levanto as mãos e solto uma gargalhada.

— Lá vem ele de novo com esse papo. A maior mentira do beisebol profissional! E o pior é que todo mundo sabe disso, incluindo nós dois.

— Saia da minha casa!

— Daqui a um minuto. Vamos encarar a verdade, Warren. Você não vai durar até o Natal. O prognóstico é péssimo. Quando você morrer, quem o conhece não vai dizer coisas do tipo “Grande Warren, ele amava os filhos” ou então “Grande Warren, que criatura generosa!”, ou ainda “Warren amou muito as esposas”. Nada disso, Warren, porque nada se aplica a você. A única coisa que vai ser mencionada no seu obituário, se é que você vai ter um, é o fato de ter dado a bolada intencional mais famosa na história do beisebol e que isso acabou por destruir uma das mais promissoras carreiras de todos os tempos. É o que vão dizer de você, Warren, e você não vai poder fazer nada para impedir.

— Por favor, vá embora.

— Vou com prazer, Warren, mas deixe que eu termine. Você nunca vai poder desfazer o mal que causou — a negligência com os filhos, o filho atordoado, a esposa maltratada, o alcoolismo, as amantes, o longo rastro de destroços que deixou. Não dá para consertar, Warren, mesmo que quisesse, e sei que não é essa a sua intenção. Mas existe uma pessoa que você pode procurar e isso talvez traga um pouco de alegria ao cara. Vá até lá, Warren. Faça isso por mim, faça por Joe, faça por você mesmo.

— Você enlouqueceu.

Pego a jaqueta e tiro do bolso uns papéis dobrados.

— Quero que leia isto. O título é “A bolada intencional contra Joe Castle”, de Paul Tracey, filho de Warren. Escrevi há muitos anos. Revisei mil vezes. Cada palavra é verdadeira. A minha intenção é publicá-lo assim que você morrer. Vou começar pela *Sports Illustrated*, depois a *Baseball Monthly*, em seguida os jornais de Chicago; não sei depois, mas tenho certeza de que não vai faltar quem queira publicar.

Não quero um centavo. Quero divulgar a verdade dos fatos.

Jogo os papéis no colo dele.

— A única maneira de impedir que isto seja publicado é ir comigo a Calico Rock para ver Joe.

— E chantagem?

— Exatamente, Warren. Chantagem à moda antiga, mas por uma boa causa.

Jogo um cartão de visitas sobre o sofá e digo:

— Estou aqui perto, no Best Western. Se quiser conversar, encontro você no seu restaurante favorito, o Wink's Waffles, às 9 horas.

Retiro-me da sala e o deixo coçando a testa. Não vi Agnes quando saí.

Faço o check-in no Best Western, ligo para casa e converso com Sara. Depois, desço para comer alguma coisa. O restaurante está vazio e nada convidativo, mas alguns vendedores contam casos enquanto bebem no saguão. Escolho uma mesa, peço um sanduíche e um copo de chá gelado. Em um canto, noto que há uma televisão. Os Cubs e os Mets estão jogando, mas o aparelho está sem som. Fico olhando. É o primeiro jogo de beisebol a que assisto em trinta anos.

16

Em 8 de setembro de 1973, Warren fez um *start* no jogo com os Padres em San Diego. Conseguiu dois *walks* no primeiro *inning*, mas teve problemas com um *double play* de bases lotadas. No segundo *inning*, fez mais dois *walks*, depois deixou passar duplas *back-to-back*. No ar, Ralph Kiner se referiu ao arremesso dele como “coisa de treino”. Quando Yogi Berra o puxou, os Padres já tinham cinco *homes* na frente e dois em curso. Os Mets, que tinham ganho oito dos dez últimos, estavam em dificuldades.

Nos últimos três *starts*, Warren tinha completado apenas três *innings*, deixado passar dezessete *runs* em doze rebatidas, fez treze *walks* e conseguiu uma Média de Corridas Merecidas de quase três dígitos. Desde que atingiu Castle, perdeu a habilidade de arremessar para dentro, e todo batedor da Liga Nacional sabia disso. Os cronistas esportivos e torcedores de Nova York clamavam por sua cabeça e era óbvio que os Mets precisavam tomar uma providência. O time estava ganhando, menos Warren, e já se discutia abertamente sobre quem ia substituí-lo na rotação.

E a pressão só aumentava. Em 15 de setembro, os Mets eram esperados em Chicago para uma série de três jogos e havia grandes chances de a presença de Warren em campo no Wrigley acabar em chacina. As ameaças de morte não paravam de chegar — à sede dos Mets, em cartas anônimas dos editores, à casa de alguns dos jogadores da equipe. Os comentaristas esportivos de Chicago alertavam sobre o risco que se corria em Wrigley, se os Mets fizessem a bobagem de pôr Tracey na base de lançamento. O comissário Bowie Kuhn acompanhava a situação de perto.

Em 14 de setembro, três semanas depois da bolada intencional, os Mets dispensaram Warren Tracey.

É claro que meu pai não ligou para casa avisando que fora cortado da lista. Isso exigiria muita maturidade e coragem da parte dele. Os Mets estavam em Los Angeles. Quando sintonizei no programa que antecede o jogo, ouvi Lindsey Nelson e Ralf Kiner comentarem sobre a decisão da cúpula dos Mets em se livrar de Warren Tracey. Ele tinha “se arremessado” do emprego e estavam fazendo um retrospecto da sua atuação durante a temporada e de sua carreira também. Um mês antes, ele tinha um recorde de sete e sete e foi eficiente nos arremessos. Só que depois do incidente de Castle, sua atuação foi desastrosa.

O alívio nas vozes de Nelson e Kiner era evidente. Nenhum membro da delegação dos Mets queria entrar no Wrigley no dia seguinte tendo Warren por perto.

Minha mãe estava jogando tênis num clube que ficava a uns quarteirões de casa. Decidi avisá-la o quanto antes que o marido acabara de ficar desempregado. Peguei a bicicleta e fui até lá. A distância, observei-a jogando e, terminado o jogo, eu me aproximei enquanto ela saía da quadra. Ela não recebeu nada bem a notícia. Ele não tinha só sido cortado do time, mas, aos 34 anos, sua carreira estava certamente encerrada. Eu não fazia a menor ideia de quanto tinham economizado, se é que guardaram algum dinheiro, mas minha mãe sempre controlou muito o orçamento. E agora, sem ter o que fazer, ele passaria mais tempo em casa, ideia por que nenhum de nós ansiava.

Nosso mundinho estava desmoronando. Meu pai estava desempregado e velho. Aumentara o consumo de álcool, passava mais tempo fora de casa e brigava mais com minha mãe, que já dava sinais de que planejava uma vida nova que não o incluía. Trocáramos o número do telefone duas vezes por causa dos telefonemas anônimos e agora o que tínhamos era privado. Era comum ver um carro da polícia estacionado em frente à nossa casa. Estávamos com medo.

Os Cubs venceram dois dos três jogos contra os Mets. Não houve briga, boladas intencionais ou expulsão. Quando a série começou, as equipes estavam empatadas em primeiro lugar na Liga Nacional do Leste e, com quinze jogos pela frente, ninguém poderia se dar ao luxo de mais suspensões ou lesões.

Sem Joe na *lineup*, os Cubs tinham ganho onze e perdido treze. A vantagem de dez jogos três semanas antes tinha sido reduzida a um jogo apenas. Estavam afundando, no melhor estilo Chicago, enquanto

os Mets colecionavam vitórias. Para os torcedores dos Cubs, a bolada intencional contra Joe Castle tinha sido deliberadamente planejada pelos Mets para retirá-lo de campo e o time deles ficar desestruturado. Em Warren Tracey, os Mets encontraram o vilão perfeito: um capataz predador que poderia fazer o trabalho sujo e, mais tarde, ser descartado junto com o lixo. Seaver, Koosman e Matlack estariam acima de tudo isso.

Não era só papo de botequim. Muitos comentaristas esportivos de Chicago já sustentavam essa teoria de conspiração e punham lenha na fogueira.

Ainda se alimentava a esperança, embora remota, de que Joe saísse do coma, pulasse da cama, fugisse do hospital e recomeçasse de onde parou. Entretanto, a triste realidade se firmava a cada dia que passava. “Esperem até ano que vem” era o que os Cubs costumavam dizer, só que agora era sério. Esperem até ano que vem, quando Joe estiver de volta, um ano mais velho e mais experiente. Podem aguardar.

Em 18 de setembro, um dia após o término da série de partidas e da partida dos Mets rumo a Montreal, Joe Castle acordou e falou com uma enfermeira. A rádio local transmitiu a notícia, e minha mãe foi a primeira a ouvir. Ela me contou e fui direto à casa de Tom Sabbatini para falar sobre a excelente novidade. Senhor Sabbatini sabia da situação por que eu estava passando e se ofereceu para nos levar até o hospital no sábado seguinte.

No dia seguinte, depois da escola, fui à biblioteca e li a primeira página do *Tribune* e a do *Sun-Times*. O estado de Joe ainda inspirava cuidados, mas pelo menos estava acordado, falando e comendo. Red o acompanhava e permitiu que um repórter do *Tribune* passasse dez minutos no quarto. O repórter perguntou como ele estava se sentindo, e a resposta foi “Já tive dias melhores”. Segundo a reportagem, Joe estava sedado, grogue e nem sempre conseguia responder às perguntas. Havia ainda uma fotografia, uma imagem tocante de Joe com a cabeça coberta por uma atadura grossa, mais parecendo um ferido em combate. O olho direito também estava coberto e era motivo de grande preocupação para os médicos.

O Mount Sinai foi invadido por cartões, flores, presentes e gente querendo ver Joe. Um santuário foi improvisado num amplo espaço aberto no andar térreo. No centro, uma foto enorme de Joe — a mesma estampada na capa da *Sports Illustrated* — e em cada lado

grandes painéis de cortiça. Centenas de torcedores fixaram bilhetes, cartões e cartas para Joe. No chão, ao lado dos painéis, caixas de papelão cheias de flores, chocolates e outros presentes.

Eu e Tom escrevemos cartas, mas só as compartilhamos depois que as envelopamos bem seladas. Tentando chamar a atenção de Joe, comecei a minha carta assim: “Caro Joe: sou Paul Tracey, filho de Warren. Lamento muito pelo que meu pai fez.” Continuei informando efusivamente que eu acompanhava de perto sua carreira, falando do quanto eu o achava genial e o quanto eu torcia para que ele se recuperasse e voltasse aos campos.

No sábado de manhã, pegamos o trem para a cidade. Fazia um lindo dia de outono; as folhas mudavam de cor e balançavam com a brisa enquanto passeávamos pelo Central Park. Quando entramos no hospital pela Quinta Avenida, demos de cara com uma placa feita à mão indicando “MURAL JOE CASTLE” e uma seta apontando para a esquerda. Encontramos a parede que funcionava como mural e fixamos as cartas uma ao lado da outra, o mais próximo da foto dele possível. Uma voluntária explicou que os cartões, cartas e presentes eram recolhidos de dois em dois dias para serem futuramente entregues ao Sr. Castle no momento apropriado. Ela nos agradeceu pela presença.

— Onde ele está? — perguntei.

Ela olhou para mim e respondeu:

— No quarto andar, mas infelizmente não poderá ir até lá.

— Como ele passou o dia hoje?

— Ouvi dizer que está melhorando — respondeu ela acertadamente.

De acordo com os jornais, o progresso era lento, mas uma recuperação total era improvável. Por alguns minutos ainda, demos uma olhada nas cartas, postais e presentes. A distância, observei os espaçosos corredores e o trânsito de pessoas típico de um hospital. Eu me senti tentado a sair dali, pegar o elevador, ir até o quarto andar e, sem que ninguém visse, entrar no quarto de Joe e ter um papo em particular. Entretanto, o bom-senso prevaleceu.

Sr. Sabbatini cresceu no Lower East Side e conhecia a cidade tanto quanto um motorista de táxi. Torcia pelos Yankees, mas não era

fanático. Como tinha ingressos, pegamos o metrô até o Bronx para conhecermos The House That Ruth Built. Passamos uma tarde maravilhosa assistindo aos Yankees com Thurman Munson, Graig Nettles e Bobby Murcer jogarem contra os Orioles com Brooks Robinson, Boog Powell e Paul Blair.

Eu e Tom concluímos que nos limitamos demais ao considerarmos jogar apenas pela Liga Nacional. Discutimos a possibilidade de jogarmos num time da Liga Americana. Sr. Sabbatini concordou que seria prudente de nossa parte.

Só que havia algo diferente. Meus sonhos já não eram tão claros e estimulantes. Meu amor pelo esporte já não era tão grande. Ainda brinquei com Tom enquanto analisávamos que times da Liga Americana seriam interessantes. Consideramos fatores importantes: as cores do uniforme, o tamanho do estádio, quantos títulos tinham, os jogadores do passado e outras coisas — só que não teve tanta graça quanto um mês antes.

Sr. Sabbatini ouviu, riu e nos deu alguns conselhos. Era uma pessoa extraordinária, generosa e sempre gentil em seus comentários. Parecia especialmente preocupado comigo. Compreendia o vendaval que estava chacoalhando meu mundo. Queria que eu soubesse que eu poderia contar com ele.

17

Entro no Wink's Waffles às 8:30 e peço uma mesa perto da janela. O local está cheio de senhores de idade consumindo um monte de calorias, graças à última promoção de cupom lançada para atrair consumidores de mais de 65 anos. A recepcionista se recusa a me conduzir à mesa que desejo. Então, informo que estou aguardando no mínimo mais três pessoas. Meu papo funciona e consigo a mesa que, segundo meus cálculos, fica perto da outra a que sentamos há quatro anos, quando minhas filhas viram o avô paterno pela primeira e última vez. Tomo um café, leio o jornal e fico de olho no estacionamento.

Às 8:55, um carrinho de golfe surge pelo caminho próximo ao restaurante. É Warren, sozinho. Ele estaciona em uma fila junto com outros carrinhos, levanta-se devagar, estica o tronco e caminha com todo o cuidado que se espera de um homem que se recupera de uma cirurgia horrorosa. Mesmo doente, ainda se percebe o inconfundível andar de um homem de idade que um dia foi um grande atleta. Cabeça erguida, peito para fora, um leve cambalear. Segura umas folhas de papel, sem dúvida minhas memórias sobre a bolada intencional.

Aceno para ele, que vem ao meu encontro: nada de aperto de mãos, nem um sorriso sequer. Os olhos estão vermelhos e empapuçados, como se tivesse acabado de acordar. Ele começa a conversa com um agradável “Você não pode publicar esta merda”.

— Bom-dia, Warren. Dormiu bem?

— Você me ouviu?

— Posso e vou, Warren. Por que a grosseria? A verdade o incomodou um pouquinho demais? Não vai dizer que é um monte de mentiras?

— É um monte de mentiras.

A garçonete chega e ele pede café. Depois que ela se afasta, ele pergunta:

— O que você está tentando provar?

— Nada. Estou tentando fazer com que você arque com as consequências pelo menos uma vez na vida.

— Falou a voz da sabedoria.

— Não é minha intenção bancar o sábio, Warren. Você tem uma série de assuntos pendentes e essa aresta você precisa aparar antes de partir.

— Não vou partir coisa nenhuma. Estou encarando essa parada com todas as minhas forças e os meus médicos sabem muito mais do que você.

Não vou discutir as probabilidades de sua morte. Se ele pensa que faz parte dos afortunados 5% que ainda têm cinco anos de sobrevida, não serei eu a dizer o contrário. O café chega e a garçonete pergunta sobre os outros que estão para chegar.

— Somos só nós dois — respondo.

— Já querem pedir?

— Ah, sim. Vou querer um *waffle* com calda de mirtilo acompanhado de salsicha.

— Não quero nada — diz ele de modo grosseiro, gesticulando para que ela se afaste.

— Quem você acha que vai publicar esta merda? — pergunta.

— Você lê a *Sports Illustrated*?

— Não.

— Há um colunista veterano lá chamado Jerry Kilpatrick. É especializado em beisebol. É de Chicago e tem a minha idade. Conversei com ele umas duas vezes e ele se mostrou interessado no caso e na verdade. Joe Castle jamais será esquecido em Chicago, e Kilpatrick acha que contar a história será ótimo. Principalmente depois que você se for.

— Você não sabe da verdade — rosna.

— Nós dois sabemos, Warren.

Ele toma um gole do café, olha pela janela e finalmente diz:

— Você não sabe o que está falando. Você não conhece o esporte.

— Está falando do regulamento, Warren? O regulamento não escrito que diz que a bolada intencional pode ser usada para: número um, tirar os caras do *plate*; ou, número dois, vingar-se quando acertam um dos companheiros de equipe; ou, número três, colocar um cara em seu devido lugar caso ele humilhe o *pitcher*. Não me lembro dos números quatro e cinco. É disso que está falando, Warren? Se for, fique sabendo que está redondamente enganado, pois Joe não ocupou o *plate*, ninguém estava tentando acertar seus colegas, e Joe não fez nada para humilhá-lo. Você quis acertá-lo na cabeça porque tinha inveja dele, gostava de atingir outros jogadores, puxar briga e, bem... sei lá, Warren. O que justifica aquela bolada?

Sempre acertava os outros de propósito. Talvez tenha percebido que não poderia vencê-lo; por isso, acertou-o na cabeça. Foi isso, Warren?

— Você está por fora.

— Está certo, então me explique, Warren. Por que você não sente remorso por ter acertado o rosto de Joe Castle intencionalmente?

— É comum no beisebol, assim como acontece com o jogador de futebol que quebra o pescoço ou estoura o joelho e encerra a carreira. O lutador de boxe com sequela cerebral. O piloto que morre num acidente. O esquiador que despenca da montanha. É esporte, entende? Fatalidades acontecem e, nesse caso, você não sai por aí chorando, pedindo desculpas, tentando consertar a situação. Não era assim que a coisa funcionava na época.

Não vou discutir. Eu poderia encontrar um monte de furos naquela lógica distorcida. Seria em vão. Damos um tempo e ouvimos os papos ao redor. Sozinhos, os dois, pela primeira vez depois de décadas. Para falar a verdade, não me lembro da última vez que fiquei a sós com meu pai. Eu o vi umas seis vezes desde que ele nos abandonou, e a ideia desses breves encontros raramente partiu dele. Queria dizer tanta coisa, nada muito agradável de se ouvir, e luto contra a vontade de despejar um monte de mágoas que acumulei durante a vida toda, mas jurei que não ia abatê-lo. Dada a sua atitude nesta situação, duvido muito que Warren Tracey ficasse calado

durante uma sessão de agressão verbal. Ainda é um lutador.

A garçonete traz o waffle, uma deliciosa obra de arte coberta com creme chantili. Dou uma dentada na salsicha que acompanha, algo que Sara jamais compraria, e volto a nossa conversa:

— Bem, finalmente, depois de trinta anos, você admite que atingiu Joe intencionalmente.

— Realmente não sei se lhe digo alguma coisa, porque não sei se você vai adicionar a essa sua história aí. Já que você está tornando público um assunto de família, não confio em você.

— Tudo bem. Eu lhe dou a minha palavra de que nada do que disser aqui será incluído.

— Continuo não confiando.

— Não vou ficar aqui discutindo com você questões como confiança e responsabilidade, Warren. Por que você atingiu Joe Castle?

— Ele era um moleque folgado, metido e não gostei do que ele fez a Dutch Patton. Eu e Dutch jogamos juntos em Cleveland.

— Metido coisa nenhuma. O cara não era nada diferente de nenhum outro jogador da Major League. E você não jogou com Dutch Patton em Cleveland. Dutch nunca jogou pelos Indians.

Como um pedacinho do waffle sem tirar os olhos dele, que está de boca entreaberta e os olhos brilhando, como se estivesse prestes a me desferir um soco. De repente, ele contorce o rosto e solta um suspiro, sentindo uma dor lancinante no diafragma. Eu me esqueci da situação por que ele está passando.

— Está bem? — pergunto.

— Estou.

— Não parece.

— Vai passar. Estou pensando em jogar golfe amanhã.

É bom que mudemos de assunto. Falamos de golfe por uns minutos e o clima melhora consideravelmente. Só que é por pouco tempo, porque logo percebo que ele joga golfe desde os 6 anos de idade, venceu o *Maryland Open* aos 17 e nunca jogou uma partida sequer comigo. Até entendendo essa coisa de DNA, mas o homem que está

sentado à minha frente é somente meu pai biológico. Nada além disso.

Termino logo o waffle e a salsicha e empurro o prato.

— Você estava tentando explicar por que deu a bolada no Joe. Acho que não concluímos essa parte da conversa.

— Já que é tão sabichão, por que não explica você? — interfere ele com raiva.

— Ah, eu sei, Warren. Sempre soube. Você tinha várias razões para querer acertar Joe, todas abomináveis e fruto de um raciocínio distorcido, mas, usando sua própria frase, era assim que se jogava. Você tinha inveja do sucesso dele e do fato de ele atrair os holofotes. Na sua mente doentia, ele o humilhou quando fez o *home run* no primeiro *inning*. Queria ser o primeiro valentão a acertá-lo na cabeça. Você adorava machucar os adversários para puxar briga. Tinha inveja porque, durante o verão de 1973, eu e mais um sem-número de garotos idolatrávamos Joe Castle. Você tinha me deixado com um olho roxo. Tentava consertar as coisas, ser meu herói, e não suportava a ideia de eu sonhar em ser como qualquer outro jogador. Isso sem falar em outras coisas, mas já está de bom tamanho. Graças a Deus não tenho acesso aos seus pensamentos.

— Quer dizer que você foi o motivo?

— Eu não disse isso, Warren. Só você sabe a razão. O que dá raiva é que você não consegue admitir. Há trinta anos você mente e nunca teve a hombridade de assumir o que fez.

Não é minha intenção, mas as palavras acabam soando muito ásperas. Ele deixa cair os ombros e vejo gotas de suor lhe brotarem na testa. Aperta o nariz e, sufocado pela respiração, solta:

— Desculpe por ter batido em você, Paul.

Frustrado, reviro os olhos e tenho vontade de xingar.

— Você já pediu desculpas por isso umas cem vezes, Warren. Não estou aqui por causa dos tapas. Não estou aqui para desencavar as suas deficiências como pai. Já as enterrei há muito tempo.

Com um guardanapo de papel, ele enxuga o suor da testa. A pele perdeu o pouco de cor que tinha. Toma um gole de café e me fita nos olhos. Com uma voz que repentinamente se mostra fraca e rouca, diz:

— Eu mirei em Joe, mas juro que não tive a intenção de machucá-lo.

Eu já esperava por isso, uma das maiores mentiras do beisebol, uma das desculpas mais esfarrapadas do esporte. Balanço a cabeça sem acreditar no que ouço.

— Caramba, que surpresa! A mesma desculpa idiota que arremessadores usam há cem anos. Então, vamos esclarecer as coisas aqui, Warren. Você arremessa deliberadamente uma bola rápida no rosto de um rebatedor, a mais ou menos uns 120 quilômetros por hora, a uma distância que lhe dá menos de um segundo para reagir, com a intenção, o objetivo, o sonho de ver a bola o atingir em algum lugar do pescoço para cima e levá-lo ao chão preferencialmente desacordado. Se o retirarem de campo, não há problema. Se ele ficar de fora alguns jogos, não há problema. Só que, se a bolada causa realmente um dano grave, você se esconde atrás do velho e crível “Oh, eu não tive a intenção de machucar”. Será que você não saca que isso é ridículo, Warren? Você está fazendo papel de idiota dizendo uma coisa dessas.

Mais uma vez, tenho consciência da rispidez de minhas palavras, mas estou lutando contra o ódio.

Ele baixa a cabeça, faz que sim e olha pela janela. Há uma multidão de senhores de idade na entrada. A recepcionista continua olhando em nossa direção. Acho que ela quer a nossa mesa, mas não estou com pressa.

Finalmente, ele balbucia:

— Fazia parte do jogo.

— Do seu jogo talvez — revido. — Mas você era predador.

— Não era não.

— Então por que mirava na cabeça dos caras? Por que não mirava na coxa, nos quadris, nas costelas, em qualquer lugar do ombro para baixo? É o que o regulamento diz, não é, Warren? O regulamento diz que às vezes você tem que acertar o cara, entendo. Só que o regulamento também diz que você não pode acertar o cara na cabeça, mas você era valentão, não é, Warren? Quis acertar Joe na cabeça.

— Já estou de saco cheio dessa conversa. O que você quer, Paul?

— Vamos a Calico Rock juntos. Aí você se senta com Joe, vocês se cumprimentam com um aperto de mãos, você diz o que quiser, conversa bastante sobre o jogo, sobre a vida, seja lá o que for. Estarei

lá. Os irmãos do Joe cuidam dele. Tenho certeza de que estarão lá. Vai ser muito importante para Joe e a família dele. Juro que você não vai se arrepender, Warren. Vamos fechar esse capítulo. Agora.

Ele pega os papéis e diz:

— Se eu não aceitar, você vai publicar isto assim que eu me for?

— E o que pretendo — respondo, duvidando que a chantagem vá ser uma boa estratégia.

Rapidamente, ele rasga os papéis ao meio e joga em cima de mim.

— Vá em frente. Estarei morto mesmo.

Ele então sai, atravessando a multidão que se aglomera na entrada, deslocando-se rápido para um homem velho e doente. Entra no carrinho de golfe, agarra o volante e para, como se tivesse sentido novamente uma dor insuportável. Olha ao longe, esperando, perdido em seus pensamentos, e, por um segundo, acho que mudou de ideia.

Ele parte com o carrinho e tenho a certeza de que nunca mais o verei.

18

No dia 23 de setembro, divulgou-se um boletim médico de Joe. Em razão do trauma no nervo óptico, Joe sofrerá uma perda irreversível de 80% da visão do olho direito. Para os médicos, eram “mínimas” as chances de um retorno de Joe ao campo.

A notícia deixou a torcida dos Cubs arrasada. De uma hora para outra, o “compasso de espera para o próximo ano” perdeu totalmente a graça. A maior promessa do time em toda a sua longa história de frustrações nunca mais voltaria a jogar.

A notícia também abalou os jogadores. Os colegas de Joe, que já lutavam com dificuldade sem ele, ficaram ainda mais desanimados com a notícia de Nova York. Depois, naquela mesma tarde, foram derrotados pelos Braves, perdendo também os três jogos seguintes. Ficaram ainda dois jogos atrás dos Mets, que faziam uma bela campanha, já prestes a abocanhar a National League East. Os Mets continuariam bem, vencendo os Reds a caminho do título, e tudo isso sem um jogador rebater a mais que 0,300 ou um arremessador vencer vinte jogos. Na segunda vinda dos Miracle Mets, o time liderou o campeonato por sete jogos até ser derrotado na World Series.

A surpreendente e, não obstante, trágica carreira de Joe Castle chegara ao fim. As marcas atingidas por ele eram extraordinárias: em trinta e oito jogos, ele teve 160 oportunidades no bastão, setenta e oito rebatidas, vinte e um *home runs*, vinte e uma duplas, oito triplas, trinta e uma bases roubadas e quarenta e uma Corridas Impulsionadas. Sua média de rebatidas de 0,488 foi a maior de todos os tempos, não tendo sido, entretanto, registrada no livro dos recordes, pois Joe não participara de um número suficiente de jogos para tal. Outros recordes, porém, permaneceriam gravados: (1) o primeiro novato a fazer três *home runs* em seu primeiro jogo; (2) o primeiro novato a rebater com segurança em seus primeiros dezenove jogos; (3) o primeiro novato a roubar uma base em nove jogos consecutivos; (4) o

primeiro novato a roubar a segunda e a terceira em sete jogos diferentes; e a mais famosa marca, (5) quinze rebatidas consecutivas em quinze oportunidades no bastão. Ele ainda se igualou a outros recordes de novato, incluindo quatro rebatidas em seu primeiro jogo.

No dia 23 de setembro de 1973, porém, suas marcas pouco significavam para ele e seus admiradores.

Meu pai acabou voltando para casa após ser dispensado pelos Mets e, durante o primeiro jantar em família, tentou parecer otimista em relação ao seu futuro. Afirmava que vários times demonstraram interesse em tê-lo para a temporada de 1974. As negociações estavam em andamento, e propostas, sendo feitas. Ouvíamos e fingíamos acreditar, mas sabíamos da verdade.

Para se manter ocupado, pintou o interior da garagem, colocou calhas novas, deu um trato no carro e aparentemente planejava passar um bom tempo em casa.

Minha mãe jogava tênis com frequência e, em segredo, procurava emprego.

Voltei da escola em uma tarde e, como de hábito, já tinha em mente sair o mais breve possível, descer a rua e ir à casa dos Sabbatini. Meu pai estava na saleta assistindo à TV e, quando passei, disse:

— Ei, Paul, você está com tempo para um *catch*? Preciso manter o braço em forma.

Não consegui dizer não, por menor que fosse minha vontade de treinar com ele.

— Claro.

Eu tinha jurado que jamais voltaria a jogar com meu pai.

... uma área aberta onde tínhamos uma pequena rede de proteção e um home plate de madeira. Ele me agarrou pelo braço e disse:

— Primeiro, nunca mais me ignore deste jeito. Está me ouvindo? Sou seu pai e entendo de beisebol mil vezes mais do que esses palhaços que se chamam de técnicos.

Tentei me desvencilhar, mas ele me fincou as unhas. A cada segundo que passava, sua raiva aumentava:

— Você está me ouvindo? Nunca mais me ignore assim.

— Sim, senhor — respondi, mas só para não apanhar

Ele soltou meu braço e pôs o dedo sob meu queixo.

— Olhe para mim — vociferou. — Olhe nos meus olhos quando eu estiver falando com você. Existe um jeito certo e um jeito errado de se jogar beisebol, e você aprendeu tudo errado! Nunca, repito, nunca deixe que um batedor humilhe você desse jeito. Seja que categoria for, não interessa se você tem 8 anos de idade ou se está jogando na World

Series, nunca deixe que um batedor o humilhe desse jeito. É assim que se lida com um babaca desse tipo. Vá para lá.

Peguei o bastão e armei a rebatida no home plate. Ele se afastou, talvez uns quatro metros. Estava de luvas e segurava três bolas de beisebol. Eu tinha 11 anos, estava sem o capacete de batedor, encarando um arremessador dos Mets que, além de enfurecido, estava ali me ensinando a cruel arte de se acertar um batedor.

— O regulamento diz que ele está sendo atingido; está certo, então, da próxima vez que ele rebolar aquela bunda até o plate, é sua obrigação acertá-lo. O mesmo vale para o caso de um companheiro seu levar uma porrada, pois você tem de proteger sua equipe. Está me ouvindo?

— Sim, senhor.

— Faça com três arremessos. Alguns caras vão direto e conseguem logo no primeiro arremesso. Não faço assim, porque a maioria dos batedores espera que aconteça no primeiro arremesso. Eu os lanço. Meu primeiro arremesso é uma bola rápida, trinta centímetros para o lado de fora.

Ele fez os movimentos para o arremesso e lançou uma rápida, trinta centímetros para fora. Não foi com a velocidade máxima, pois eu ainda era pequeno. Só que foi rápido demais para mim.

— Não pise fora da linha — resmungou. — Segundo arremesso, igual ao primeiro.

Mais uma vez, fez os movimentos para o arremesso, mandou outra rápida, trinta centímetros para fora.

— É agora que você pega o filho da puta. Ele se inclina um pouco, achando que vou arremessar para o canto externo, sem imaginar que vai levar uma bolada. Não vou acertá-lo na cabeça. Por isso, não pise fora da linha, está bem? Vá fundo, Paul, como um jogador de verdade!

Fiquei apavorado, imóvel. Fie fez os movimentos para o arremesso e atirou a bola na minha direção. Não muito alto, nem com tanta força, mas, quando a bola acertou-me a coxa, doeu demais e acho que cheguei a gritar.

— Está vendo? Você vai sobreviver. É assim que se faz. Duas bolas rápidas e depois você acerta o canalha, de preferência na cabeça! — gritou.

Ele saiu correndo e pegou as três bolas enquanto eu esfregava a coxa, tentando não chorar.

— Dê o bastão para mim e pegue a luva.

Assumi então a posição de pitcher e ele foi para o plate.

— Duas rápidas para fora. Vamos.

Mandei o primeiro para a grama e quase um metro fora do plate.

— Você tem que acertar a luva do receptor, Paul, vamos lá, diabo! — resmungou, balançando o bastão como um verdadeiro rebatedor. Em toda a carreira, sua média de rebatidas era de 0,159.

Fiz o segundo arremesso pelo lado de fora e mais alto.

— Agora... acerte bem aqui — disse ele, vindo em minha direção e apontando para a lateral da cabeça. — Enfia essa bola na minha orelha, Paul.

Ele então voltou para o plate.

— Enfia essa bola na minha orelha. Não consegue arremessar com tanta força a ponto de me machucar.

Eu estava a uns 12 metros de distância, segurando a bola, querendo muito fazer um arremesso que lhe quebrasse os dentes, fizesse jorrar sangue, fraturasse os ossos da cara e o derrubasse na grama. Atirei alto, acertei, e a bola foi parar no meio do plate, um strike perfeito. Assim que a bola quicou na rede de proteção, ele a pegou, jogou de volta para mim e disse:

— Vamos, seu merdinha. Acerte-me com essa porcaria de bola!

Mandei outra bola rápida, alta, mas ainda assim por cima do plate. Ele se enfureceu mais ainda e, depois de pegar a bola, jogou-a de volta para mim. Já estava escurecendo. Ele arremessou com muita força. A bola resvalou na tela da minha luva e acertou-me o peito. Soltei um grito estridente e comecei a chorar e, de repente, lá estava ele gritando na minha cara:

— Se você não pegar esta bola e me acertar na cabeça, vou lhe enfiar a porrada, entendeu?

Enquanto ele, batendo os pés, caminhava em direção ao plate, olhei para a casa. Lá em cima, Jill olhava pela janela do quarto.

Minha terceira tentativa de acertá-lo foi tão malsucedida quanto as outras duas. O arremesso foi alto e dentro das linhas, mas não perto a ponto de causar o dano que eu queria. Para mostrar o quanto estava irritado, ele esticou a mão esquerda e pegou o arremesso sem luva. Que insulto para um arremessador! Só que eu não estava nem aí. Eu só queria me livrar daquele louco. Ele atirou o bastão em direção à casa e veio atrás de mim.

— Paul, seu covarde! Você não passa de um covarde. O pitcher precisa ter culhões para acertar os rebatedores, mas tem que acertar e pronto.

— Mas não na Liga Infanto-juvenil — respondi.

— Em qualquer liga!

Acho que eu era pequeno demais para levar um soco; por isso, ele me deu uma bofetada com as costas da mão esquerda, com o intuito, claro, de proteger a mão com que arremessava. Gritei e caí. Na hora em que ele me segurou pela gola da camisa, escutei minha mãe gritar:

— Afaste-se dele, Warren!

Ela estava a uns três metros de distância, segurando o bastão de beisebol, algo que provavelmente ela nunca fizera antes, mirando-o em meu pai. Jill escondeu-se atrás dela. Por alguns segundos, ninguém moveu um músculo. Depois, percebendo a oportunidade de escapar, saí me arrastando.

— Abaixе esse bastão.

— Você deu um tapa no rosto dele. Você é um animal!

— Ele bateu no Paul com o bastão de beisebol também — acrescentou Jill.

— Cale essa boca! — rosnou ele.

Mais alguns segundos se passaram, até que todos tomassem fôlego. Entramos, bem devagar, um tomando conta do outro. Meus pais seguiram até o porão e brigaram por um longo tempo. Quando se cansaram, ele saiu.

(Trecho de “A bolada intencional contra Joe Castle”, de Paul Tracey, filho de Warren.)

19

Para passar o tempo no aeroporto de Atlanta, resolvi ligar para Clarence Rook. Faz pouco mais que vinte e quatro horas que me despedi dele, mas parece que faz um mês.

— Não faz ideia de quem me ligou ontem à noite — anuncia.

— Charlie ou Red?

— Charlie. Disse que recebeu um telefonema de Joe, contando que me viu com um estranho. Só queria saber se estava tudo certo. É que Charlie sempre pergunta: “Clarence, está tudo certo?” Aí eu disse que estava tudo certo, sim, que era apenas meu sobrinho do Texas que queria ver o campo.

— Por que você não contou a verdade?

— contei. Só que foi depois. Pensei bem no assunto primeiro, falei com Fay. Aí liguei de volta para Charlie e disse que tinha uma coisa importante para conversar com ele e Red. Perguntei se não dava pra gente tomar um café. E foi o que aconteceu hoje de manhã, num lugar mais calmo na Zona Norte da cidade. contei sobre você, sobre a sua visita e tudo o mais.

Ele para de falar, o que não é um bom sinal.

— Deixe-me adivinhar: não derramaram uma lágrima quando ouviram que Warren Tracey está com câncer e em estágio terminal. Não mesmo.

Pausa: mais um mau sinal.

— E quanto à ida de Warren a Calico Rock para se encontrar com Joe? Como reagiram?

— Pelo menos de imediato, não muito bem. Na verdade, não gostaram da ideia de ter você por aqui.

— Vão me encher de balas, se eu voltar?

— Não. Até que ficaram entusiasmados e, inclusive, ficaram de falar com Joe para ver o que ele acha da ideia. Forcei um pouco a barra, mas não é da minha conta. E o encontro com seu pai?

Resolvo dar uma floreada:

— Acho que deixei uma porta aberta. Tivemos uma conversa franca, abordamos antigas questões familiares, nada que você queira ouvir. O problema é que ele não quer admitir que esteja com câncer, e, se não encarar a possibilidade de morrer, vai ser difícil convencê-lo.

— Coitado.

— Talvez, mas não consegui sentir pena dele mesmo.

Pergunto por Fay, e a conversa perde o gás. Uma hora depois, embarco no voo para Dallas.

Em casa, encontro Sara e as meninas me aguardando até mais tarde para jantar. Minhas filhas não sabem onde estive e o que andei fazendo. Então conversamos sobre o fim de semana que planejamos passar acampando na serra. Sara, porém, está curiosa. Depois do jantar, com as meninas já na cama, conto-lhe os detalhes da viagem enquanto retiramos a mesa.

— E agora? — pergunta.

— Não faço a menor ideia. Talvez eu espere umas semanas, ligue para Warren, pergunte sobre a quimioterapia e, quem sabe, mencione Joe de novo.

— Qual é o seu ditado preferido, querido? Nem cheguei à metade do caminho...

— Nem cheguei à metade do caminho para a primeira base. É, resume bem o meu breve encontro com Warren. O cara continua marrento e talvez leve isso para o túmulo. É bem provável de acontecer.

— Está feliz por ter ido?

— Muito! Vi Joe Castle. Acho que está vivendo da melhor maneira possível. Consegui ver Warren, o que pouco significa agora, mas talvez, um dia, tenha alguma importância. E o mais importante: tomei aguardente de pêssego Ozark.

— O que é isso?

— Uísque ilegal.

— Servem no jantar?

— Não, só depois, pelo menos na casa dos Rook. Clarence chama de “digestivo”.

— Que gosto tem?

— Tem gosto de fogo líquido.

— Parece uma delícia! Alguma outra atração?

— Nada!

— Vai ligar para Jill?

— Hoje não. Talvez outro dia. Duvido que ela queira saber de Warren.

Uma semana depois, na hora do almoço, vou até o complexo esportivo de propriedade da prefeitura, onde a maioria dos meus amigos pôs os filhos para jogar em várias ligas infanto-juvenis. Mas, tirando alguns funcionários, o campo está vazio. A temporada acabou. Subo a arquibancada do “campão”, como é conhecido, um diamante do tamanho oficial com o paredão do campo central a mais de 120 metros. Sento à sombra da cabine da imprensa e como um crepe de frango.

Hoje é dia 24 de agosto de 2003. Exatamente há trinta anos, eu estava sentado com minha mãe no Shea Stadium assistindo ao meu herói Joe Castle dirigir-se ao *plate* para encarar meu pai. Aquelas imagens vêm à minha mente aos poucos e ainda ouço o impacto de Joe sendo atingido. O choque, o caos, o medo, a ambulância, depois a briga e as consequências. Ele teve três fraturas no crânio. O osso do queixo também se partiu. Como sofreu hemorragia pelos ouvidos, os médicos acharam que estava morto.

Aquele momento e aquele lugar pareciam remotos agora. A bolada intencional pôs fim a duas carreiras e não sei ao certo que efeito produziu em mim. Arrasou milhões de pessoas, de forma que não fui o único afetado. Só que eu era o único, fora meus pais, que sabia que Joe estava prestes a ser atingido na cabeça.

Será que Joe se lembra dessa data? Será que está fazendo o

mesmo que eu — sentado sozinho num campo de beisebol, lembrando a tragédia e desejando desesperadamente saber como teria sido sua vida, não fosse o lamentável episódio? Será que, apesar de seu estado, ele olha para o passado com amargura? Certamente, eu olharia. Passados trinta anos, eu ainda sinto um nó na garganta quando penso na lesão desnecessária e no fim de uma bela carreira.

Tenho a impressão de que esta data nada significa para Warren Tracey. Provavelmente, está jogando golfe. Há décadas que ignora a bolada proposital que deu, comentando:

“E coisa do esporte. Acontece.”

Depois do almoço, procuro uma maneira de esquecer o episódio Joe Castle. Finalmente admito não estar certo de que isso um dia vá acontecer.

Duas semanas se passam. As meninas voltam às aulas e eu me deixo absorver pelo trabalho. Retomamos nossa rotina feliz e aos poucos acabo por me esquecer da ideia do reencontro em Calico Rock. Certa noite, o telefone toca e Rebecca, nossa filha mais velha, de 10 anos, atende. Ela entra correndo na saleta e diz:

— Pai, é um homem chamado Warren. Ele quer falar com você.

Eu e Sara nos entreolhamos. Nenhum de nós consegue se lembrar da última vez em que Warren ligou para nossa casa.

— Quem é Warren? — indaga Rebecca.

— Seu avô — responde Sara, enquanto me dirijo à cozinha.

Pelo que percebo, o telefonema não tem uma razão em especial. A voz está rouca e fraca. Diz que a quimioterapia não é nada agradável. Não tem apetite e, por conseguinte, está perdendo peso, além do cabelo. Duas vezes por semana, Agnes o leva ao hospital para fazer o tratamento que dura em tomo de duas horas e acontece dentro de um quarto deprimente com outros pacientes presos às máquinas com medicamento.

Fico surpreso quando ele pergunta:

— Como vai a família?

Ao se dirigir à cozinha, Sara fica chocada ao ouvir-me falando das meninas. Ele então diz ter tentado, algu-mas horas antes, ligar

para Jill, mas ninguém atendeu.

Warren Tracey ligando para os filhos? É... deve estar morrendo mesmo.

20

Uma vez por semana, entro em contato com Clarence, mas os papos têm ficado cada vez mais curtos. Não há muita novidade em Calico Rock. Nem sei como ele consegue ter assunto para pôr num jornal toda quarta-feira. De vez em quando, ligo para Warren, mas não porque esteja muito preocupado com sua saúde; é mais para lembrá-lo de que ainda estou na área e de que quero alguma coisa. Nunca falamos sobre Joe Castle.

Na segunda semana de outubro, estou em uma reunião com meu chefe e meus colegas de trabalho, quando o celular vibra. Na minha empresa, não é crime um telefone tocar e interromper algo importante. Saio até o corredor para atender; é Agnes. Warren está internado com hemorragia interna, pressão baixa, desmaios. Os médicos acabaram de fazer outra tomografia, o câncer se espalhou rapidamente, afetando fígado, rins, estômago e, o que é pior, cérebro. Perdeu dezoito quilos. Agnes acredita que finalmente Warren está aceitando o fato de que o câncer vai matá-lo.

O que posso dizer? Não conheço essa mulher e mal sei quem é o marido. Ofereço meus sentimentos, meio sem jeito, e prometo ligar no dia seguinte. Ligo, mas cai direto no correio de voz. Três dias depois, voltando do trabalho, recebo um telefonema de Warren. Conta que está em casa, que se sente muito melhor e que trocou os médicos, porque os que estavam tratando dele eram um bando de idiotas; diz que agora as chances de vencer o câncer são muito maiores. No início da breve conversa, ele parecia esperto, animado, cheio de energia, mas não consegue manter a farsa. No final, a voz perde a força e a dicção já não está tão boa. Repasso minha curtíssima lista de coisas a dizer e, quando já estou prestes a terminar o papo, ele diz:

— Sabe, Paul, tenho pensado naquela viagem ao Arkansas.

— É mesmo? — indago, tentando disfarçar qualquer traço de entusiasmo.

— É sim. Gosto da ideia. Só não sei se meus médicos vão permitir que eu viaje, mas vamos tentar.

— Claro, Warren. Vou dar uns telefonemas.

A pior parte vai ser a longa viagem, só eu e Warren no carro, com tanta pendência do passado e nenhuma vontade de tocar no assunto.

Pegamos voos diferentes para Little Rock. Chego duas horas antes dele. Almoço, mato tempo, trabalho ao laptop e encontro um canto de onde observo os passageiros que chegam. O aeroporto é pequeno, com vários espaços abertos, luz natural e pouco movimento.

De acordo com o último telefonema, os médicos não concordaram com a viagem, o que reforçou ainda mais sua determinação em ir. Finalmente admitiu que o câncer assumiu o controle e parou com a quimioterapia.

— Não creio que eu vá durar até o Natal — anuncia, como se a data tivesse algum significado para ele.

Natal. Quando eu tinha 8 anos, ele participou de um campeonato de inverno na Venezuela e não passou o Natal em casa conosco. Enquanto eu e Jill abríamos os presentes na árvore, minha mãe não conseguia parar de chorar. Fico me perguntando se Warren se lembra de todas as coisas de que me lembro.

Ele então surge em meio a passageiros vindos de Atlanta. Usa um boné para esconder a calvície e caminha com passos lentos, mas determinados. Reduziu-se a um homem pequeno, com cintura de menina e peito encolhido. Puxa uma pequena mala com rodinhas. Olha ao redor à minha procura.

Quase aluguei um carro híbrido por questões ambientais, mas lembrei-me de que iríamos passar horas juntos. Assim, estamos os dois a bordo de um utilitário, com bastante espaço entre os bancos da frente. Pouco falamos até sairmos de Little Rock.

Em dois meses, envelheceu dez anos. Agora entendo por que os médicos não aprovaram a viagem. Ele tira vários cochilos e passa um bom tempo calado. Finalmente, resolve abrir a boca e diz:

— Meu Deus, que bom estar longe de Agnes!

Rio e penso nos rumos inusitados que esta conversa poderia tomar a partir de agora.

— Ela é a quinta ou a sexta? — pergunto.

Pausa para calcular.

— Agnes é a quinta. Karen foi a quarta. Florence foi a terceira. Daisy foi a segunda. Sua mãe, a primeira.

— É impressionante que você ainda se lembre da ordem.

— Ah, há coisas que a gente nunca se esquece.

— Você tem alguma favorita?

Pensa um pouco. Estamos em uma estrada de pista dupla, com fazendas dos dois lados.

— Nunca amei nenhuma delas como amei sua mãe. Pelo menos, no começo, não. O negócio é que éramos jovens demais para casar. Por amor, foi com sua mãe. Por dinheiro, com Florence. Por sexo, Daisy ganha a medalha de ouro.

Desculpe por perguntar.

Daisy era dançarina de *striptease*. Que corpo!

— Você nos deixou por causa de uma dançarina?

— Você não me culparia se a visse no palco.

— Durou quanto tempo?

— Pouco tempo. Não me lembro ao certo. E eu não os deixei por causa de uma *stripper*. O casamento já tinha acabado, quando eu por acaso conheci Daisy.

— Num clube de *striptease*?

— É claro! Onde mais se conheceria uma dançarina?

— Sei lá. Não tenho experiência no assunto.

— Sorte a sua.

— Alguma vez foi fiel à mamãe?

Sem pestanejar, responde:

— Não.

— Por que não?

— Não sei — responde frustrado. — Por que os homens fazem o que fazem? Por que perdem fortunas em jogos de azar, ou se afogam na bebida, ou se casam com loucas? Não sei. Você me arrasta até Arkansas, no meio de Podunk, para me perguntar por que eu corria atrás de mulher?

— Não. Agora, não estou nem aí.

— Como está sua mãe?

— Está bem. Eu a vejo várias vezes no ano. Está bonita como sempre.

Quase acrescento que ela é muito mais bonita que Agnes, mas deixo pra lá.

— Ela sabe que estou doente?

— Sabe. Conteí a ela assim que eu soube, em agosto.

— Duvido muito que ela se importe.

— E ela deveria, Warren?

Ele respira fundo e volta a cochilar. Em silêncio, estou rezando mesmo para que ele adormeça e tire uma longa soneca de duas horas. Sente muitas dores em função do câncer e, quando acordado, parece estar desconfortável. Traz, no bolso do blusão, vários analgésicos.

Falamos rapidamente sobre seus casamentos, um assunto que era minha intenção evitar. Depois do cochilo, descubro algo valioso ao fazer uma simples pergunta:

— Você chegou a jogar beisebol no Arkansas?

— Ah, sim. Pela Liga do Texas. Jogamos contra os Arkansas Travelers várias vezes ao ano. Um estádio antigo, mas maravilhoso, no centro de Little Rock. Bom público.

Warren então abre o verbo e desperta para a vida. Fala de jogos esquecidos, velhos companheiros de equipe, acontecimentos estranhos, brincadeiras de vestiário, fugas da concentração, a farra nos ônibus das ligas — passamos um bom tempo falando da liga juvenil. Ele, porém, se cansa facilmente e precisa interromper as longas narrativas para beber um pouco de água ou passar um tempo de olhos fechados. Cochila mais uma vez e fica tudo em silêncio. Depois,

acorda e se lembra de outra história.

Durante sua longa e difícil carreira, Warren hospedou-se em várias cidadezinhas, algumas de que nem se lembrava mais. Agora, elas ressurgem num fluxo de recordações. Surpreendo-me ao descobrir que Warren é um ótimo contador de histórias, com uma aptidão especial para o clímax. Quanto mais histórias conta, mais histórias lhe vêm à lembrança.

Por que será que nunca ouvi essas?

Não falamos sobre Joe Castle, tampouco sobre o motivo desta viagem. Não faço ideia do que Warren vá dizer, mas desconfio que ele saiba.

Ele tosse, faz cara de dor, toma um analgésico e volta a cochilar. Pegamos a serra e começa a escurecer.

Na divisa com Mountain View, cerca de uma hora ao sul de Calico Rock, avisto um motel simpático e limpo. Resolvo entrar. Pago em dinheiro por dois quartos de solteiro. Warren diz que não está com fome e que precisa se deitar. Compro um hambúrguer em uma lanchonete e levo para o meu quarto.

21

Clarence está esperando à porta principal do *Calico Rock Record*. É uma linda e ensolarada manhã, o ar leve e fresco, completamente diferente de quando estive aqui pela última vez, em agosto. A Main Street está começando a despertar. Chegamos às 9 horas como combinado. Warren dormiu durante dez horas e diz que se sente bem.

— Sinto muito por seu problema de saúde, Sr. Tracey — diz Clarence, com sinceridade, depois de cumprimentá-lo.

— Muito obrigado. Ah, e pode me chamar de Warren.

— Claro. Que tal um café?

Aceitamos o convite e reunimo-nos na sala de Clarence, deliciosamente bagunçada, para o ritual matutino do café. Clarence se apressa a falar sobre as últimas conversas com o clã dos Castle. Ainda não concordaram com um encontro, mas também não descartaram a ideia. Clarence acha que tudo vai dar certo, se simplesmente aparecermos. Tanto eu quanto Warren, mesmo antes de sairmos de Santa Fé e da Flórida respectivamente, sabíamos que um encontro como esse talvez jamais acontecesse, mas decidimos tentar assim mesmo. Ao telefone, Warren disse que se sentiria melhor se tivesse tentado falar com Joe, ainda que ele não concordasse com o encontro. Atravessamos a cidade com Clarence rumo à escola. Mais uma vez, Joe guia o cortador de grama, um Toro vermelho, movendo-o cuidadosamente para a frente e para trás, percorrendo o campo, cortando a grama que já não cresce mais. Estamos em outubro e a grama está ficando marrom. Perto do banco de reservas da terceira base, subimos a arquibancada e nos sentamos. Dois homens de meia-idade estão sentados perto do banco de reservas da primeira base.

— Red e Charlie — diz Clarence quando nos sentamos sem mais nada para fazer a não ser observar Joe cortando a grama. Não há mais ninguém no local. São quase dez da manhã e, ao longe, percebe-se a

agitação do colégio.

— E ele faz isso todo dia? — pergunta Warren. Ele está à minha esquerda, e Clarence à direita.

— Cinco dias na semana, estando o tempo bom — responde Clarence. — De março a novembro.

— O campo é bonito — comenta Warren.

— Todos os anos premia-se a escola que tiver o campo mais bem cuidado. Já perdi a conta de quantas vezes ganhamos. Um zelador em tempo integral facilita bastante a premiação.

Depois de mais uns cortes cirúrgicos, Joe levanta as lâminas e se encaminha para o banco de reservas da primeira base. Desliga o motor, deixa o equipamento e diz alguma coisa aos irmãos. Um deles sai do banco de reservas com duas cadeiras de armar e as leva até um ponto bem em frente ao *home plate*.

— É Red — informa Clarence em voz baixa.

Red monta as cadeiras, arruma-as de modo que fiquem em frente à base de lançamento e, quando as posiciona de modo satisfatório, segue em nossa direção, para e diz:

— Sr. Tracey.

— Acho que ele está falando com você — digo a Warren, que se levanta e, vagarosamente, desce a arquibancada e vai até o campo.

Ele é recebido por Red Castle, que estende a mão e diz:

— Sou Red Castle. Muito prazer.

Eles se cumprimentam, e Warren diz:

— Obrigado por me receber.

Joe se locomove com dificuldade em direção às cadeiras, a bengala cutucando o chão à sua frente, os pés dando aqueles tristes passinhos. O braço e a mão esquerdos pendem ao longo do corpo, sobrando-lhe a mão direita para manejar a bengala. Ele se aproxima, para e estende a mão. Warren a segura com as duas mãos e diz:

— Que bom vê-lo, Joe.

Com enorme esforço, Joe emite suas palavras em um tom estridente, em uma cadência lenta, quase ensaiada:

— Obrigado... por... ter... vindo.

Ambos se sentam nas cadeiras ali dispostas e Red volta para o banco de reservas da primeira base.

Com os ombros quase se tocando, Joe e Warren passam alguns instantes em silêncio, limitando-se apenas a olhar fixamente para a base de lançamento, cada um envolvido em um universo muito pessoal e impenetrável.

— Que belo campo você tem, Joe.

— Obrigado.

Não conseguimos ouvir nada de onde estamos. Red e Charlie, que estão sentados no banco de reservas — igualmente longe —, também não conseguem ouvi-los.

— Nossa, que longa estrada percorreram desde o Shea Stadium — comenta Clarence baixinho.

— Pois é... são muitos quilômetros e uma infinidade de anos. Obrigado por tudo.

— É mérito seu, Paul, não meu. Estou feliz por estar envolvido — o sonho de todo repórter. Quantos torcedores fanáticos não dariam a vida para estar aqui neste exato momento?

Balanço a cabeça.

— Só em Chicago, milhares e milhares.

— Lamento... pelo... câncer — diz Joe.

— Obrigado. Dei muito azar, Joe. Às vezes, a sorte sorri para nós, às vezes, não.

Joe faz que sim com a cabeça. Conhece o azar de perto. Um minuto se passa enquanto ficam ali sentados, o olhar fixo sabe-se lá onde, pensando no que dizer.

— Acho que deveríamos falar de beisebol, Joe. É por isso que estou aqui.

Joe ainda faz que sim com a cabeça.

— Está bem.

— Você ainda pensa naquela noite no Shea Stadium, Joe, na última vez em que nos vimos?

— Raramente... Não... lembro... direito...

— Que inveja. Eu me lembro de cada detalhe. Foi uma bolada intencional, Joe, que atirei na sua cabeça com toda força possível. Eu quis atingi-lo, derrubá-lo, pôr você em seu devido lugar e toda essa baboseira. Foi proposital, Joe. Eu me arrependo até hoje. Sinto muito. Desculpe. Foi uma crueldade, coisa de gente mesquinha, uma estupidez e acabou com uma carreira que tinha tudo para decolar. Pronto, falei. Perdão, Joe.

Joe não para de fazer que sim com a cabeça e finalmente diz:

— Tudo... bem., tudo... bem.

Warren está cheio de gás e desanda a falar:

— Tive a intenção de acertá-lo, Joe, mas eu não fazia ideia da merda que ia dar. Parece loucura. Você arremessa uma bola rápida na cabeça de um cara com a intenção de acertá-lo e ainda diz que não queria machucá-lo. Sei que é tolice. Por isso, acho que agi feito um babaca, um idiota.

— Tudo... bem... tudo... bem.

— Quando arremessei, sabia que a bola ia na direção do alvo. Eu sabia que ia bater em algum lugar acima do pescoço. Só que o arremesso foi perfeito e, por uma fração de segundo, você não se mexeu. Quando a bola bateu na sua cabeça, ouvi os ossos se partindo. Naquela noite, muita gente ouviu ossos se partindo. Foi assustador. Eu sabia que você tinha se machucado. Quando puseram você na maca, pensei que tinha morrido. Meu Deus, perdão, Joe.

— Tudo... bem... Warren.

Segue-se um longo intervalo na conversa, enquanto os dois olham para o vazio.

— Você se lembra da sua primeira oportunidade no bastão daquela noite? Do *home run*?

— Eu... me... lembro... de... cada... *home... run*.

Warren sorri. Típico de rebatedor.

— Houve uma hora em que você rebateu oito *fouls* seguidos. Nunca tinha visto uma tacada rápida desse jeito. Mandeí bola rápida, *slider*, curva, *changeups* e até uma *cutter*, e você lá, só esperando até o último segundo, e, de repente, dava uma tacada e só rebatia *fouls*. O *home run* que você fez foi dez centímetros fora do *plate*. Eu o enganei, mas você se recuperou e rebateu quase a mais de 120 metros. Foi quando resolvi acertar você. É que pensei: “Bem, se não posso tirá-lo de campo, vou derrubá-lo, intimidá-lo; é só um novato.”

— Faz... parte...

— Talvez. É raro o jogador que nunca levou uma bolada na cabeça, mas poucos são os que se machucam. Ray Chapman morreu depois de levar uma bolada em 1920. Mickey Cochrane nunca mais voltou a jogar depois de levar uma na cabeça. Tony Conigliaro tinha entrada certa no Hall da Fama, mas foi atingido no olho. Eu o acertei uma vez, sabia disso?

— Tony C.?

— É. Em 1965, eu arremessava para os Cleveland. Tony ocupou o *plate* todo cheio de si. Acertei-lhe o ombro, mas nunca fiquei mal por causa disso. Às vezes, é preciso acertar o cara, Joe, você sabe disso. Mas não se tenta machucar ninguém; não faz parte do jogo acertar a cabeça do cara. Ele tem família, carreira. Foi aí que errei.

— Você... acertou... muita... gente.

Warren deu um suspiro e ajeitou-se no banco. Já faz uma hora que tomou um analgésico, e o efeito está passando.

— É verdade. E me arrependo de muita coisa, Joe. Quando eu morrer, não vão dizer que fui um péssimo marido e um pai desnaturado. Não vão falar de minha carreira medíocre no beisebol. Vão falar é daquele arremesso. Fiz um milhão, mas vão falar da bolada que destruiu Joe Castle. O arremesso de que vou sempre me arrepender.

— Eu... também.

Os dois acham graça e dão uma discreta risada.

— Você tem todo o direito de me odiar, Joe. Eu lhe causei um baita prejuízo. Num piscar de olhos, sua carreira foi para o espaço e tudo por culpa minha. Agora, que estou no fim da vida, seria bom saber que você não me odeia. Seria pedir demais?

— Não... odeio... ninguém.

— Nem a mim? Qual é, Joe? Vai me dizer que durante estes trinta anos você nunca me desejou mal?

— Desejei... mas... depois... você... disse... que... foi... acidente... e... eu... quis... acreditar... em... você.

— Só que eu menti, Joe. Não foi acidente. Menti por trinta anos. Agora, estou dizendo a verdade. Você não me odeia por isso?

— Não... você... pediu... desculpas... eu... aceitei.

Warren coloca a mão direita sobre o ombro esquerdo de Joe e diz:

— Obrigado, Joe. Você é muito mais gente do que eu.

— Eu... ainda... estou... batendo... um bolão.

Warren solta uma gargalhada e Joe também.

Ao observar a cena, surpreendemo-nos com a capacidade de rir demonstrada pelos dois. A vida inteira soube que Warren Tracey não tem o menor senso de humor. Torna-se óbvio que Joe disse algo muito engraçado.

— Acho que estão se entendendo — observa Clarence.

— Acho que precisam se entender. Se começar uma briga, Warren não vai ter ninguém na retaguarda.

— Não estão a fim de briga. Charlie me disse ontem que admira muito seu pai por querer ver Joe.

— Por que hesitaram então?

— Por duas razões: tinham medo de que o encontro chateasse Joe e lhe trouxesse más lembranças. Temem também que esse breve encontro vaze e torne-se matéria de reportagem, mas garanti que isso não ia acontecer. Certo?

— Claro.

— Mas, me conta... que chantagem usou para convencer seu pai a vir?

— A chantagem não funcionou. Veio por vontade própria. Ele é duro na queda, mas a morte iminente o amoleceu. Está fazendo o balanço de uma vida torta e cheia de arrependimentos.

— Que fim de vida mais triste!

— Com certeza.

Joe olha para o banco de reservas da primeira base e diz:

— Charlie... Red.

Os irmãos se levantam e saem do banco de reservas.

Warren fica de pé, olha em nossa direção e acena com a mão para que desçamos.

Encontramo-nos em frente ao *home plate*. Cumprimento Joe Castle com um aperto de mãos. Usa um boné e óculos escuros de lentes grossas para cobrir o olho defeituoso. O cabelo está meio grisalho e em nada lembra o garoto que estampava as capas de revista trinta anos atrás. Mas convenhamos: quem mantém a mesma aparência depois de trinta anos?

Charlie e Red agem amistosamente, mas preferem observar a participar.

A meu pedido, Clarence trouxe uma câmera e explico aos Castle que gostaria de registrar o encontro.

— Vão ser publicadas? — indaga Red.

— Só se vocês autorizarem.

Apesar da desconfiança, os dois irmãos concordam.

Para minha surpresa, Clarence também trouxe algo. De um pequeno saco plástico enfiado no casaco, ele retira dois bonés de beisebol — um dos Cubs e outro dos Mets. Entrega-os a Joe e a Warren e diz:

— Acho que seria legal se pusessem isso para tirar uma foto.

Joe e Warren olham para os bonés e franzem o cenho. Hesitam, como se os objetos trouxessem à tona muitas lembranças.

— Foi só uma ideia — diz Clarence, recuando, imaginando ter estragado o encontro.

Joe está usando um boné com a propaganda de uma loja de ração. Nesse instante, ele aperta o boné dos Cubs que acaba de receber e troca um pelo outro. Como todo jogador, Joe maneja o boné de

maneira a ajustá-lo perfeitamente na cabeça. Warren tira o boné de golfe, revelando uma cabeça lisa feito um ovo, completamente calva, e, por um instante, recuamos, frente às evidências dos horrores da quimioterapia. Sinal de que lhe resta muito pouco tempo de vida.

Ambos põem os bonés e então damos um passo para trás enquanto Clarence registra o momento. Os dois jogadores de pé, sorrindo, com Joe apoiando-se na bengala. Clarence então surge com uma ideia mais interessante. Sugere que nos desloquemos para o centro direito de forma a usar o placar do Joe Castle Field como fundo. Depois de algumas fotos de Joe e Warren, eu me enfio no enquadramento e fico entre meu pai e meu velho herói, todos sorrindo.

Usarei a foto oito por dez para finalizar meu álbum de Joe Castle.

Chega o momento então em que não há mais nada a fazer. Os dois se encontraram, disseram o que tinham de dizer e posaram para fotos. Nós nos despedimos e deixamos o campo.

No caminho de volta à Main Street, Clarence diz que Fay ficaria feliz em nos receber para um almoço na varanda. Olho para Warren no banco traseiro. Ele faz que não com a cabeça. Sem querer magoar Fay ou Clarence, respondo:

— Adorariíamos, mas precisamos pegar a estrada. O voo de Warren sai às quatro da tarde.

Não lamento a recusa, pois já passei tempo demais em Calico Rock. E, hospitaleiros que são, os Rook adorariam passar a tarde inteira na varanda, contando e ouvindo histórias e tirando fotos. E depois, os gins de limão.

— Não faz mal — diz Clarence.

Ele estaciona, saltamos do carro e paramos próximos ao para-choque traseiro. Agradeço mais uma vez. Ele então deseja tudo de bom a Warren. Prometo ligar para lhe dar notícias.

Não muito longe de Calico Rock, Warren, após um tempo em silêncio, pede que eu pare o carro. Passa para o banco traseiro e adormece. A viagem e o encontro com Joe o deixaram exausto. Finalmente chegou ao seu limite.

Na cabeça, ainda traz o boné dos Mets.

22

Os serviços de meteorologia indicam que de Santa Fé, passando por Little Rock até a Flórida, o tempo está ótimo. Mesmo assim, nossos voos estão atrasados. Warren está rapidamente perdendo as forças e quero pô-lo no voo de volta para Agnes antes que surja uma emergência com a qual não quero lidar. Os atrasos lotaram o aeroporto de Little Rock, e assim ocupamo-nos das atividades prosaicas típicas de todo passageiro aguardando um voo.

Durante a tarde inteira, quando Warren estava desperto e disposto a conversar, falamos sobre banalidades. Ele não tocou no nome de Joe. Sei que tantos anos de distância me impossibilitam de avaliar seus pensamentos e mudanças de humor, mas está claro que sua atitude já dá sinais de mudança. Estou certo de que a questão da morte povoa-lhe os pensamentos, o que seria natural com qualquer ser humano em suas condições. Certamente o que não lhe falta são arrependimentos, mas nenhum de nós deseja tocar no assunto. Não há condições de Warren começar agora, nos últimos instantes para terminar a partida, a consertar toda a nossa história conturbada com simples pedidos de desculpas, fato que nós dois perfeitamente compreendemos. Não tenho certeza de que ele queira tentar, mas estou certo de que não quero ouvir. Seu apetite é oscilante e quando ele anuncia “estou com fome”, arrumamos uma mesinha em um bar lotado do aeroporto. Quando a garçonete pergunta se ele quer beber alguma coisa, Warren sorri e responde:

— Quero, sim. Uma caneca enorme de chope.

Peço o mesmo e, depois que a moça se afasta, ele diz:

— Há dez anos não toco numa gota de álcool. Só me restam dois meses mesmo, ora bolas! Por que não?

— Por que não?

— Acho que dão importância demais a essa história de sobriedade, Paul — comenta sorrindo. — Eu era muito mais feliz quando bebia.

Não consigo rir do comentário, pois lembro-me das surras que ele dava em minha mãe quando estava bêbado.

— Não tenho como saber — respondo.

O bar tem três televisões imensas, todas ligadas no jogo dos Yankees contra os Marlins pela World Series. O chope é servido, brindamos, dizemos “saúde” e bebemos. Warren saboreia a bebida como se estivesse morrendo de sede. Estala os lábios e diz:

— Ai, que saudade desse troço!

Pedimos sanduíches e assistimos ao jogo. Não demora muito e ele começa a criticar:

— Olha só pra esses caras! Todos gordos, principalmente os *pitchers*.

Um minuto depois:

— Agora veja só! O cara ganha milhões ao ano, participa da World Series e não consegue bater uma bola alta.

Mais uma vez, estou boquiaberto com o absurdo da situação em que me encontro: tomando cerveja e assistindo a um jogo de beisebol com meu pai — pela primeira vez na vida! E isso só porque ele está morrendo.

A comida chega e desviamos a atenção do jogo. Ele ainda faz alguns comentários pejorativos, do tipo “esses jogadores de beisebol modernos, não sei não”. É quando percebo que Warren não é exatamente um torcedor.

— Planeja escrever outra matéria? Algo sobre esta nossa viagem? — pergunta enquanto morde o sanduíche de peru.

— Não.

— Acho que deveria. Acho que deveria pegar a primeira parte que já escreveu, adicionar o segundo capítulo e publicar tudo. E faça antes que eu morra. Não me importo. Você quer que o mundo saiba a verdade. E eu também. Publique.

— Não foi isso que acordamos, Warren.

— Não dou a mínima para acordos. Até que gosto da ideia de as pessoas saberem que me encontrei com Joe Castle e que depois de todos esses anos pedi desculpas. Não fiz isso muitas vezes na vida.

— Quanto a isso não me resta dúvida.

— Publique. Não me importo.

— Eu não poderia fazer isso sem a aprovação dos Castle. Você viu como protegem Joe.

— Então consiga a aprovação deles, ora essa. Ponha a história no papel e mostre a eles. Tenho certeza de que vai convencê-los.

— Vamos conversar sobre o assunto.

A ideia é instigante. Pedimos mais uma rodada de chope e terminamos de comer. Um cara passa por nós e diz “Esses Mets não estão com nada!”, e continua andando. Percebemos que ele se refere ao boné e soltamos uma risada.

Depois de vários atrasos em sequência, finalmente anunciam o voo de Warren, quase 21 horas. Seu portão de embarque é próximo ao meu, de forma que caminhamos os dois lentamente pelo corredor. Já estão embarcando, quando chegamos. Ele dá um suspiro profundo e me fita nos olhos.

— Olhe, obrigado por ter feito isso. Foi muito importante para mim e para Joe também. Foi um baita peso que tirei das costas.

— É o que se chama de poder restaurador do perdão.

— Falou o sabe-tudo!

— É, parece que sou um sabe-tudo mesmo.

— É verdade, Paul. Você é muito mais inteligente do que eu, pois tem pela frente uma vida com poucas razões de arrependimento. Quanto a mim, vou levar para o túmulo uma lista enorme de coisas que eu gostaria de ter feito diferente. Não é a maneira mais agradável de partir.

— Agora é tarde para consertar, Warren.

Ele estende a mão e trocamos um aperto.

— Você tem razão, Paul, mas me arrependo de muita coisa. Não

sei como reagir. Não dá para ser superficial e dizer

“Ah, tudo bem, Warren, o que passou, passou”. Trocamos mais um aperto de mãos. Fica evidente que ele quer um ligeiro abraço. Eu não.

Ele se vira e parte sem olhar para trás.

23

Dia sim, dia não, Agnes liga para nos manter informados sobre o estágio terminal de Warren. Já não se alimenta mais; os órgãos vitais já enfrentam a falência; está internado; volta para casa; foi transferido para um hospital de doentes terminais. Warren se comporta como o Warren dos velhos tempos: incapaz de atender aos telefonemas, sem vontade de falar. Sara sempre me pergunta se não quero ir vê-lo.

Não. Já fiz isso.

Às vezes, converso com Jill. É a família Tracey em sua mais perfeita tradução: Warren fala com Agnes, que me liga, e eu ligo para minha irmã. Jill não quer falar com ele, não quer vê-lo ou comparecer ao funeral quando ele se for.

Ele resiste, e os telefonemas de Agnes se tornam monótonos. Olho o calendário. O Dia de Ação de Graças está chegando, e espero que Warren não estrague nossos planos.

Não estraga: morre no dia 10 de novembro, aos 65 anos de idade, sozinho, em um hospital para doentes terminais. Agnes avisa que o funeral será na sexta da semana seguinte. Eu e Sara temos uma áspera discussão sobre se ela deve ou não ir comigo ao funeral. Inflexível, digo que ela não vai. Sara sente uma estranha obrigação de prestar homenagem a um homem que ela mal conheceu, um homem que não compareceu ao nosso casamento e que sequer nos parabenizou pelo nascimento de nossas três filhas. Não há uma família com quem compartilhar luto algum. Não vamos nos reunir depois do funeral.

Não faz sentido Sara ir. Além disso, não estou a fim de gastar mais 500 dólares em passagem aérea. Quando a discussão termina, ela relutantemente cede.

Muita gente morre na Flórida. A maioria é composta por aposentados que não são originalmente dali. Por isso, os serviços funerários são eficientes e dinâmicos. As cerimônias são simples, curtas e até mesmo impessoais.

Warren queria ser cremado, e seu desejo é atendido. O funeral ocorre em uma capela sem janelas em um mausoléu não muito longe de sua casa. Sozinho, chego bem a tempo, quinze minutos antes do funeral, e vejo Agnes sentada no compartimento reservado à família. Que família! Resume-se a Agnes, sua filha Lydia — até então desconhecida para mim — e eu. Vai entender. Como pode haver tão poucas pessoas no funeral de um sujeito que se casou cinco vezes?

Sentamos e conversamos. O tempo parece simplesmente parar. Mais uma vez, Agnes me pergunta se quero me pronunciar, dizer algumas palavras. De novo, recuso e dou a desculpa de que talvez não consiga segurar a emoção e de que não quero passar por nenhum constrangimento. Emoções à parte, qualquer pensamento ou história calorosa ou emocionada que eu pudesse adicionar, a esta altura do campeonato, seria mera invenção.

Lydia, que me olha desconfiada, resolve agir:

— Sabe, Paul, já lemos o último testamento de Warren.

Levanto as mãos e respondo:

— Não estou nem aí para o que está escrito nele. Não quero nada. Não vou aceitar nada. Se meu nome foi mencionado, eu me recuso a levar qualquer coisa.

— Ele deixou 10 mil dólares para você e 10 mil dólares para Jill — diz Agnes.

Acho de péssimo gosto fazer a divisão de bens durante o funeral, mas deixo passar.

— Não posso falar por Jill, mas eu não quero nada. Ele nunca me deu um centavo, nem quando eu estava na escola, nem na faculdade ou quando precisava de um dinheirinho extra. Não vai ser agora que vou levar o dinheiro dele.

— Bem, isso é entre você e os advogados — responde Lydia, dando-me a impressão de que ela tem experiência com advogados.

— Creio que sim.

— Deixou também 25 mil dólares para um campo de beisebol

em Calico Rock, no Arkansas.

Ouvir aquilo me provocou um sorriso. Então, digo:

— Muito bom!

Ponto para Warren!

Não vou perguntar o tamanho do patrimônio, pois além de não ser o momento oportuno, a verdade é que pouco me importa. Vou acabar descobrindo mesmo durante a homologação do testamento.

Vamos para a capela ao lado. Há cerca de vinte idosos perto do banco da frente, sussurrando, aguardando, todos de bom humor, ao que parece. O modelito de todos é o casual típico dos mais velhos que residem na Flórida — só sandálias e nada de paletó ou gravata. Procuro não me apresentar a essas pessoas. Jamais voltarei a vê-las e recuso-me a compartilhar histórias, falando sobre o grande homem que foi meu pai. Devem ser vizinhos, companheiros de golfe ou amigos de Agnes. Acho também que nenhum deles jogou beisebol profissional e dividiu armário com Warren Tracey. Certamente não há nenhum dos jogadores dos Mets de 1973 aqui.

A capela tem paredes de pedra escura e parece mais um calabouço. Vinda de um órgão, a música ao fundo é apropriadamente fúnebre. Um homem de terno pede que sentemos. Felizmente, não há nenhum banco reservado à família. Afasto-me em direção ao fundo da capela. Agnes ainda não chorou e desconfio de que não seja a única a assistir à cerimônia sem derramar uma lágrima. Amigos e família sentam-se e deixam-se envolver pela música funesta.

Não sei o que estou fazendo aqui. Warren se foi e, caso pudesse comparecer ao evento, pouco se importaria se eu viesse ou faltasse. A própria tradição de prestarem-se últimas homenagens é ridícula. O defunto pouco se importa! Fica ali, dentro de um caixão ou, no caso de Warren, em uma pequena urna azul perto do tablado.

O que foi que o Yogi Berra disse? “Se quiser que compareçam ao seu funeral, não falte ao dos outros.”

Surge um cara de túnica preta, provavelmente um tipo genérico fornecido por algum “disque-padre”, pois Warren Tracey jamais se aproximou de uma igreja. Talvez Agnes faça parte de alguma congregação. O religioso conversa com ela, conforta-a, sobe no tablado, abre os braços como Charlton Heston em *Os Dez Mandamentos* e diz “Bem-vindos”.

A porta dos fundos abre-se lentamente e chama a minha atenção. Três homens entram na capela: Red Castle, seguido de Joe, que manca com o auxílio da bengala, e, por último, Charlie. Discreta e silenciosamente, encaminham-se para o último banco. Os três estão de blazer marinho e camisa branca, de longe os mais bem-vestidos no local.

Por um instante, fico chocado, mas a surpresa logo se desvanece. Que gesto nobre e elegante!

Instintivamente, levanto e me encaminho até onde estão sentados. Entro discretamente pela fileira da frente e sussurro para Red:

— Obrigado por terem vindo.

Os três fazem que sim com a cabeça.

— O que estão fazendo aqui? — indago.

Charlie aponta para Joe e responde:

— Joe queria fazer uma viagem.

— Sejam bem-vindos — diz o padre em voz alta na nossa direção.

Olho para ele e tenho a sensação de que está prestes a nos punir com a palmatória por falar durante o sermão. Permaneço onde estou, com os Castle, enquanto suportamos um ritual sem sentido que se arrasta dolorosamente por trinta minutos. O ponto alto é um discurso feito por Marv, um cara, obviamente, do clube de golfe. Marv conta uma história ridícula sobre uma partida de golfe com Warren. Warren dirigia o carrinho. Sua bola estava dentro d'água. Ele se aproximou demais da beira do lago, virou o carro, Marv quase se afogou, e Warren saiu sequinho.

Rimos só por educação. Marv não é lá um grande orador, e tenho a impressão de que sobrou para ele realizar a tarefa inglória. Dá até para imaginar esses bodes velhos sentados em volta da churrasqueira, jogando cartas e discutindo quem vai discursar no funeral de quem. “Tudo bem, Marv, você discursa no do Warren, eu vou discursar no seu, e Fred, no meu.”

Com dignidade, o padre cumpre o dever de encher linguiça. Lê trechos da Bíblia, concentrando-se essencialmente no Livro dos Salmos. Chega ao ápice do amor, da bondade, do perdão, da salvação de Deus e fica claro que seja lá qual for a religião de Agnes, ela não é

católica, judia ou muçulmana.

O religioso nunca menciona o fato de que Warren foi jogador profissional de beisebol. Diminuindo o ritmo, informa que Warren vai ser enterrado no final do corredor, na gaveta D do Terceiro Pavilhão, mas que será uma cerimônia restrita à família.

Resolvo não ir. Não tenho a menor vontade de ver o buraco na parede onde as cinzas de Warren passarão a eternidade. Agnes pode lidar com isso sozinha. É a única pessoa que talvez venha aqui uma vez por mês nos próximos três meses, tocar o nome dele gravado na lápide e tentar evocar alguma emoção. Sei que jamais voltarei aqui.

Além disso, quero falar com Joe.

24

Passamos os minutos seguintes na Sala de Meditação, que parece ainda mais um calabouço do que a capela e, pelo visto, nunca é usada. Fazemos um círculo com as cadeiras e nos sentamos.

— Estou muito comovido por vocês terem vindo de tão longe — começo, ao que Red responde:

— Joe não vem à Flórida desde o treino da primavera de 1973. Ele queria viajar, e então, aqui estamos.

Lembro-me de que os três jogaram pela Minor League e, como a maioria dos talentos promissores, chegavam ao campo a cada primavera como os veteranos. Subindo e descendo na tabela da Minor League e cruzando o país de ônibus, conheceram muito mais lugares aqui do que eu.

— Obrigado por terem vindo.

— Nós é que agradecemos por você ter levado seu pai a Calico Rock. Foi mais importante para Joe do que você pode imaginar — diz Charlie.

Joe sorri, faz que sim com a cabeça e parece feliz pelos irmãos estarem falando por ele.

— Foi muito importante mesmo — acrescenta Red.

— Meus... sentimentos... pelo... seu... pai.

Obrigado, Joe. Ele ainda usa os óculos escuros para esconder o olho defeituoso, mas, um pouco acima deles, vê-se uma discreta depressão no canto da testa. Diziam que, no caminho para o hospital, ele sofreu três paradas respiratórias.

— Joe trouxe uma coisa pra você — anuncia Red.

Joe enfia a mão saudável no bolso interno do blazer e retira um envelope. Embora faça trinta anos que não a vejo, reconheço imediatamente. É a carta que deixei no Mural Joe Castle no Mount Sinai Hospital em setembro de 1973. Joe a passa para mim com um sorriso largo no rosto.

— Pegue... quero... que... fique... com... isto.

Lentamente, abro o envelope e retiro a carta. Ocupo-me então de toda a angústia que um garoto de 11 anos cuidadosamente registrou: “Querido Joe. Sou Paul Tracey, filho de Warren. Sinto muito pelo que meu pai fez.” À medida que leio, sou invadido pelas emoções que me acometeram de forma tão profunda no verão e no outono daquele ano. Por seis semanas, meu mundo se resumiu a Joe. Ele não me saía da cabeça. Lia tudo o que encontrava sobre ele. Assisti a todos os jogos e acompanhei de perto suas estatísticas. Cheguei até a sonhar em jogar na mesma equipe que Joe — ele só era dez anos mais velho. Se eu começasse aos 20, ele ainda estaria em plena forma física. Poderíamos ser colegas de equipe.

Então ele sofreu a lesão, parou de jogar e adeus carreira.

Com os olhos marejados, termino de ler a carta. Entretanto, estou determinado a me recompor.

— Obrigado, Joe.

Os Cubs prestaram um grande serviço, recolhendo as coisas de Joe, inclusive várias caixas cheias de cartas e presentes deixadas no hospital. Alguns meses depois de Joe ter alta, enviaram pelo correio e, desde então, fica tudo guardado no sótão da casa da mamãe.

Charlie então acrescenta:

— Só do hospital, foram seis mil cartas, mais de trinta mil no total. Alguns anos depois, Joe relia as cartas e encontrou a sua. Colocou-a num lugar especial.

— E... muito... especial.

— Obrigado, Joe.

Sinto novamente um nó na garganta.

Após um longo silêncio, Red muda de assunto:

— O Sr. Rook, lá do jornal, contou que você está escrevendo sobre o episódio envolvendo Joe e seu pai. É verdade?

— Mais ou menos. Escrevi uma história, mas não se preocupe. Não vou publicar.

— Por que não? Por que não escreve sobre a ida do seu pai a Calico Rock, do encontro com Joe para contar o que realmente aconteceu? Poderia inclusive publicar a foto de Joe e Warren com os bonés das equipes.

— Gosto... da... ideia — concorda Joe sorrindo.

Charlie continua:

— É claro que gostaríamos de dar uma olhada primeiro, por uma questão de segurança, mas estivemos pensando e achamos que há muito torcedor por aí que ia gostar da história. Sabe, Joe ainda recebe cartas.

Não sei o que dizer. Warren queria que eu terminasse a história e a publicasse. Agora, Joe também quer.

— Preciso de um tempo para pensar.

— Seria um livro? — indaga Red.

— Não creio. Talvez uma longa matéria numa revista.

— Bem, seja lá o que for, gostamos da ideia.

— Está bem. Vou pensar no assunto.

— Sr. Rook também gosta da ideia — acrescenta Charlie.

Clarence e eu discutimos o assunto por duas vezes. Tenho a impressão de que ele mesmo quer escrever a história, mas não tem coragem de me dizer isso.

Conversamos por alguns minutos. Querem saber sobre mim e minha família, sobre minha mãe e minha irmã e o que houve conosco depois que Warren nos deixou. Quando digo que me formei pela Universidade de Oklahoma, a reprovação é imediata. São torcedores fanáticos dos Razorback e é claro que o time deles é superior. Batemos um papo animado sobre futebol, assunto principal de boa parte das conversas durante o mês de novembro.

De repente, chegam algumas pessoas à Sala de Meditação e precisamos sair. Não há mais nenhum sinal de Agnes, de Marv, do padre ou de alguém que tenha ido se despedir de Warren. Então, saímos do mausoléu. Os irmãos estão indo para Key West, para

curtirem uma temporada de pesca submarina, algo que Joe quer fazer há anos.

No estacionamento, nós nos despedimos com um aperto de mãos. Eu os observo entrar na velha picape de cabine estendida e com um adesivo de para-choque dos Razorback. Aceno quando se afastam.

Duas horas depois, estou no voo de volta para casa. Leio mais uma vez a minha carta e sinto a dor de um menino que sofre. Eu aguardo, abro o laptop e começo a escrever a história de Calico Joe.

NOTA DO AUTOR

Adicionar pessoas, lugares e histórias reais à ficção é uma tarefa capciosa. Este livro é sobre os Cubs e os Mets e a temporada de 1973, mas, por favor, torcedores fanáticos, não esperem fidelidade. Mudei completamente as tabelas, escalações de times, rotações, recordes, ordens de rebatidas, além de criar jogadores fictícios para se misturarem aos verídicos. Por se tratar de um romance, qualquer equívoco deve ser considerado como elemento ficcional.

Permitam-me expressar meus agradecimentos a algumas pessoas. Don Kessinger, um velho companheiro dos tempos de Oxford. Ele leu o primeiro esboço de *Calico Joe* e identificou alguns aspectos que careciam de mais pesquisa. Foi *shortstop* dos Cubs de 1964 até 1975 e é respeitado por todo cronista da liga profissional. Mais tarde, dirigiu os White Sox e em 1979 foi substituído por Tony LaRussa, que encerrou a carreira nos Cubs em 1973 (antes da chegada de Joe Castle) e que por pouco tempo jogou com a camisa 42 (o primeiro número de Joe). Um dos assuntos preferidos de Tony à mesa é o “código” do beisebol e, mais especificamente, os detalhes e as manhas para proteger os companheiros de equipe, retaliação e as complicações de “se arremessar por dentro”.

Agradeço também a David Gernert, Alan Swanson, Talmage Boston, Michael Harvey, Bill MacIwaine, Gail Robinson e Erik Allen.

— John Grisham

1º de dezembro de 2011

Posfácio para o leitor brasileiro

UM JOGO TÃO SIMPLES, GENTE!

Durante um demorado almoço editorial em Londres, percebi que meus amigos ingleses, apesar de gostarem da história contada em *Calico Joe* e de compreenderem grande parte da trama, não sabiam nada de beisebol e ficaram perdidos com a terminologia. Com toda a educação, pediram-me para explicar alguns termos como *drag bunt*, *pickoff*, base roubada, bola curva, *switch-hitter* e *grand slam* — aspectos do jogo que a meninada nos Estados Unidos, em sua maioria, já aprendeu aos 10 anos de idade. Fui me enrolando nas explicações, apavorado com a possibilidade de alguém me perguntar sobre *balk*, *bullpen* ou, o pior de tudo, sobre a regra da bola aérea dentro do campo.

Alguém então comentou que seria muito útil se fosse escrito um posfácio para o livro, uma espécie de resumo do jogo, com definições dos termos e jargões tão específicos do esporte. À medida que o almoço avançou, sugeriu-se que este texto deveria ser escrito por mim. Tarimbado que sou, categoricamente rejeitei a ideia.

O livro contendo as regras do beisebol tem 15 centímetros de espessura, um verdadeiro campo minado, cheio de frases e termos confusos. Certa vez, li um extenso artigo de natureza jurídica que debatia se era justa ou injusta a tal regra da bola aérea supracitada. Todo fã de beisebol é especialista em regras, e algumas das brigas mais feias que já testemunhei foram geradas pelo desacordo em relação a certas regras vagas e obtusas. Por que diabos eu deveria arriscar, por livre e espontânea vontade, a cair nessa armadilha?

Mas os ingleses não desistem fácil, e não demoraram muito a questionar minha masculinidade. Como poderia um escritor, que afirmava conhecer tão bem o esporte, e que já tinha escrito tanta coisa, se esquivar de um simples resumo de cinco páginas contendo as regras básicas do jogo? Talvez até dez páginas, vai! Eu, porém, não estava a fim de ceder, consciente da dificuldade e do perigo impostos pela tarefa. Durante a sobremesa, todos os presentes concordaram que tal exercício favoreceria imensamente as vendas tanto na Inglaterra quanto em outros países. Foi quando acabei dando o braço a torcer. Afinal de contas, eu sou humano.

Eis então meu esforço em oferecer um panorama geral de meu esporte preferido. Muitas vezes essa façanha já foi empreendida; outros escritores muito mais talentosos fracassaram ao tentar passar de forma clara e sucinta seus vastos conhecimentos sobre beisebol. Caso eu também fracasse, terei plena consciência de não ser o primeiro, tampouco o último. Aqui vai:

Suponha que você seja um jogador de beisebol, um dos nove *starters* em uma equipe de 25 jogadores. Devidamente uniformizado, você está pronto para começar a partida. Está jogando pela equipe visitante contra a equipe da casa, e é o primeiro rebatedor (posição ofensiva). Você sai do banco de reservas, também chamado de *dugout*, e dirige-se ao *home plate* (base principal), também conhecido como *home base* ou, às vezes, como simplesmente *home* — uma placa de borracha dura, bem branca, com 5 lados, mas basicamente um quadrado de 43 centímetros, fixado ao chão de maneira a ficar no mesmo nível da superfície de jogo. Para os fins desta discussão, você decide parar no *home plate* e pedir tempo. As partidas são jogadas sem a utilização de um relógio marcador, mas os jogadores e treinadores têm o direito de pedir tempo para interromper a ação. Em um jogo real você não faria isso, mas continue seguindo meu raciocínio.

Enquanto está parado lá no *home plate* segurando seu bastão (um aparato produzido com muito cuidado, feito em madeira de bordo ou nogueira, com, no máximo, 107 centímetros de comprimento e espessura máxima de 6 centímetros), você olha para o campo. Quarenta e cinco graus à direita e a 27 metros de distância, encontra-se a primeira base (uma base de lona quadrada com 38 centímetros, branca e com espessura entre 7 e 12 centímetros). Quarenta e cinco graus à esquerda e a 27 metros de distância, encontra-se a terceira base. A segunda base está à sua frente, a 39 metros. As quatro bases — *home*, primeira, segunda e terceira — formam um quadrado perfeito (ou “diamante”), e é o que compõe o *infield* ou campo interno. Mais adiante, está o *outfield*, ou campo externo, uma extensão de grama verde que termina no muro delimitador do campo. A área que se estende a partir da segunda base é chamada de *center field* ou campo central. A área depois da primeira base chama-se *right field* ou campo direito. A área que vai além da terceira base é o *left field* ou campo esquerdo. Embora as medidas do campo interno, ou *infield*, sejam precisas e inflexíveis, as distâncias do *home plate* ao muro do campo externo, ou *outfield*, variam de campo para campo, mas, em geral, ficam sempre entre 99 e 121 metros.

Uma *foul line* (linha delimitadora de jogo), geralmente marcada por cal branca, percorre desde o *home plate*, passando pelas

extremidades da primeira base, cortando tudo até o muro do lado direito do *outfield*, e culmina em um *foul pole* (poste de rebatida) — um poste alto e amarelo. A linha de jogo e o poste de rebatida separam o território de falta do território de jogo. Uma *foul line* idêntica corre do *home plate*, passa pela terceira base e vai parar no muro do lado esquerdo do *outfield*.

Quando uma bola rebatida atinge a *foul line* ou o *foul pole*, esta é considerada *fair ball* (bola dentro do campo). Não me pergunte por quê.

Ao observar todo o campo e contemplar sua primeira *at-bat* (oportunidade ao bastão) — uma apresentação no *home plate* —, é inevitável que você perceba os membros do time defensivo. Há o primeira-base, o segunda-base, o terceira-base, o *right fielder*, o *center fielder* e o *left fielder*. A única esquisitice é o *shortstop* (ou interbase — geralmente o *infielder* defensor interno mais habilidoso, que se posiciona entre as segunda e terceira bases). Há ainda um *pitcher*, ou arremessador, mas sobre ele falaremos logo adiante.

O nono membro da defesa está atrás de você, o *catcher* ou receptor, sempre um cara durão que usa uma máscara grossa e toda sorte de proteção. Atrás dele fica o juiz, o árbitro geral, que também usa uma máscara grossa, caneleiras, protetor no peito e talvez outras partes acolchoadas. No *infield*, há outros três árbitros: na primeira base, na segunda base e na terceira base, mas esses vestem roupas mais bonitas, sem nada acolchoado.

Na metade do caminho entre o *home plate* e a segunda base, e bem à sua frente, há um montinho de terra, cuidadosamente organizado, que se eleva a 26 centímetros do chão. É a base de lançamento, cruzada por uma listra de borracha branca, com 15 centímetros de largura e 60 centímetros de comprimento. Esta borracha é conhecida como *pitcher's plate*, ou placa do arremessador, mais comumente chamada de *rubber*. A base é domínio do jogador defensivo mais importante do jogo; de fato, o jogador mais importante em todo o campo — o arremessador, ou *pitcher*. O *pitcher* tem como objetivo arremessar as bolas em direção ao *home plate* para que sejam apanhadas pelo *catcher*, ou receptor, sem que você, *batter* ou o rebatedor, as rebata.

Em algum ponto, o árbitro geral grita “*Vlay bali!*”, e você precisa se posicionar na *batter's box* (um retângulo traçado a cal, de 1,22m por 1,83m de comprimento). Há duas *batter's boxes*, uma em cada lado do *home plate*. Uma é para os rebatedores destros e a outra, para canhotos. Alguns jogadores são *switch-hitters* (rebatedores

ambidestros), ou seja, conseguem rebater de qualquer lado do *home plate*. Eles escolhem.

Como a maioria dos rebatedores são destros, digamos que você também o seja e se posicione na *batter's box*. Atrás de você, o receptor se agacha e prepara-se para agarrar a bola lançada pelo arremessador ou *pitcher*. Atrás dele, o árbitro geral também se prepara para o arremesso. Seu objetivo como rebatedor é o de avançar do *home plate* para a primeira base, em seguida a segunda base, passar pela terceira e retornar ao *home plate*. Caso consiga, sua equipe faz um *run* (corrida). O placar é baseado em *runs*.

Seu temido oponente neste breve duelo é o *pitcher*, cujo objetivo é completamente diferente do seu. Ele não tem a menor intenção de permitir que você alcance a primeira base e, com muita frequência, ele terá vantagens sobre isso. Ele para com um dos pés no *rubber*, e então dá início ao seu *windup*, um rápido ritual pré-lançamento que envolve uma série de movimentos corporais exagerados, com direito a balançar as pernas, chutar e agitar os braços, tudo isso com dois propósitos: (1) pegar o embalo para arremessar a bola com força para o *home plate* e (2) confundir você e disfarçar o ângulo pelo qual ele vai lançar. Cada *wind-up* é diferente, e os *pitchers* já desenvolveram toda sorte de movimentos possível para desequilibrar os rebatedores.

O alvo do *pitcher* fica na *zona de strike* (bom lançamento), uma área definida. Segundo o livro de regras, a *zona de strike* é:

“Uma área retangular acima do *home plate*, cujo limite superior é uma linha horizontal no ponto mediano entre os ombros e o cós da calça, e o nível mais baixo é uma linha sob a rótula do joelho. A *zona de strike* deve ser determinada a partir do posicionamento do rebatedor, quando este se encontra preparado para rebater.”

A parte mais simples é “... aquela área depois do *home plate*...” por ser fixa. A parte que menciona os ombros do rebatedor, calça, joelhos e posicionamento é simplesmente impossível de se definir. Uma vez que dois jogadores são sempre muito diferentes entre si, a *zona de strike*, tecnicamente, muda a cada rebatedor.

A *zona de strike* é o aspecto mais controverso do beisebol. Cada árbitro tem uma versão um pouco diferente e, quase sempre, durante o curso de uma partida de duas horas, com 300 lançamentos sendo feitos, a *zona de strike* de um árbitro pode mudar um pouco. Isso geralmente implica frustração, tanto para os *pitchers* quanto para os rebatedores.

Um arremesso que é agarrado pelo receptor após passar pela *zona de strike* é chamado, pelo árbitro geral, de *strike*. Três *strikes* e você está fora. Um arremesso que é agarrado pelo receptor e fora da *zona de strike* é chamado de *bali*. Quatro *balls* e você ganha um *walk*, que significa que você avança até a primeira base com um “passe livre”. Caso você, o rebatedor, não acerte a bola, é também um *strike*, não importando se o arremesso foi na *zona de strike*.

Muitas vezes você acerta a bola com o bastão, mas não em cheio, de forma que a bola ou quica ou sai voando para o *território de foul*. Esta é uma bola *foul*. Durante cada oportunidade no bastão, suas duas primeiras *fouls* são chamadas de *strikes*. Depois disso, você pode bater tantos *fouls* quanto quiser, sem ser penalizado. Os bons rebatedores atacam bons arremessos — aqueles lançados na *zona de strike*, e não atacam arremessos fora da *zona de strike*. Os rebatedores realmente bons deliberadamente batem *fouls* que não lhes agradam e esperam algo mais atraente.

Vamos então passar por uma sequência de arremessos, um *at-bat* simulado. O primeiro arremesso é uma bola rápida — *fastball* (o arremesso mais comum e que geralmente percorre uma linha reta com grande velocidade), que fica alguns centímetros “para fora”, próximo ao *home plate* para o lado direito. O árbitro grita: “Bola um!” A contagem marca 1 a 0, uma bola e nenhum *strike*. Isso deixa-o feliz, pois você está (temporariamente) “na frente”, uma pequena vantagem que, entretanto, provavelmente não durará muito tempo. O receptor joga a bola de volta para o arremessador, que rapidamente se prepara para o próximo arremesso. Ele chacoalha uma perna, inicia seu *ivind-up* e faz o segundo arremesso, uma bola curva (um arremesso lento e curvo que engana o rebatedor), na altura do peito e fora da *zona de strike*. “Bola dois!”, declara o árbitro.

Um arremessador possui muitas armas em seu arsenal, sendo a bola rápida e a bola curva as mais comuns. Ainda há o arremesso *slider* (curva rápida), o *changeup* (mudança de velocidade), o *knuckleball* (bola sem rotação), o *screwball* (bola de efeito) o *cutter* (cortada) e mais tantos outros, mas nem todo *pitcher* consegue realizar todos esses arremessos. A maioria dos *pitchers*, entretanto, consegue arremessar com precisão e velocidade impressionantes, e a história do beisebol está repleta de esforços para desenvolver outras maneiras de arremessar a bola, tudo para, no fim, frustrar e humilhar o rebatedor.

Como eu era um rebatedor fraco, tenho certa bronca dos arremessadores. Sempre os acho intimidantes, cruéis, até mesmo sádicos. E, aos 19 anos de idade, quando vi uma bola rápida

rodopiando enfurecidamente na direção de minha cabeça, a 150 quilômetros por hora, prontamente abandonei o esporte, o que não envolveu nenhum tipo de tristeza.

De qualquer forma, já que eu não arremessava, não tenho cabedal para discutir os pontos mais detalhados dos diversos arremessos. Digamos apenas que a bola raramente viaja em uma linha reta desde a mão do arremessador até a luva do receptor. Pelo contrário, é mais provável que a bola agite-se, rodopie e caia de forma tal que apavoraria o espectador mediano caso ele estivesse, por algum motivo, parado no *home plate*.

A contagem está em 2 a 0 (novamente, duas bolas e nenhum *strike*), e você — o rebatedor — tem a supremacia neste *at-bat*. A essa altura, o *pitcher* está sob pressão para arremessar algo na *zona de strike*, onde você planeja mandar o bastão na bola com toda a força. Ele arremessa na *zona de strike* e você manda ver no bastão — uma bola rápida na metade inferior da *zona de strike*, e você rebate com força. Entretanto, seu entusiasmo é tamanho que acaba não atingindo a bola em cheio, de forma que a bola vai parar no território de *foul*, atingindo a arquibancada onde os torcedores assistem ao jogo. *Strike* 1. Placar: 2 a 1.

Já que você é o rebatedor líder — *lead-off hitter* —, o primeiro que rebate para seu time, provavelmente é abençoado pela velocidade nos pés. Seu trabalho é atingir a base ou chegar à primeira base sem fazer um *out*. É possível que você considere um *bunt*, um golpe encurtado e fraco cujo propósito é de tocar a bola e afastá-la apenas alguns metros do *home plate*, onde a defesa, pega de surpresa, lutaria para dar conta do lance. Um corredor veloz que consegue mandar um *bunt* é uma força ofensiva potente. Existem diferentes versões do *bunt*, dentre as quais o *drag bunt*, um raríssimo meio de ataque no qual o rebatedor, sempre a partir do lado esquerdo (pois fica um pouco mais perto da primeira base), começa sua corrida ao mesmo tempo que arrasta o bastão, esforçando-se para fazer contato enquanto dispara pela *baseline* (linha da base, também a *foul line*) em direção à primeira base. (Mencionei isso apenas porque nosso herói, Joe Castle, manda um *drag bunt* no capítulo 2.)

Mas você descarta a ideia de um *bunt* e decide bater de qualquer forma. O quarto arremesso em nossa sequência é um *slider*, digamos, e não tenho certeza do que um *slider* faz, mas sei muito bem que é muito difícil de rebater, caso tenha sido arremessado devidamente. Este aqui é perfeito, você é enganado pelo arremessador, não ataca e o árbitro grita “*Strike 2!*”. O placar marca 2 a 2; mais um *strike* e você

está fora ou volta para o banco sem nada para mostrar seus esforços no *home plate*. Um *strikeout* (eliminação por 3 bolas boas) é uma das falhas mais humilhantes durante uma oportunidade no bastão, mas há outras.

O beisebol é um jogo de falhas e fracassos. Sua quantidade de *outs* (eliminações) supera qualquer outra coisa. De fato, se você conseguir um *hit* (rebateda indefensável) — chegar à primeira base antes da bola — em apenas 30 por cento de suas oportunidades no bastão, você será o supracumulo, um verdadeiro astro, alguém vai lhe pagar milhões em cada temporada, e as autoridades locais acabarão votando em sua inclusão no Hall da Fama (o repouso final de todo grande jogador).

Cada equipe consegue três *outs* durante cada *inning* (entrada) ou sua vez de *at-bat*. Uma partida tem nove *innings*. A equipe visitante rebate primeiro no início do *inning* até que sofra três *outs*; então a equipe local rebate no final do *inning* até que faça o contrário. Ao final de nove *innings*, a equipe que tiver marcado o maior número de *runs* ganha o jogo. Se, no final dos nove *innings*, houver empate, a partida continua em *innings* extras, com cada equipe recebendo três *outs* por *inning*. Por fim, uma equipe acabará marcando mais pontos que a outra e o jogo é dado por encerrado. O jogo mais longo da história teve 26 *innings* e durou mais de oito horas.

Com o placar marcando 2 a 2, o *pitcher* manda o arremesso seguinte e você tem menos de um segundo para decidir se o arremesso lhe convém. Caso o considere bom, você manda o bastão, faz um bom contato e bate uma bola rasteira na direção geral da interbase, entre as segunda e terceira bases. Uma bola rasteira é exatamente o que o nome sugere; ela cruza o campo interno quicando, ao contrário da bola aérea, que é lançada para cima e cruza o ar. Existe ainda uma *line drive*, uma bola a meia-altura, arremessada com força, que não toca a superfície, mas ganha pouca altitude.

Assim que você bate na bola, é obrigado a largar o bastão e disparar em direção à primeira base. O interbase agarra a bola com a luva, finca os pés no chão e a atira para a primeira base, onde o primeira-base corre para pegar a bola. Neste ínterim, você está a todo vapor cruzando o *base path* (caminho da base), tentando pisar na primeira base antes de a bola chegar. O primeira-base finca o pé na primeira base e prepara-se para pegar o arremesso do interbase, e, se conseguir antes de você pisar na primeira base, então você se dá mal. E o *out* número 1 (primeira eliminação) para sua equipe, no início do primeiro *inning*. Se, no entanto, você “driblar o arremesso”, ou pisar

na primeira base antes da chegada da bola, ganha um *hit*, uma bola lançada que o coloca na primeira base. Em um esforço para driblar o arremesso, você pode cruzar a primeira base e desacelerar depois. Entretanto, não pode cruzar as segunda e terceira bases enquanto avança ao redor do campo interno.

Conseguir *hits* é o elemento mais importante no beisebol ofensivo. Eles se apresentam em uma grande variedade. Um *single* é um *hit* que leva o rebatedor à primeira base. Um *double* (*hit* de duas bases) leva-o para a segunda. Um *triple* (*hit* de três bases) leva o corredor à terceira. E um *home run* é uma bola belamente batida que viaja uma longa distância no ar, saindo fora do campo externo, e causa o maior *frisson* nos espectadores. Uma rara jogada é o *inside-the-park-home-run*, na qual a bola não passa por cima da cerca ou da parede, mas quica ao redor do *outfield* enquanto um corredor veloz dá voltas pelas bases e marca ponto no *home plate*. Existe ainda o *grand slam*, mas deixemos esse para depois.

Já que você é um atleta de categoria e veloz, rebate a bola para a primeira. O árbitro o declara “Seguro!”, e sua jogada começou bem. Uma vez que a bola não alcançou o *outfield*, a jogada se chama *infield hit* (rebatida indefensável no campo interno). Um *bunt* bem-sucedido compartilharia a mesma classificação.

Agora que você está na primeira base, só consegue pensar em uma coisa: chegar à segunda base. Há várias formas de se fazer isso, algumas mais perigosas que outras. O *pitcher* está com a bola, na base de lançamento, e olha para você sobre os ombros. O primeira-base está de pé na primeira base porque você, agora como um corredor, tem o direito de tentar se aproximar da segunda base. Mas é preciso ter cautela, pois o *pitcher* pode mandar a bola para a primeira, onde o primeira-base a pegaria com a luva e procura tocá-la contra seus pés, ou suas pernas ou braços enquanto você desesperadamente dispara de volta para a segurança da primeira base. Esta é uma tentativa de *pickoff* (eliminação de um corredor), e se der certo, você terá se dado mal. Você sofreu um *out* imperdoável, e deve retornar ao banco de reservas.

Mas você é muito esperto para isso e não há nenhuma tentativa de *pickoff*. O *pitcher* entra em um *stretch*, que é um *ivind-up* modificado, usado quando há corredores na base, e faz um arremesso para o *home plate*, onde seu colega de equipe, o rebatedor número 2 na ordem de rebater, ou *lineup*, desfruta agora de uma oportunidade no bastão. “Strike 1!”, diz o árbitro. O receptor olha para você, então

lança a bola de volta para o *pitcher*, que está parado na base de lançamento, com um pé na *rubber*, e olha fixamente para o receptor, que está decidindo qual dos arremessos citados anteriormente ele prefere agora. Com os dedos da mão direita, o receptor sinaliza para o *pitcher*. O *pitcher* concorda, faz que sim com a cabeça e entra em seu *stretch*.

O *stretch* é cuidadosamente monitorado pelos árbitros. Seus movimentos são exatos e limitados, e caso um *pitcher* tente enganá-lo na primeira base com um movimento falso durante o *stretch*, um dos árbitros anunciará um *balk*. Você ganhará a segunda base de mão beijada. Mas os *balks* não são nada comuns durante os jogos.

Seu treinador, que se encontra no *coach's box* (área do treinador) no território de *foul* (fora do quadrado), próximo à terceira base, faz uma série de movimentos (chamados “sinais”) com as mãos, por meio dos quais ele manda que você “roube a segunda base”. Trata-se de uma arriscada estratégia ofensiva que funciona 60 por cento das vezes, mas não lhe resta escolha. Você toma a dianteira, observa o *pitcher* para se certificar de que ele não tentará fazer um *pickoff*, e quando ele começa o arremesso para o *home plate*, você se vira e dispara em direção à segunda base. São os 27 metros mais longos que você correrá na vida. Os receptores têm braços fortes. Lançam a bola para o campo interno sem medo e com uma precisão assustadora e sentem-se insultados quando um corredor tenta roubar uma base. O segundo rebatedor, seu colega de equipe, ataca o arremesso e não acerta. O receptor apanha a bola enquanto dispara na posição vertical e, em uma fração de segundo, descarrega uma bola para a segunda base, onde o segunda-base corre para pegar. Enquanto dispara em direção à segunda base a todo vapor, você executa um *slide* (deslizamento), um movimento de mergulho com os pés para a frente, tudo para driblar o arremesso do receptor. Os jogadores mais corajosos deslizam de cabeça na base, mas geralmente não têm uma carreira longa.

Roubar uma base é uma das jogadas mais emocionantes do beisebol. Ela ocorre tão depressa — um corredor veloz, um receptor violento no arremesso, poeira suspensa no ar, corpos que às vezes se chocam, e, sempre, o árbitro na cola da jogada.

Você toca a segunda base com o pé no exato momento em que a luva com a bola é atirada contra seu braço, e o árbitro grita “Seguro!”. No sumário estatístico do jogo, ou *box score*, você tem agora uma base roubada. Você pede tempo, passa a mão para limpar o uniforme e começa a pensar na terceira base.

No arremesso seguinte, o rebatedor manda uma bola aérea longa para o *left field*, que é agarrada no ar pelo defensor esquerdo (ou *left fielder*) para o primeiro *out* do *inning*. Isso se chama *fly out*, ou *pop out*. Uma *line drive* agarrada por um jogador de defesa chama-se *line-out*. Você está impossibilitado de avançar. O próximo rebatedor manda uma bola rasteira para o interbase, que a agarra, olha para você para se certificar de que você não está pensando em disparar para a terceira base, então arremessa a bola para a primeira base e marca o segundo *out*. Como não há corredor na primeira, você não é forçado a correr para a terceira. Se houvesse um corredor na primeira, ele, é claro, seria forçado a correr para a segunda atrás da bola rasteira, o que, por sua vez, forçaria você a correr para a terceira.

O quarto rebatedor para sua equipe chega ao *plate*. Ele é conhecido como o *cleanup*, pois espera-se que ele esvazie — “limpe” — as bases, retirando delas os corredores ou atraia todos na base. Geralmente, os melhores rebatedores aparecem nas posições 1 até 5 da *lineup*, com os mais fracos por último. Os *cleanup* são fortes e atiram belíssimos *home runs*, que são também conhecidos, na gíria do beisebol, como “bombas, explosões, disparos milimetricamente calculados” entre diversos outros termos descritivos. Uma vez que geralmente se viram para a cerca, eles também marcam muitos *strikeouts*. E, como são temidos, os *pitchers* tomam bastante cuidado ao enfrentar os *cleanup hitters*.

Digamos que o *cleanup* de sua equipe seja particularmente assustador e esteja em meio a uma agitação. Com a primeira base “aberta” (sem nenhum corredor a ocupando), e com as duas eliminações, o *pitcher* decide fazer uma jogada segura.

Ele “arremessa ao redor do rebatedor”, ou, em outras palavras, faz alguns arremessos fora da *zona de strike*. Quando o árbitro anuncia “Bola 4!”, o *cleanup* ganha um *walk* e caminha para a primeira base. Você está na segunda, ele na primeira, e ainda há dois *outs*.

Você considera a possibilidade de roubar a terceira base, mas tal tentativa é ainda mais arriscada do que roubar a segunda, pois a distância do *home* para a terceira é menor; logo, o arremesso do receptor é mais curto. As chances de dar certo são de 2 em 5, e seu treinador reprova a ideia. Você fica onde está, sai da segunda base e observa enquanto seu colega, o rebatedor número 5, finca os pés no *plate*. O primeiro arremesso é “na terra”, um *wild pitch* (arremesso selvagem) — que quica antes do receptor conseguir agarrá-lo. Rola alguns metros, permitindo que você dispare para a terceira base. O *cleanup* corre da primeira para a segunda base; ambos os corredores

avancam. Cada jogo tem um anotador oficial, e caso ele julgue que o receptor tenha pego a bola, então marca como uma bola passada, um erro do receptor. De qualquer forma, é um erro defensivo.

O arremesso seguinte é uma bola rápida na metade inferior da *zona de strike*, e o rebatedor ataca, faz contato e manda uma bola rasteira bem forte em direção ao terceira-base, que não a pega corretamente. Quando finalmente ele agarra a bola e está pronto para arremessá-la para a primeira base, é tarde demais. O marcador de placar marca um erro para o jogador de base, outro erro defensivo.

Com corredores nas primeira, segunda e terceira bases, as “bases estão lotadas”. Ainda há dois *outs* (duas eliminações), e o sexto rebatedor chega ao *plate*. Com um início tão ruim, o *pitcher* está provavelmente chateado a essa altura. Ele tenta fazer o que os *pitchers* sempre fazem quando se sentem frustrados — atiram a bola com toda a força. Isso geralmente causa mais problemas. Seu segundo arremesso é uma bola rápida, e o rebatedor esotraalha, faz um contato perfeito e manda uma bomba. A bola passa do muro no campo esquerdo, um lindo *home run*. E, uma vez que as bases estão lotadas, não se trata de um simples *home run*, mas de um *grand slam*. Marcam-se quatro *runs*.

Você trota para o *home*, pisa no *plate* e marca o primeiro *run*. É seguido por corredores que estavam nas segunda e primeira bases. Quando o *cleanup* conclui seu *home run trot* (a caminhada para pontuar), pisando no *home plate*, ele marca seu quarto *run*.

Após o terceiro *out*, as equipes trocam de lugar. Os nove jogadores defensivos saem do campo e vão para o banco, onde trocam as luvas por bastões. Você e seus colegas largam os bastões e pegam suas luvas. No final do primeiro *inning*, a equipe local rebaterá e sua equipe “tomará o campo”. Digamos que você seja o segunda-base. O primeiro rebatedor manda uma *line drive* no meio para um *base hit*. Ele está agora na primeira base. O segundo rebatedor ataca três vezes, mas não acerta, por um *strikeout*. Primeira eliminação. O terceiro rebatedor manda uma bola rasteira para o interbase, que a pega e a joga para você que, neste momento, “cobre” a segunda base. Quando você, pega a bola, o corredor, que está na primeira base, forçado a correr para a segunda, está fora. Segunda eliminação. Assim que você pega a bola, manda para a primeira base e dribla o corredor (o rebatedor) para completar um *double play* (eliminação dupla). Terceira eliminação. Em questão de segundos, registram-se os segundo e terceiro *outs* (eliminações), e é encerrado o primeiro *inning*. Os *double plays* são rotineiros e os lances defensivos mais importantes.

No segundo *inning*, você está no *on-deck circle* (um círculo

próximo ao seu banco de reservas, onde aguarda sua vez de rebater). Uma vez que sua equipe enviou oito rebatedores ao *plate* no primeiro *inning*, o nono rebatedor lidera o segundo *inning*. Você, como primeiro rebatedor, o acompanha. O nono rebatedor é sempre o *pitcher*, e os *pitchers* são péssimos rebatedores. Entretanto, nesta noite maravilhosa, seu *pitcher* manda uma bola “no meio”, bem em cima da segunda base, fazendo um raro *base hit* (rebatida boa de uma base).

Você é o próximo. Finca o pé no *home plate* e prepara-se para o arremesso. Digamos que você e este *pitcher* já se conheçam há alguns anos e que não tenham lá boas recordações juntos. Ele não gosta de você e você não vai com a cara dele. Ele não está jogando bem esta noite e por algum motivo (e geralmente não há nenhum motivo plausível) este *pitcher* decide arranjar encrenca dando uma bolada intencional — *bean ball* —, uma bola rápida, deliberadamente arremessada para atingir a cabeça do rebatedor. Ele se prepara e manda a bola na sua cabeça. No último instante, você consegue se desviar e por pouco não leva uma bolada. Você se irrita com isso e berra alguns palavrões para o *pitcher*, que responde, e logo o árbitro manda que os dois se acalmem. Estou mencionando a bolada intencional apenas porque ela aparece na trama de *Calico Joe*. Em raríssimas partidas profissionais, vê-se uma bolada intencional. Porém não é raro que um *pitcher* arremesse a bola bem próxima a um rebatedor, e há diversas razões estratégicas que justificam tal ato. Um arremesso tão próximo assim é chamado de *brushback* ou *chin music*.

A contagem marca uma bola, nenhum *strike*. Você ainda não se esqueceu da bolada intencional, e o *pitcher* arremessa uma bola rápida perfeita no canto externo (na borda do *home plate*, quase um *strike*). Uma bola, um *strike*. Você se esquece da bolada e se concentra em conseguir um *hit*. No próximo arremesso você marca um *foul off*. Uma bola, dois *strikes*. O próximo arremesso é uma beleza, e você o rompe na brecha entre o defensor esquerdo e o defensor central. Seu *pitcher*, que está na primeira base, facilmente vira o placar para 5 a 0. Você para na segunda base para uma *double*, e uma corrida impulsionada — em inglês, Run Batted In, ou RBI. Um rebatedor com muitos RBI's terá uma carreira longa e gratificante.

O rebatedor seguinte, o segundo na *lineup* de sua equipe, manda uma *pop fly*, que cai no território *de foul*, onde é pega pelo defensor da terceira base para um *out*. Em território *de foul*, pode-se jogar uma bola aérea, ao passo que uma rasteira é proibitiva.

O segundo rebatedor faz um *strikeout*, deixando você “encalhado” ou abandonado na base. Você sai trotando, pega a luva e

assume sua posição de defesa. Já que a metade de seu *inning* está encerrada, você não terá permissão para retornar à segunda base no *inning* seguinte. A equipe oponente não causa nenhum estrago no final do segundo *inning*. Enviam três rebatedores para o *plate'*, os três são “recuados em ordem”. São “três para cima e três para baixo”.

(Não se preocupe — este posfácio não cobrirá os 9 *innings* de uma partida completa.)

No início do terceiro *inning*, o *pitcher* oponente se mete em mais confusão. Cede dois *walks* para dois rebatedores e em seguida abre mão de outro *double*. Torna-se óbvio que ele “não está com nada” e precisa ser retirado do jogo. É raro para um *pitcher* iniciante arremessar em todos os 9 *innings*, ou uma “partida completa”. O treinador já se contenta se ele conseguir sobreviver a 6 ou 7 *innings* antes de ser trocado por um *pitcher* reserva, ou *reliever*. Em um elenco profissional há vinte e cinco jogadores, dez dos quais são *pitchers* ou arremessadores. Dos dez, cinco são iniciantes e cinco *relievers* ou reservas.

O sucesso de um *pitcher* é mensurado por vitórias e derrotas. Em todo jogo há um *pitcher* vencedor e outro perdedor. Outra medida de sucesso é a média de corridas merecidas — ERA (Earned Run Average) — cedidas pelo *pitcher*. Em termos gerais, este é o número de corridas que um *pitcher* cede por partida.

O beisebol é um esporte de infinitas estatísticas, mas apenas algumas delas são de vital importância. Para um rebatedor, vale sua média de rebatidas e RBI (Média de Corridas Impulsionadas). Para um arremessador ou *pitcher*, o importante é sua proporção de vitórias e derrotas e sua ERA.

Uma equipe profissional de beisebol conta com uma equipe de treinadores. Dentre os mais importantes estão o treinador de arremessos, o treinador de rebatidas, *on-field* em território de *foul* próximo às primeira e terceira bases e o treinador do banco. O chefe é o técnico, um sábio e aguerrido guru que comanda o banco, toma as decisões cruciais, arma as estratégias e é o primeiro a ser demitido quando a equipe começa a perder. Por algum motivo, ele e seus treinadores usam uniformes idênticos aos dos jogadores. Isso é sempre motivo de piada, na medida em que esses guerreiros de idade avançada tentam parecer em forma e joviais com uniformes apertados feitos em poliéster. Após anos de pesquisa, ainda não encontrei uma explicação razoável para o fato de os treinadores se vestirem como os

jogadores. Imagine um técnico de basquete (um cara de meia-idade, baixinho e rechonchudo) vagando pelas linhas laterais de tênis, short folgado e uma camiseta regata. Ou um técnico de futebol americano com ombreiras e capacete.

Mas acabei desviando o assunto.

De volta ao *pitcher* encrencado. É hora de uma mudança no arremesso, então o técnico sai do banco, pede tempo e caminha vagarosamente até a base de lançamento. Enquanto isso, dois *relievers* se preparam na área de aquecimento — o *bullpen* —, uma área fechada fora do campo externo, onde os *pitchers* de reserva passam o tempo se aquecendo para entrar no jogo. Como geralmente estão entediados, muitas piadas de mau gosto ambientadas no mundo do beisebol se originam na área de aquecimento.

O técnico sinaliza para que um *reliever* entre em campo. O *pitcher* iniciante abandona a base de lançamento após um mau começo e vai para o banco. Sua participação esta noite chega ao fim, portanto ele não pode mais jogar nesta partida e passará os próximos três ou quatro dias sem poder arremessar, pois precisa descansar o braço. O substituto assume a base de lançamento, faz alguns arremessos para aquecer e está pronto para encarar o próximo rebatedor.

Seu time está na frente por 7 a 0 no início do terceiro *inning*, com um corredor na segunda e nenhum *out*. O *pitcher* iniciante da equipe oponente acaba de ser “mandado para o chuveiro” ou sofreu outras humilhações descritivas que não podemos mencionar aqui. Com tamanha vantagem, é muito provável que sua equipe saia vitoriosa, e caso continue ganhando cerca de 60 por cento dos jogos, ela se qualificará para as partidas de desempate divisionais e talvez até ganhe o título e em seguida chegue à World Series, que é uma série melhor de sete entre as ligas Americana e Nacional.

(Sim, temos a clara noção de que grande parte do mundo não joga beisebol. Além disso, nos recusamos a incluir outros países jogadores de beisebol em uma série mundial. Como tudo mais com relação ao beisebol, é complicado.)

Assim, após cinco mil palavras, eu o levei de seu primeiro *at-bat* à *World Series*. Espero que consiga agora assistir a uma partida de beisebol e compreenda o básico. A plena compreensão de todo e qualquer aspecto complexo da partida tira toda a graça do jogo. Deixe isso para os jogadores, treinadores, técnicos, cronistas e romancistas.

[1] Para facilitar a compreensão do leitor que não conhece o jogo, dicas do autor sobre beisebol, suas regras e técnicas, no posfácio desta edição. (N. do E.)